

**ELZA FÁTIMA ROSA VELOSO**

**FORMAÇÃO PRÉ-EMPRESA:  
ESCOLHAS PROFISSIONAIS E VISÃO DE MUNDO  
DOS CONCLUINTES DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA PÚBLICA**

MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SÃO PAULO

2003

**ELZA FÁTIMA ROSA VELOSO**

**FORMAÇÃO PRÉ-EMPRESA:  
ESCOLHAS PROFISSIONAIS E VISÃO DE MUNDO  
DOS CONCLUINTES DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Administração, área de concentração: Organização de Recursos Humanos, sob a orientação do Prof., Doutor Leonardo Nelmi Trevisan.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**SÃO PAULO**

**2003**

# **FOLHA DE APROVAÇÃO**

## **FORMAÇÃO PRÉ-EMPRESA: ESCOLHAS PROFISSIONAIS E VISÃO DE MUNDO DOS CONCLUINTES DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA PÚBLICA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APROVADA PELA SEGUINTE BANCA

EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Leonardo Nelmi Trevisan

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria José Tonelli

---

Prof. Dr. Ladislau Dowbor

***Ao meu marido, André Lins Veloso.***

## **Agradecimentos**

*Em um trabalho desta natureza, muitos são os agradecimentos devidos. Várias pessoas colaboraram, de diferentes formas, para a conclusão da pesquisa.*

*Agradeço especialmente – pelas oportunidades propiciadas, pelo incentivo constante e pela amizade – ao meu orientador Prof. Dr. Leonardo Nelmi Trevisan, a quem todos os agradecimentos são poucos.*

*Agradeço também aos responsáveis pelas escolas estaduais: Caramuru, Prof. Moacyr Campos e Jorge Duprat Figueiredo, por permitirem o acesso indispensável à realização do levantamento de dados para o desenvolvimento do estudo;*

*À Capes, pela bolsa concedida durante o último semestre;*

*À Rita Freire, pelas leituras e críticas;*

*À Elza Freire e André Veloso, pela compreensão e estímulo;*

*À Assunção, Hélio Silva e Ronaldo Rosa, pelas distintas contribuições.*

## Resumo

A perspectiva profissional de jovens com idade entre 16 e 24 anos, concluintes do ensino médio nas escolas públicas da Vila Antonieta e do Jardim Santa Terezinha – bairros da Zona Leste da cidade de São Paulo – foi analisada nesta dissertação a partir do confronto teórico entre Antonio Gramsci e Theodore Schultz. O projeto gramsciano de “escola unitária” e a Teoria do Capital Humano ofereceram as balizas para a investigação sobre a percepção que jovens moradores de bairros reconhecidos como “não nobres” da Capital tem da escola, do trabalho, enfim, a visão de mundo que orienta suas tentativas de inserção no mercado profissional e de continuidade dos estudos. Instrução formal e potencial do “novo talento” – expressão utilizada para designar o jovem pesquisado – foi vinculada à necessária aproximação do ensino médio ao que chamamos de *formação pré-empresa*. Esse conceito discute a capacitação mínima oferecida à clientela da escola pública para enfrentar a primeira disputa por postos no mercado de trabalho. Questionários de múltipla escolha foram aplicados a uma amostra probabilística selecionada visando explicitar as diferenças de perspectivas encontradas em dois “grupos de jovens” – os da Vila Antonieta e os do Jardim Santa Terezinha – que, aparentemente, pertencem a um mesmo contexto social, mas apresentam sensíveis diferenças de visão de mundo no momento da escolha profissional. A constatação de que a inserção profissional do jovem carente está vinculada apenas à oferta de emprego de menor qualidade não dá mais conta das múltiplas ambições e escolhas profissionais encontradas no universo pesquisado.

**Palavras-chave:** Jovem. Educação. Trabalho. Escola. Empresa.

## **Abstract**

The public High school graduates', aged between 16 and 24 years, from East side neighbourhoods of São Paulo – Vila Antonieta and Jardim Santa Terezinha – professional perspective was analysed through the theoretical confrontation between Antonio Gramsci and Theodore Schultz. The gramscian project of “unified school” and Human Capital Theory guided the investigation on how the less privileged neighbourhoods young citizens extract from their schools and their jobs, the will to enter the professional market and to continue with their studies. The “new talent’s” – expression assigned to the young people in question – formal habilitation is directly linked to the necessary relation to High school, which is called *pre company education*. This concept is related to the minimal capacity given to the public students in order to face a competition for a place in the working environment. Multiple choice questionnaires were applied to show the differences between the working perspectives found in two groups of young people – the ones from Vila Antonieta and the ones from Jardim Santa Terezinha – who apparently belong to the same social context but have sensitive differences when it comes to the moment of the professional choice. The statement that implies that the beginning of young person’s professional career is only linked to the offer of lesser paying jobs, does not apply any more to the multiple ambitions and professional choices of the public in question.

**Keywords:** Young People. Education. Work. School. Company.

# Sumário

<b>1- Introdução</b> .....	9
<b>2- A contribuição da educação formal na formação pré-empresa: a vantagem competitiva desenvolvida na escola</b> .....	17
2.1- <i>Educar para quê?</i> .....	18
2.2- <i>A vantagem competitiva desenvolvida na escola</i> .....	25
<b>3- O trabalhador do futuro e o atual mundo do trabalho</b> .....	29
3.1- <i>O trabalhador do futuro</i> .....	29
3.2- <i>O atual mundo do trabalho</i> .....	33
<b>4- Vila Antonieta e Jardim Santa Terezinha: O novo talento da Zona Leste de São Paulo</b> .....	37
4.1- <i>Apresentação da pesquisa – Metodologia</i> .....	38
4.2- <i>Amostragem e população pesquisada</i> .....	43
4.3- <i>Perfil dos pesquisados</i> .....	45
4.4- <i>O novo talento da Zona Leste como capital humano das     organizações</i> .....	50
<b>5- As possibilidades de trabalho na visão do novo talento da Zona Leste</b> .....	57
5.1- <i>A teoria do capital humano no contexto da pesquisa</i> .....	58
5.2- <i>A importância do trabalho para o novo talento</i> .....	61
5.3- <i>A situação profissional do novo talento</i> .....	65
5.4- <i>As expectativas profissionais do novo talento</i> .....	76
5.5- <i>Escolhas profissionais e visão de mundo do novo talento</i> .....	82
5.6- <i>As barreiras vislumbradas pelo novo talento na busca por trabalho</i> ....	97
5.7- <i>O vínculo entre o trabalho e a educação do novo talento</i> .....	102
<b>6- A escola como ferramenta para a profissionalização do novo talento</b> .....	104
6.1- <i>Escolaridade como alavanca da formação pré-empresa do novo     talento</i> .....	105
6.2- <i>A educação como instrumento da profissionalização do novo talento</i>	112
6.3- <i>A escolaridade como alavanca para a continuidade dos estudos do     novo talento</i> .....	117
6.4- <i>Avaliação da escola pelo novo talento</i> .....	130
6.5- <i>A imagem do futuro do novo talento</i> .....	135
<b>7- Considerações finais</b> .....	138
<b>8- Referências bibliográficas</b> .....	142



## 1- Introdução

*Educação e trabalho* são temas bastante discutidos atualmente. A relação entre essas duas áreas vem preocupando não só os profissionais do campo educacional ou os que lidam com os recursos humanos das organizações, mas toda a sociedade brasileira.

A pesquisa sobre a perspectiva profissional dos jovens residentes em bairros da Zona Leste da cidade de São Paulo – uma região carente e cheia de contrastes – exigiu uma aproximação com as escolas públicas de ensino médio. A situação profissional dos alunos dessas escolas é parte da realidade do mercado de trabalho brasileiro. Conhecer essa situação, investigar a percepção de parte desses jovens do trabalho e da escola, amplia nossa visão da educação e do trabalho na *nossa* realidade.

Selecionadas as escolas públicas de ensino médio da Vila Antonieta e do Jardim Santa Terezinha, dois bairros de classe média-baixa da Zona Leste, em novembro de 2002, aplicaram-se questionários aos alunos do terceiro ano do curso regular dessas escolas, com idade entre 16 e 24 anos. Ao concluir essa etapa, esses alunos estão em fase de transição e, conseqüentemente, de tomada de decisões, especialmente quanto à continuidade de seus estudos.

A preocupação com investimentos pessoais em educação tem invadido a consciência dos brasileiros dos vários segmentos sociais, e não é absolutamente infundada, pois o valor de uma boa escolarização pode ser percebido em vários momentos da vida profissional dos indivíduos.

Entre os que estão sem trabalho e buscam colocação no mercado, as dificuldades ou facilidades para o alcance de determinados objetivos e a realização de ambições profissionais têm, de modo geral, relação direta com os investimentos em educação – o grau de escolaridade, os cursos profissionalizantes, de línguas etc. Entre os que já alcançaram uma dada colocação profissional, a constante atualização do nível educacional é muitas vezes determinante para a manutenção do espaço conquistado. “Na sociedade programada, dominada pelos grandes organismos administrativos, o lugar que cada um ocupa é definido por critérios meritocráticos, por diplomas.” (TOURAINÉ, 1988, p. 171)

Além da conscientização do trabalhador sobre a interdependência entre educação e trabalho, nas empresas, a importância da formação de um corpo funcional qualificado, detentor de um adequado nível educacional, é percebida nos resultados dos negócios.

A relação educação/trabalho induz a transformações nos dois pólos do binômio. Se, de um lado, cresce a exclusão dos que têm um baixo nível de instrução do mercado de trabalho e emprego, de outro, o sistema educacional recebe pessoas cada vez mais preocupadas com a qualificação profissional. Correta ou não, essa relação é notória e merece especial atenção, pois, segundo Touraine, na sociedade programada, “os laços do ensino com a atividade profissional tornam-se mais do que nunca estreitos, a tal ponto de não se poder sequer separá-los”. (TOURAINÉ, 1988, p. 171)

Ao relacionar qualificação profissional com educação no contexto brasileiro, adentra-se um assunto complexo, que merece especial cuidado. Sem desconsiderar o fato que a educação escolar tem funções mais amplas do que apenas formar para o trabalho, a designação *formação pré-empresa*, abertura do tema proposto, está diretamente ligada à instrução formal.

O estudo do tema do presente trabalho – *Formação pré-empresa – Escolhas profissionais e visão de mundo dos concluintes do ensino médio na escola pública* – justifica-se pela relevância da formação de mão-de-obra para a sociedade brasileira. No Brasil, as ferramentas acessíveis aos jovens nem sempre garantem condições favoráveis para o seu crescimento em campos básicos da vida social, entre os quais o trabalho é um dos principais.

Além da preocupação com a fase de formação do jovem enquanto cidadão, o tema sugere uma reflexão sobre os recursos oferecidos pela escola aos jovens, no que se refere ao trabalho; em outras palavras, propõe-se a reflexão sobre o ensino médio como fator de segurança na busca de inserção no mundo do trabalho – caracterizado por constantes mudanças não só das instituições e dos vínculos que disponibiliza, mas também da postura exigida dos profissionais.

A expressão *formação pré-empresa* contempla a relação entre a atual situação do trabalho no Brasil e uma das fases da formação escolar dos jovens – o ensino médio. O uso dessa expressão não pretende reduzir a educação à formação para o trabalho ou o trabalho ao emprego assalariado em empresas, mas antes esclarecer que as empresas recebem pessoas com formação obtida

fora do contexto empresarial. Além disso, muitos dos que buscam qualificação no ensino médio o fazem para conseguir uma ocupação no mercado de trabalho formal, que hoje é cada vez mais restrito – apenas 58,7% dos brasileiros ocupados são contratados sob a forma assalariada<sup>1</sup>. Nesta pesquisa, essa expressão designa o ensino médio sob a perspectiva da formação para o trabalho.

A escolarização se destaca entre os fatores que compõem a formação das habilidades de uma pessoa. Para avaliar a contribuição da escola – não só no desenvolvimento de habilidades para a execução do trabalho, mas também da capacidade de fazer escolhas profissionais adequadas –, é preciso investigar as reais dificuldades encontradas pelos jovens no momento da sua inserção no mercado.

Ao tratar da escola pública de ensino médio, há que considerar que as escolas elaboram seus currículos segundo as orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, portanto, que decisões sobre a escolha das disciplinas e a carga horária, entre outras, não são arbitrárias, mas seguem determinados padrões. A forma como se aplicam esses padrões em cada escola influi direta ou indiretamente na produção do conhecimento e na visão dos alunos sobre a própria capacidade.

Entre os efeitos da vivência escolar, a *formação para o trabalho e a possibilidade de continuidade dos estudos* são fatores bastante importantes nas expectativas do jovem. A transformação do conhecimento retido durante a fase escolar – especialmente no ensino médio – em segurança para enfrentar desafios nos campos educacional e profissional é essencial para o futuro do novo talento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a formação do aluno no ensino médio tem como alvo principal a “aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação”. Formalmente, a proposta é :

“(…) de formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações,

---

<sup>1</sup> “A situação do trabalho no Brasil”. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos. (DIEESE), 2001, p. 47.

analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização.”<sup>2</sup>

Para os alunos de escola pública, além dessas, há uma necessidade imediata de soluções práticas para a inserção no mercado de trabalho, em muitos casos para custear a continuidade dos estudos para melhoria ou manutenção da condição social da família. Assim, a expressão *formação para o trabalho e possibilidade de continuidade dos estudos* pretende advertir de que a conclusão do ensino médio não encerra a demanda do jovem estudante por formação educacional, mas deve significar que sua formação básica o habilitou ao trabalho e à continuidade dos estudos, seja em nível superior ou em outro tipo de curso. Essa referência supõe o ensino médio como ponto de partida do jovem na busca de maior grau de instrução e novas aptidões para o trabalho.

### ***A investigação da formação pré-empresa***

Para conhecer a influência da educação pública na visão dos concluintes do ensino médio regular, a hipótese levantada é a de que ela os estigmatiza e acaba restringindo suas opções na busca de vaga na universidade pública ou nos melhores trabalhos. É mesmo possível pensar que, em certas circunstâncias, estimula-lhes a baixa auto-estima, reforçando sua situação de pobreza e exclusão social. A idéia inicial é que a escola pública, em certos casos, concorre para a visão da sociedade e dos próprios alunos de que essas vagas já estão reservadas para as classes privilegiadas da população.

Contudo, não se pode desconsiderar que a diferença de classes e a exclusão social no Brasil têm origem em problemas estruturais e conjunturais como o desemprego, por exemplo. Só na região metropolitana de São Paulo, em abril de 2003 o número de desempregados chegava a quase 2 milhões<sup>3</sup>.

No cenário mundial, “constatamos por toda a parte a crescente distância entre ricos e pobres, inclusive em países desenvolvidos”. (DOWBOR, 2000, p. 71)

---

<sup>2</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Médio, Parte I – Bases Legais, p. 6. Disponível em <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)> Acesso em 5 de abril de 2003.

<sup>3</sup> “Desemprego e queda na renda são recordes em SP”. PED/SEADE, 2003. Jornal *O Estado de São Paulo*, 29 de maio de 2003. Disponível em <[www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/05/29/eco028.html](http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/05/29/eco028.html)> Acesso em 31 de maio de 2003.

No Brasil, a necessidade de reduzir essa distância faz com que a estrutura educacional tenha hoje novas responsabilidades como por exemplo, a de “aumentar a empregabilidade dos alunos através de dois eixos principais: adaptação curricular e promoção de oportunidades de primeiro emprego (incluindo esquemas de auto-emprego)”. (PEREIRA, 1999, p. 15) Além das questões relacionadas ao trabalho, importa aos alunos que se opere uma mudança de postura que favoreça atitudes de busca de acesso às possibilidades de inclusão oferecidas pela sociedade.

No contexto escolar, é essencial que se estimule o desenvolvimento da consciência de direitos sociais básicos, além da atenção permanente às mudanças correntes. No Brasil, porém, a estrutura educacional é cercada por problemas que impedem sua evolução no mesmo ritmo das mudanças sociais e tecnológicas. “A escola brasileira é conservadora, os professores, em geral, têm medo de perder a liderança do processo e ainda não houve o convencimento de que precisamos viver uma outra realidade, na sociedade do conhecimento.”<sup>4</sup> (NISKIER, 2001).

A hipótese de que a baixa auto-estima conduz a uma situação em que os alunos de ensino médio da escola pública não se arriscam na disputa das melhores possibilidades de cursos universitários é corroborada pelo censo escolar do Ministério da Educação. Segundo esses dados, em 2000, em São Paulo, 430 mil alunos concluíram o ensino médio na rede pública. No mesmo ano, 51 mil egressos de escolas públicas candidataram-se a uma vaga na Universidade de São Paulo (USP), 39 mil na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e 15 mil na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). No caso da USP, apenas 11,9% dos alunos que se formaram em escolas públicas estaduais, federais ou municipais se inscreveram no vestibular. Esse número é ainda mais desolador quando lembramos que inclui os concluintes de anos anteriores<sup>5</sup>.

Esses dados remetem à seguinte pergunta: até que ponto o conhecimento produzido na escola pública se converte em algo realmente útil para o aluno, no que diz respeito a sua segurança para continuar estudando? Se o aluno não se sente apto a concorrer a uma vaga na universidade pública, está restringindo sua

---

<sup>4</sup> “Droga na escola”. *Jornal Folha de São Paulo*, p. A-3, 28 de setembro de 2001.

<sup>5</sup> “Aluno da rede pública foge do vestibular”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-7, 18 de agosto de 2002.

qualificação, o que tem conseqüências na sua empregabilidade, e o tipo de trabalho ou emprego procurado provavelmente será, da mesma forma, restrito. Nessa situação, a dificuldade em investir no futuro é notória. É difícil ter perspectiva de futuro no campo do trabalho quando a condição presente exige resultados imediatos dos investimentos em capacitação profissional.

Em muitos casos, as escolhas profissionais dos brasileiros são determinadas pelas circunstâncias momentâneas não só dos tipos de trabalho acessíveis, mas da própria subsistência. O atual mundo do trabalho certamente não é o mesmo de alguns anos atrás. Ter um trabalho agora nem sempre significa ter um emprego estável na forma tradicional. Ser “empregável” talvez seja hoje o mais importante, pois, “nos anos 90, o comportamento das ocupações apresentou uma novidade sem paralelo histórico, por causa do enfraquecimento do emprego assalariado, sobretudo com carteira assinada”. (POCHMANN, 2000, p. 36)

Os tipos de trabalho disponíveis mudam devido a fatores como o avanço das tecnologias e tipos de necessidades do consumidor, entre outros. A percepção do mercado de trabalho se dá comumente pela divulgação de dados de emprego e desemprego, das carreiras mais promissoras etc. A ampliação dessa visão nos obriga a conhecer também o ponto de vista de jovens que estão tentando se inserir nesse mercado ou apenas melhorar suas condições de inserção. O ensino médio, com seu compromisso de proporcionar ao educando “a preparação e orientação básica para sua integração ao mundo do trabalho”<sup>6</sup>, é essencial na definição da identidade profissional dos jovens.

O universo selecionado para a pesquisa compõe-se de alunos com idade entre 16 e 24 anos, cursando a última série do ensino médio nas escolas públicas estaduais da Vila Antonieta e do Jardim Santa Terezinha. Na Vila Antonieta, a Caramuru e a Moacyr Campos; no Jardim Santa Terezinha, a Jorge Duprat Figueiredo. Aplicaram-se questionários com respostas de múltipla escolha, limitando o número de salas a quatro por período.

O trabalho é dividido em cinco capítulos, além da introdução. O primeiro, “A contribuição da educação formal na formação pré-empresa: a vantagem competitiva desenvolvida na escola”, é constituído de um apanhado teórico sobre

---

<sup>6</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Médio, Parte I – Bases Legais, p. 11. Disponível em <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)> Acesso em 2 de maio de 2003.

a atual situação da educação no Brasil e uma análise do ensino médio, a fase escolar mais próxima da escolha dos caminhos profissionais.

Essa etapa da escolarização é decisiva em vários aspectos da vida do jovem, neste trabalho, designado como *novo talento*. Considerando que todos têm aptidões naturais e adquirem certas habilidades ao longo da vida, alguns talentos são descobertos e desenvolvidos durante a vida escolar, o que influi não só em decisões sobre trabalho, mas em várias outras como, por exemplo, a continuidade dos estudos, a definição da carreira etc.

O objetivo desse capítulo é refletir sobre a maneira como o conhecimento produzido na escola pública de ensino médio contribui para as escolhas profissionais e a desenvoltura do novo talento para o trabalho.

O segundo capítulo, “O trabalhador do futuro e o atual mundo do trabalho”, discute o tema *trabalho*, e faz uma breve análise do atual mercado brasileiro e das exigências impostas a quem trabalha ou tenta se inserir nele.

Para os jovens de baixa renda, muitas vezes os recursos provenientes de um trabalho têm importância fundamental na subsistência de toda a família. A importância social do trabalho e suas formas mais comuns entre os jovens serão abordadas nesse capítulo.

No terceiro, “Vila Antonieta e Jardim Santa Terezinha: o novo talento da Zona Leste de São Paulo”, apresenta-se o universo pesquisado e discutem-se as principais características da região e dos bairros selecionados.

A proposta de pesquisar as escolas públicas de ensino médio de dois bairros tão próximos geograficamente supõe igual, a princípio, a realidade social de ambos. Entretanto, apesar da proximidade, o confronto das duas realidades mostra algumas variações, que serão examinadas nesse capítulo. Expõe-se ainda o levantamento da documentação direta, a aplicação dos questionários, a tabulação e apresentação dos dados obtidos, tanto quanto o perfil dos pesquisados a partir da renda familiar. Esse perfil e as expectativas e necessidades das organizações serão associadas ao conceito de capital humano.

No quarto capítulo, “As possibilidades de trabalho na visão do novo talento da Zona Leste”, analisam-se os resultados sobre a importância do trabalho para os jovens dos bairros pesquisados e sua situação profissional no momento da pesquisa e na fase anterior; também suas expectativas em relação à vida profissional e as barreiras enfrentadas no momento da inserção no mercado.

Finalmente, o objeto do quinto capítulo, “A escola como ferramenta para a profissionalização do novo talento”, é a escolaridade do jovem. A investigação focará as expectativas do novo talento em relação à contribuição da escola pública, da particular e de cursos profissionalizantes na procura de trabalho.



## **2- A contribuição da educação formal na formação pré-empresa: a vantagem competitiva desenvolvida na escola**

Entre os diversos aspectos da formação educacional, a educação formal, adquirida e certificada no contexto escolar, tem papel fundamental no desenvolvimento de certas habilidades. Este capítulo trata da importância da escola na vida social do novo talento: aborda teoricamente a finalidade da educação escolar, pontuando a contribuição do ensino médio na formação para o trabalho. A formação decorrente da absorção de conhecimentos durante a vivência escolar contribui para o aprimoramento da capacidade de lidar com situações sociais.

Das circunstâncias a que se expõem as pessoas na vida em sociedade, as relacionadas a trabalho e emprego são das que refletem diretamente a importância da educação formal. No momento de buscar um trabalho, os atributos pessoais não são medidos apenas pela capacitação profissional, mas também pelo pressuposto de que, de alguma forma, houve uma avaliação anterior na escola.

A avaliação é parte integrante do ensino moderno, “que se estrutura desde o século XIX com o advento das propostas burguesas associadas à idéia de escolaridade obrigatória.” (NORONHA, 2002, p. 59) No Brasil, a Constituição Federal de 1988 tornou obrigatória a escolaridade completa de 1º grau – hoje ensino fundamental – para crianças entre 7 e 14 anos de idade<sup>7</sup>. Essa obrigatoriedade constitucional, apesar de contribuir para a inclusão de grupos que antes viviam à margem da sociedade, não resolveu, num primeiro momento, o complexo problema da educação brasileira.

Apesar do esforço para a melhoria do nível de escolaridade no país, em 1996, oito anos após a instauração da obrigatoriedade constitucional, 2,7 milhões de crianças em idade escolar ainda continuavam fora da escola, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>8</sup>. A taxa de escolarização, porém, vem aumentando ao longo dos anos. O levantamento suplementar da

---

<sup>7</sup> IBGE teen – Dúvidas. “Ainda há muitos analfabetos no Brasil?”. Disponível em <[www.ibge.gov.br/ibgeteen/duvidas/analfabetos.html](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/duvidas/analfabetos.html)> Acesso em 3 de maio de 2003.

<sup>8</sup> Contagem da população, 1996, extraído de IBGE teen – Dúvidas. “Ainda há muitos analfabetos no Brasil?” Disponível em <[www.ibge.gov.br/ibgeteen/duvidas/analfabetos.html](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/duvidas/analfabetos.html)> Acesso em 3 de maio de 2003.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE confirmou “o aumento da taxa de escolarização de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos, de 75,8%, em 1992, para 89,7% em 2001”<sup>9</sup>. Esses números mostram a melhoria do acesso e da inclusão no sistema educacional, mas outros problemas como a qualidade do ensino, as condições das escolas, a evasão escolar e o papel do Estado na educação merecem atenção especial, e assim se justifica a necessidade de uma discussão teórica acerca da finalidade da educação escolar.

### **2.1- Educar para quê?**

Ao iniciar essa discussão, é preciso retomar a função histórica do Estado na educação escolar e entender seu papel no surgimento da instrução pública. Na consolidação do Estado burguês, em oposição à ordem feudal, segundo Noronha:

“cria-se uma nova concepção formal, jurídica e política de igualdade, de liberdade e de justiça, mediada pelo papel do Estado em substituição à igualdade real. O Estado burguês, neste processo, toma a si a tarefa de instruir o povo como forma de se legitimar no poder. A gênese da instrução pública está intimamente ligada a esse fato.” (Noronha, 2002, p. 61)

No surgimento do capitalismo, a educação pública foi instituída como um direito de todos. Na ruptura com o Estado feudal, a necessidade de produção de um senso comum – além do objetivo de articular os interesses das classes dominadas aos das classes dominantes – consolidou formalmente esse direito, que surgiu, portanto, mais por interesse do que por dever do Estado. Nesse contexto, a pergunta “educar para quê?” poderia ter resposta na pretensão de promover a coesão da sociedade e a articulação dos interesses de classes.

No Brasil, após a transição do regime monárquico para o republicano, o acesso à educação básica apareceu como forma de acesso social democrático. Depois da ditadura militar vigente no país desde os anos 1960, nos anos 1980, o processo de retomada da democracia ocasionou importantes transformações

---

<sup>9</sup> “Taxa de escolarização cresceu: 15,5% são beneficiados por programa social”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Brasil, p. A-11, 17 de abril de 2003.

sociais e, em 1988, promulgou-se a nova Constituição Federal, que ampliou os direitos individuais.

Hoje, constitucionalmente, o acesso à educação pública básica é dever do Estado, além de direito dos cidadãos. Na Constituição de 1988, consta que “o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo”<sup>10</sup>. Num Estado democrático, em que o poder público tem a responsabilidade de oferecer educação gratuita a todos os cidadãos, a educação escolar caracteriza-se teoricamente pela inclusão de todos nos direitos assegurados pela democracia.

Desde a década de 1990, as diretrizes neoliberais norteiam a política econômica do Estado brasileiro. Pela proposta neoliberal de modernização da economia, o papel do Estado é reduzido, inclusive em áreas essenciais como segurança pública, saúde e educação. A democratização do ensino vem sendo fortemente influenciada por esse modelo político, segundo o qual a democracia vinculada ao mercado torna os estudantes “consumidores” da educação escolar. Posto que a educação se torna um “mercado” e o ensino, um “produto”, abre-se a possibilidade de instituições privadas oferecerem educação de melhor qualidade que a oferecida pelo Estado.

Assim, a desregulamentação leva o cidadão a pagar por serviços educacionais, e alunos e pais são assediados por possibilidades de consumo nessa área. O aspecto valorizado pela política neoliberal é o de que o cidadão pode escolher o tipo de educação que quer receber ou proporcionar a seus filhos. Enfim, essa “possibilidade de escolha” se traduz em “possibilidade de pagamento”, e a escola pública torna-se alternativa para quem não pode pagar pelo “produto educação”.

Ainda pelo modelo neoliberal, o Estado é responsável por oferecer formação educacional aos que não podem pagar por esse serviço na rede privada, ou seja, a maioria da população. No ensino médio, por exemplo, a rede pública é responsável por 87% do total de matrículas. Dos cerca de 8,7 milhões de alunos matriculados nesse nível escolar em 2002, 7.569 milhões estavam matriculados nas três redes públicas – municipal, estadual e federal<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> PNE – Plano Nacional de Educação. Disponível em <[www.consed.org.br/pne\\_integra\\_2asp](http://www.consed.org.br/pne_integra_2asp)> Acesso em 17 de maio de 2003.

<sup>11</sup> “Pesquisa da Unesco quantifica desigualdade”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-4, 30 de abril de 2003.

Nas escolas particulares, a democratização é representada pela ampliação das opções, mas o número de pessoas que podem pagar e escolher não cresce proporcionalmente. No Estado de São Paulo, de 1996 a 2002, houve um aumento de 69,3% no número de escolas privadas de ensino fundamental e médio. Já a quantidade de alunos dessas escolas cresceu apenas 12% no mesmo período<sup>12</sup>. Embora nem todas as escolas particulares ofereçam qualidade melhor que as da rede pública, a fatia da população que tem condições de optar ainda é pequena. O alto custo das mensalidades escolares – que aumentaram 205% desde o Plano Real (1993) – acaba levando os alunos às escolas públicas<sup>13</sup>.

Para refletir sobre o atual contexto educacional brasileiro – atentando ao processo histórico referente ao papel do Estado na educação – é importante resgatar o pensamento do teórico social italiano Antonio Gramsci, difundido no Brasil durante as décadas de 1970 e 1980.

Gramsci estudou criticamente a escola italiana de sua época e idealizou uma escola unificada. A educação italiana, que antes tinha característica clássica, humanista e de cultura geral, não extensiva à classe proletária, no período fascista, foi reestruturada a partir da Reforma Gentile. Embora divulgada como democrática, essa reforma acentuava a separação entre as classes sociais, pois proporcionava estudos humanistas para as classes privilegiadas e, para as classes pobres, ensino profissional especializado.

No contexto fascista italiano, a pergunta “educar para quê?” provavelmente teria resposta na origem social do educando. Para a elite, a educação teria a finalidade de desenvolver aptidões intelectuais; entre os demais, formar trabalhadores manuais. Na visão crítica de Gramsci, o caráter democrático desse tipo de educação desaparecia na medida em que se determinava previamente a atividade profissional que o aluno poderia exercer no futuro, sempre de acordo com sua origem social, agravando a distinção de classes.

No atual contexto da educação brasileira, a resposta à mesma pergunta seria bastante complexa. Tomando por base a democracia, possivelmente se alegaria a necessidade de proporcionar a todos os cidadãos brasileiros o acesso

---

<sup>12</sup> “Escolas privadas têm sobra de vagas em SP”. (Pesquisa encomendada pelo Sindicato das Escolas Particulares do Estado de São Paulo – Sieesp.) *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-1, 6 de julho de 2003.

<sup>13</sup> “Escolas privadas têm sobra de vagas em SP”. (Pesquisa do Índice do Custo de Vida da classe média, elaborada pela Ordem dos Economistas de São Paulo.) *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-1, 6 de julho de 2003.

aos serviços sociais básicos, melhorando o nível educacional, reduzindo as diferenças sociais e promovendo o crescimento econômico do país.

Entretanto, se, por um lado, o acesso à educação pública é igual para todos, por outro, a qualidade superior de certas escolas particulares proporciona à elite o diferencial necessário no momento de optar por certas carreiras mais concorridas e promissoras, predeterminando o destino profissional do aluno.

Assim como na Itália de Gramsci, a distinção de classes é agravada pelos tipos de acesso à educação no Brasil de hoje. Em sua proposta, o autor sugere que as oportunidades devem ser as mesmas para todos não só quanto ao acesso, mas também quanto à qualidade do ensino, assegurando, além do aprendizado, oportunidade de continuidade dos estudos.

O pensamento gramsciano sobre as questões escolares ligava-se à situação do proletariado italiano. A população proletária do sul da Itália, especialmente os camponeses, “viviam em um estado de pauperismo e conseqüente alheamento dos acontecimentos políticos. Este alheamento tinha a ver também com o analfabetismo no qual estava mergulhada a classe pobre.”<sup>14</sup> (MIGUEL, 2003, p. 1) A consciência dessa realidade teria movido o interesse de Gramsci pelas questões educacionais e inspirado sua proposta da escola unitária, que contribuiria para, mediante um ensino eficiente, “retirar da ignorância as camadas mais pobres da população.” (MIGUEL, 2003, p. 1) Essa proposta educacional preconizava a construção de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho manual:

“Gramsci propõe, por um lado, uma escola unitária e articulada à universidade, ao mundo do trabalho e às instituições culturais. Articulação essa voltada para a unidade de propósito e de ação. Por outro lado, propõe a reorganização da cultura, atentando para a unidade e o princípio unitário, para o que indica a necessidade de uma ‘centralização’.” (FREITAS, 1996, p. 10)

Para Gramsci, a descentralização simula uma falsa liberdade, pois a proposta de democracia acaba por se realizar nos âmbitos individual e de pequenos grupos, e não no coletivo. No caso brasileiro, o ensino descentralizado reduz a participação da União na oferta do ensino público, transferindo as

---

<sup>14</sup> “O pensamento pedagógico de Gramsci”. Revista *HISTEDBR On-Line*, nº 9, março/2003. HISTEDBR – Unicamp. Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil. Disponível em <[www.histedbr.fae.unicamp.br/art4\\_9.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art4_9.html)> Acesso em 11 de maio de 2003.

responsabilidades principalmente para os Estados (ensino médio) e Municípios (ensino fundamental). Além disso, o caminho aberto para a expansão do ensino privado resulta em diferentes níveis de qualidade de educação para as diferentes classes sociais.

A preocupação com a distinção de classes tem ligação com a proposta de escola unitária de Gramsci. Em sua visão, as novas relações entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial deveriam perpassar toda a vida social, e não apenas a escola, a que o autor denomina “princípio unitário”. Uma vez que as mudanças atingiriam todos os organismos culturais, as novas relações pressuporiam e decorreriam de “uma unidade de propósito e de uma unidade na ação das organizações culturais.” (FREITAS, 1996, p. 10)

A unidade de propósito e a unidade na ação das organizações culturais resultariam no equilíbrio do desenvolvimento da capacidade de execução de trabalhos manuais com a capacidade de execução de trabalhos intelectuais. Na proposta de Gramsci, a educação deveria proporcionar aos alunos, além de formação cultural e consciência do movimento do processo histórico, a formação para o trabalho, que atenderia as necessidades da sociedade industrial e de consumo. Num tributo a Henry Ford, chamou de “fordismo” o momento histórico pelo qual passavam as sociedades capitalistas:

“Gramsci usou o termo fordismo para referir-se, entre outras coisas, às mudanças na política (aí incluídas a emergência de um movimento sindical industrial e o Estado de bem-estar social), ao consumo (incluindo o início de uma sociedade de consumo de massa que impulsionou a industrialização) e ao modo como eram organizadas as instituições públicas (incluindo a aceitação da fábrica como modelo de organização ‘eficiente’).” (CARLSON e APPEL, 2000, p. 18)

Segundo Gramsci, o desenvolvimento industrial faria emergirem novas necessidades socioeconômicas, que a escola deveria acompanhar, preparando o proletariado para o novo contexto econômico e social de uma sociedade industrial e de consumo. No Brasil atual, embora em outro contexto histórico e sem o sentido socialista da proposta de Gramsci, a importância de um avanço na área educacional reflete cada vez mais a necessidade de aproximação e vinculação entre a educação escolar e as novas demandas sociais – dentre elas, as produzidas e impostas pelas novas tecnologias, inclusive no campo do trabalho.

Ao contribuir com o desenvolvimento de talentos e aptidões dos alunos para lidar com as tecnologias, a escola promove a formação para o trabalho. Por outro lado, as tecnologias ajudam a desenvolver capacidades, concorrendo para o processo educacional. Analogamente, na visão de Gramsci, apesar de a educação colaborar com a indústria, o trabalho na produção industrial também educa, na medida em que disciplina o trabalhador.

Em sua teoria, Gramsci discute o vínculo entre educação e trabalho. De acordo com ele, a formação escolar deve construir um novo senso-comum, formado por valores populares, que desafie o senso-comum dominante a partir do conhecimento da história. Na visão gramsciana, portanto, a questão “educar para quê?” talvez tenha resposta na utopia socialista. A educação seria um instrumento de promoção da hegemonia das “classes subalternas”. Essas classes, que, segundo ele, crescem de forma “desorgânica”, alcançariam, através da educação, uma nova ordem hegemônica de uma “sociedade regulada”. As diferenças de classe diminuiriam na medida em que os cidadãos recebessem educação democrática, que os capacitaria a, além de executar trabalhos operacionais qualificados, exercer trabalhos intelectuais, que incluiriam até mesmo o ato de governar.

Além de Gramsci, do início do século XX, a reformulação das políticas educacionais e as reformas na educação têm sido também inspiradas pela obra mais recente do historiador e teórico social francês Michel Foucault. “Ambas foram úteis em ajudar a implantar um discurso progressista e crítico no campo da educação durante a última década”. (CARLSON e APPEL, 2000, p. 18) Nesse discurso, o educando teria, além da formação básica, formação para o trabalho, com maior liberdade no aprendizado. O professor teria o papel de facilitar e orientar a aprendizagem. Sem seguir técnicas rígidas, o diálogo entre alunos e professores suscitaria situações novas, nem sempre previstas no currículo.

Além de contribuir com a visão crítica e progressista na área educacional, os trabalhos de Gramsci e Foucault, embora não tenham tido associações bem desenvolvidas, têm o compromisso comum com o alicerce teórico numa discussão de desenvolvimentos históricos concretos.

“O discurso gramsciano ‘crítico’ destacou os papéis que as forças econômicas e tecnológicas e as lutas ideológicas vêm representando na remodelação do cenário cultural e político ‘pós-fordista’; e o trabalho de

Focault dirige nossa atenção para o papel do Estado e do conhecimento 'especializado' na construção de cidadãos e subjetividades 'normalizados'." (CARLSON e APPEL, 2000, p. 18)

Para Foucault, na modernidade, a identidade é construída de modo que o "eu" aparece em oposição ao "outro". Essa oposição faz com que o "outro" seja definido como "anormal". "Por normalização, Foucault referia-se a um complexo conjunto de processos envolvidos na definição de normas modernas de autodisciplina, racionalidade e instrumentalismo." (CARLSON e APPEL, 2000, p. 25)

Segundo Foucault, para "normalizar", é preciso identificar os "anormais". O Estado, detentor máximo do poder, tem o papel de identificar os sujeitos e grupos "anormais" e promover a "normalização". Para Carlson e Appel, "a escola, de certa forma, é por excelência a instituição normalizadora da era moderna" (CARLSON e APPEL, 2000, p. 26), na medida em que classifica os alunos de acordo com sua capacidade e postura.

Na perspectiva de Foucault, a resposta a "educar para quê?" talvez fosse relacionada ao poder. O poder disciplinador do Estado, de definir o que é normal ou não, acaba alcançando as instâncias educativas, e convertendo a finalidade da educação em formar cidadãos "normalizados". Por outro lado, Foucault via a possibilidade de um desafio ao poder. As pessoas teriam condições de desafiar e resistir ao poder do Estado e às suas várias formas de representação.

Na hipótese de busca de desafio ao poder, a educação pode ser vista como formadora de sujeitos que, pela produção de conhecimento, acumulem qualificação suficiente para resistência ao poder dominante, uma vez que, para Foucault, há uma associação direta entre conhecimento e poder – o exercício do poder gera conhecimento e o conhecimento gera poder.

Entretanto, a abordagem da educação escolar pelas perspectivas de Gramsci e de Foucault deve cercar-se de alguns cuidados. Quanto ao projeto educacional de Gramsci, não se pode esquecer o cenário da Itália fascista e seu empenho em promover a transição para o regime socialista. No caso de Foucault, há que considerar sua condição de teórico francês e crítico do modernismo, cujos estudos sobre as relações de poder referiam-se ao poder disciplinar das organizações, inclusive escolas, baseados em pesquisas sobre a história das penalidades.



Na discussão dos atuais problemas educacionais brasileiros, portanto, devemos considerar o momento do processo histórico e o cenário mundial globalizado que influenciam as questões contemporâneas da educação. Essa influência não exclui a necessidade de consolidação do que já consta na Lei de Diretrizes e Bases (LDB):

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”<sup>15</sup>

## ***2.2- A vantagem competitiva desenvolvida na escola***

Hoje, no Brasil, há o reconhecimento de que uma boa formação profissional depende de habilidades cognitivas e comportamentais, que devem estar bem desenvolvidas. Por isso, o ensino médio, após a educação infantil e fundamental, passou a ser considerado uma etapa da formação básica e tem duração mínima de três anos. A prioridade desse nível de ensino, que nas décadas de 1960 e 1970 era a formação profissional, hoje é a formação geral.

A opção por um curso técnico oficial de nível médio não mais exclui o cumprimento do curso regular, mas faz-se de forma articulada à formação média. Na nova concepção, entretanto, o ensino médio não deixa de ter relação estreita com o trabalho, e tem, entre as suas finalidades, “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (Art.22, Lei nº 9.394/96)<sup>16</sup>

A necessidade de melhoria dos níveis educacionais no país – além da conscientização da população brasileira sobre a importância da educação formal, tanto na formação para o trabalho, quanto na formação geral – evidencia a urgência de democratização do ensino. Hoje o sistema público atende à população mais amplamente do que em anos anteriores. O número de

---

<sup>15</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Art. 2º. Disponível em <[www.diariooficial.hgp.ig.com.br](http://www.diariooficial.hgp.ig.com.br)> Acesso em 4 de maio de 2003.

<sup>16</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Ensino Médio, Parte I – Bases Legais, p. 11. Disponível em <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)> Acesso em 2 de maio de 2003.

concluintes do ensino médio da rede pública estadual, que em 1995, era 221.584, cresceu para 406.524 em 1999, de acordo com o censo escolar do Ministério da Educação (MEC)<sup>17</sup>.

“A democratização do ensino médio, no entanto, não se encerra na ampliação de vagas; ela exige espaços físicos adequados, bibliotecas, laboratórios, equipamentos e, principalmente, professores concursados e capacitados.” (KUENZER, 2002, p. 35)

Assim, há outros problemas no sistema educacional. Além da precariedade da estrutura física das escolas, é perceptível a dificuldade dos alunos em converter a qualificação certificada na conclusão do ensino médio em acesso às possibilidades de inclusão social. A possível falta de incentivo para que o conhecimento escolar se traduza em vantagem competitiva provavelmente agrava essa dificuldade.

Contudo, ao considerar a possibilidade de que na escola pública o desenvolvimento de um diferencial não seja suficientemente incentivado, não se deve supor que todas as escolas privadas ofereçam ensino de melhor qualidade que o público. Segundo Lima (2003), a idéia de que “tudo o que é privado é melhor” não é verdadeira, inclusive na área educacional<sup>18</sup>. Em competições de conhecimento como a Olimpíada de Matemática, as diferenças entre o desempenho dos alunos de escolas das redes pública e particular não foram significativas<sup>19</sup>. É fato, porém, que boas escolas da rede privada oferecem um bom preparo a seus alunos para enfrentar situações sociais de disputa. Evidentemente o aluno da rede pública precisa dessa mesma preparação, e não é difícil associar a busca da escola pública à satisfação dessa necessidade.

A influência da educação pública no desenvolvimento de vantagem competitiva talvez não seja passível de mensuração. A finalidade da pesquisa proposta, portanto, é investigar a imagem que o novo talento tem da própria vantagem competitiva, e do papel que atribui à escola no desenvolvimento dessa vantagem. Importa descobrir o grau de segurança que o aluno da escola pública desenvolve na vivência escolar para buscar oportunidades, pois a vantagem competitiva não tem valor se o aluno não acredita tê-la.

---

<sup>17</sup> Censo Escolar. Disponível em <[www.inep.gov.br/basica/censoescolar/snopse.2002.htm](http://www.inep.gov.br/basica/censoescolar/snopse.2002.htm)> Acesso em 5 de junho de 2003.

<sup>18</sup> Elvira de Sousa Lima, pesquisadora e consultora internacional de educação. “Ensino pago não garante qualidade”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, 6 de julho de 2003.

<sup>19</sup> Idem.

A importância da segurança do aluno quanto à formação que recebeu reside no fato de que a educação formal é subsídio para o enfrentamento de várias situações da vida social do novo talento.

“Para se integrar no contexto da época atual e exercer eficazmente um papel na atividade econômica, o indivíduo tem que, no mínimo, saber ler, interpretar a realidade, expressar-se adequadamente, lidar com conceitos científicos e matemáticos abstratos, trabalhar em grupo na resolução de problemas relativamente complexos, entender e usufruir das potencialidades tecnológicas do mundo que nos cerca.” (SILVA FILHO, 1994, p. 88)

Embora o papel da escola básica seja mais amplo do que apenas preparar para a disputa por uma vaga no ensino superior ou para a busca de trabalho, os atributos requeridos dos jovens nesses momentos relacionam-se a capacidades e aptidões que devem ser promovidas e desenvolvidas durante a formação escolar. São, portanto, “competências imperativas não só para o trabalhador, mas também para o indivíduo e o cidadão.” (SILVA FILHO, 1994, p. 88)

Os PCN são bastante claros quanto às prioridades e finalidades do ensino médio:

“I - a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento; III - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.”<sup>20</sup>

O “prosseguimento dos estudos”, no caso da disputa por uma vaga em uma universidade pública, é uma das situações em que os concluintes do ensino médio da escola pública são confrontados com egressos de escolas privadas, deparando com o fato de que a rede estadual de ensino superior público em São Paulo, formada pelas universidades USP, Unicamp e Unesp, responde por apenas 10% das vagas oferecidas, com critérios de seleção mais rigorosos do que o conjunto da rede particular. Comprova essa afirmação o fato de que a USP disponibilizou, em 2001, um total de 1275 vagas ociosas para alunos de

---

<sup>20</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio. Disponível em <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)>. Acesso em 05 abr. 2003.

graduação de outras faculdades interessados em transferência. Dos 6107 candidatos inscritos para o preenchimento dessas vagas, apenas 311 foram aprovados<sup>21</sup>.

Assim, o acesso à universidade pública fica restrito aos mais bem preparados para o exame vestibular. Os alunos egressos da escola pública, na concorrência com os da rede privada, teoricamente teriam menores chances. Os jovens de camadas sociais de melhor renda acabam tendo vantagem no acesso às vagas do ensino superior público e gratuito, devido ao maior investimento de suas famílias em sua formação básica e em cursos preparatórios para o vestibular. Esses mesmos jovens são os que têm as condições financeiras necessárias para pagar as mensalidades no ensino superior privado.

O desafio da escola pública de ensino médio, portanto, além da superação de vários outros problemas da área educacional, é preparar os alunos para o tipo de disputa e de avaliação a que estarão sujeitos na vida social, principalmente nas áreas em que deverão mostrar um diferencial de competências. Uma dessas áreas certamente é o mundo do trabalho.

---

<sup>21</sup> “Gestão Marcovitch – Quatro anos de isolamento e o mesmo modo de decidir”. Revista Adusp, set/2001. Disponível em <[http://www.adusp.org.br/revista/23/r23\\_04a.PDF](http://www.adusp.org.br/revista/23/r23_04a.PDF)> Acesso em 5 de junho de 2003.

### **3- O trabalhador do futuro e o atual mundo do trabalho**

O trabalho é um tema cuja discussão remete imediatamente à vida em sociedade. Trabalhar pode significar algo mais que ter uma profissão, uma ocupação ou uma forma de subsistência. Para a maioria das pessoas, ter um trabalho pode ser a forma mais evidente de que se vive em sociedade.

A reflexão sobre o trabalho – objetivo deste capítulo – terá foco no novo talento: o jovem com idade entre 16 e 24 anos. Para efeito da análise, se fará um breve apanhado sobre a situação do mercado de trabalho brasileiro, apresentando dados sobre a região metropolitana de São Paulo. Serão pontuadas as formas de trabalho mais comuns entre os jovens, além das exigências para quem busca se inserir no mercado, sempre atentando para a importância social do trabalho para o novo talento.

A essa importância social, acresce-se que boa parte dos jovens precisa trabalhar para sobreviver ou para ajudar a manter a família de origem. A decisão do jovem de entrar no mercado de trabalho “está associada diretamente às dificuldades da sobrevivência financeira da família. Geralmente, quanto menor a renda familiar, maior a proporção de jovens que precisa trabalhar.” (POCHMANN, 2000, p. 56)

Além de fonte de recursos, o trabalho é um dos principais indicadores da entrada na vida adulta. Tomando o início da vida profissional como um rito de passagem, os recursos financeiros derivados do trabalho podem viabilizar outros ritos igualmente importantes – a saída da casa dos pais, a possibilidade de constituir família, de ser independente financeiramente – e dotados de grande significado: são símbolos da transição para a vida adulta.

#### **3.1- O trabalhador do futuro**

O início da vida profissional do novo talento é cercado por decisões que certamente têm consequências no seu futuro social. “Dependendo de como o jovem ingressa no mercado de trabalho, podem ser abertas ou fechadas portas de acesso ao futuro profissional.” (POCHMANN, 2000, p. 47) A insegurança típica dos jovens no momento de fazer escolhas profissionais é agravada pelas

mudanças constantes nas exigências do mercado de trabalho, e que nem sempre são conhecidas por quem busca se inserir nele.

Nesse universo dinâmico, caracterizado por rápidas transformações, a flexibilidade é uma das exigências principais, imperativa não só para os profissionais ou para os vínculos de trabalho, mas para as próprias empresas, que devem ser flexíveis em uma série de quesitos para se manterem competitivas. “A mudança flexível, daquela que hoje ataca a rotina burocrática, busca reinventar decisiva e irrevogavelmente as instituições, para que o presente se torne descontínuo com o futuro.” (SENNETT, 2001, p. 55)

Essa descontinuidade abala nos indivíduos as referências na sociedade e na própria família, agravando as dificuldades na definição de carreira. Para o novo talento, é cada vez mais difícil seguir um modelo. Espelhar-se num parente mais velho no momento de fazer escolhas profissionais – o que era comum em outros tempos – é quase impossível em certos casos, pois as próprias profissões se alteram de forma dinâmica. “Foi-se o tempo em que seguíamos os passos profissionais de nossos pais.” (DOWBOR, 2002, p. 72)

“Escolha profissional” pode não significar a busca do emprego sonhado ou da profissão escolhida prioritariamente, mas a inclusão e a sobrevivência num mundo do trabalho nem sempre compreensível, numa sociedade onde, “de certa maneira, os conceitos tradicionais se tornaram escorregadios, já não os sentimos carregados de realidade, já não são aqueles fochos de luz que iluminam a nossa visão das coisas.” (DOWBOR, 2000, p. 71)

As mudanças no tipo de postura exigida dos profissionais – além do problema do desemprego – trazem a necessidade de que os jovens desenvolvam certas competências imperativas para sua integração no atual contexto social. Entre elas, está a capacidade de “aprender a aprender, condição indispensável para poder acompanhar as mudanças e avanços cada vez mais rápidos que caracterizam o ritmo da sociedade moderna.” (SILVA FILHO, 1994, p. 88)

Numa sociedade em que as mudanças das relações sociais e o avanço das tecnologias determinam o aumento das responsabilidades, espera-se que o novo talento, além de cidadania, demonstre atitude crítica. No mercado de trabalho, a necessidade de se adequar às novas exigências faz com que os jovens busquem melhorar sua qualificação. Nesse contexto, o indivíduo acaba excessivamente responsabilizado por sua inserção no mercado e ascensão

profissional, conforme seu investimento na própria formação – além da escolarização regular, em cursos de línguas, de informática e profissionalizantes, muito procurados atualmente com esse fim.

Mas nem os investimentos pessoais em educação – escolar e extra-escolar – são garantias de um bom posicionamento no mercado, pois os indivíduos também são responsáveis por encontrar trabalhos que demandem os conhecimentos adquiridos.

Em seu estudo sobre jovens operários metalúrgicos de Osasco, Martins (2001) concluiu que o fato de apresentarem um melhor grau de escolaridade, em relação aos dados do Estado de São Paulo, não significou que esses trabalhadores exercessem atividades mais qualificadas. Referindo-se à necessidade de entender o significado de qualificação, diz a autora:

“Assis (1994) busca uma resposta na pesquisa realizada pelo IEI/UFRJ com dirigentes de empresas. Em uma relação de quinze atributos de qualificação, cinco deles foram apontados como os mais relevantes para o profissional do futuro: raciocínio lógico, habilidade para aprender novas qualificações, conhecimento técnico geral, responsabilidade com o processo de produção, iniciativa para a resolução de problemas. (p. 194) Assis comenta que esses são atributos ou aptidões cognitivas e conhecimentos teóricos que deslocam para as últimas posições as antigas habilidades manuais como coordenação motora e destreza manual, que eram exigidas dos trabalhadores.” (MARTINS, 2001, p. 06)

Os atuais padrões de mão-de-obra exigem que os trabalhadores de empresas, em qualquer nível, tenham capacidade não só de executar trabalhos através de normas, instruções ou ordens, mas que tenham envolvimento com os objetivos da empresa e com os processos, a ponto de questioná-los. A capacidade de questionar – que, em certos casos, pode resultar na alteração de normas e procedimentos – pressupõe a capacidade de análise e interpretação, para a defesa de posições perante níveis hierárquicos superiores. Assim, “o maior espaço vem sendo reservado para as pessoas polivalentes e criativas.” (PEREIRA, 1999, p. 15) É esse tipo de aptidão e postura que caracteriza o trabalhador do futuro.

Sem ignorar a importância da família no desenvolvimento das aptidões cognitivas na infância, a escola tem papel fundamental no estímulo às

capacidades acima descritas. Mas o novo talento, além de enfrentar as deficiências do sistema escolar – especialmente na escola pública –, tem o desafio de conciliar trabalho e escola.

Segundo Martins, entre outros problemas, o aluno da escola pública enfrenta a falta de professores, professores desestimulados e preconceito, por parte da administração, diante de alunos com dificuldades de aprendizagem. (MARTINS, 2001, p. 71) Dessa forma, o novo talento convive com os problemas do sistema escolar na busca de qualificação. Quanto ao desafio de conciliar trabalho e escola:

“(...) a tarefa não é das mais fáceis, uma vez que as longas jornadas de trabalho tendem a limitar sua disponibilidade para a dedicação à escola, tornando-se em grande medida um obstáculo para o término dos estudos, com os conseqüentes efeitos na sua formação educacional e na possibilidade de melhor inserção no mercado de trabalho.” (DIEESE, 2001, p. 162)

A Pesquisa de Emprego e Desemprego do DIEESE indica que, em São Paulo, em 1999, na faixa entre 16 e 17 anos, significativos 43,1% dos que trabalham ou procuram emprego também estudam. Recorrendo a cursos noturnos, um grande número acaba prejudicando sua formação educacional e profissional<sup>22</sup>. Na faixa entre os 18 e 24 anos, a situação é inversa: 55,9% dos jovens trabalhadores estão fora da escola<sup>23</sup>.

A mesma pesquisa aponta que, na faixa entre 16 e 24 anos, apenas 14% dos jovens se dedicam exclusivamente aos estudos. Na faixa entre 16 e 17 anos, 37,6% só estudam, e na faixa dos 18 aos 24, apenas 7,3%. Esses dados mostram que, no Brasil, para a maioria, a conclusão do ensino médio não significa a transição da escola para o trabalho, pois esses dois aspectos da vida social se misturam desde cedo na vida dos jovens.

O esforço do novo talento em conciliar estudo e trabalho é uma preocupação particularmente relevante, pois “sabemos que o nível de educação exigido para a inserção profissional adequada está se deslocando rapidamente

---

<sup>22</sup> Em 1999, 12,2% do total de jovens nessa faixa etária só trabalhavam e/ou procuravam trabalho. (Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. Elaboração DIEESE. “A situação do trabalho no Brasil”, p. 163)

<sup>23</sup> Em 1999, 23,6% dos jovens de São Paulo entre 18 e 24 anos estudava e trabalhava e/ou procurava trabalho. “A situação do trabalho no Brasil”. Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). DIEESE, p. 163.



para cima.” (DOWBOR, 2002, p. 72) E a melhoria das taxas de escolaridade da população nem sempre tem o efeito esperado pelo jovem – o de facilitar sua inserção do mercado de trabalho.

Entre 1992 e 2002, os dados do IBGE<sup>24</sup> mostraram que “a massa de trabalhadores está mais velha e com um índice de instrução bem maior.” (TREVISAN, 2003, p. 4) Segundo o autor, a elevação dos índices de escolarização da massa de trabalhadores acaba excluindo os mais jovens do mercado de trabalho, pois, na medida em que aumentou a participação de trabalhadores com 2º grau completo – de 15,5% em 1992 para 27,3% em 2002 – o padrão de mão-de-obra se alterou. Tanto na indústria como no setor de serviços, “a preferência é para o candidato com perfil pessoal mais estável, igualmente escolarizado, que geralmente tem carga maior de responsabilidade familiar” (TREVISAN, 2003, p. 6), o que favorece candidatos de idade superior a 25 anos.

A relação entre o nível educacional da população e a ocupação do jovem não leva à negação da educação como fator determinante da melhoria das condições de inserção no mercado de trabalho. Isso é confirmado na mesma pesquisa, que aponta o aumento da participação dos trabalhadores com curso superior completo de 10,2 % em 1992 para 13,7% em 2002. No outro extremo, a pesquisa mostra a redução da participação dos trabalhadores com menos de um ano de escolaridade, de 6,7% da população empregada em 1992 para 2,7% em 2002. Dessa forma, não resta ao jovem minimamente preocupado com seu futuro profissional senão buscar se qualificar para atender ao menos parte dos requisitos esperados do trabalhador do futuro.

### **3.2- O atual mundo do trabalho**

O mercado de trabalho brasileiro se caracteriza por crescentes taxas de desemprego. Na região metropolitana de São Paulo, o número de desempregados, que em 2001 somava 1,6 milhões, em dezembro 2002 passou

---

<sup>24</sup> Censo Demográfico 2000 “Primeiros Resultados da Amostra”.

para quase 1, 8 milhões<sup>25</sup>. Em abril deste ano, o desemprego já atingia perto de 2 milhões<sup>26</sup>. O número de desempregados aumentou em 2002, apesar da criação de 29 mil postos de trabalho<sup>27</sup>.

A criação de novos postos não é suficiente para absorver o número de pessoas que ingressam anualmente no mercado de trabalho – em 2002, 195 mil<sup>28</sup>. O crescimento demográfico faz com que o número de jovens a procura de trabalho aumente a cada ano, e o novo talento ocupa ou disputa uma parcela significativa desse mercado.

Indicadores do Dieese mostram a amplitude da participação do novo talento: “A participação dos jovens no mercado de trabalho é bastante elevada em todas as regiões pesquisadas e guarda semelhança com a taxa de participação total das pessoas com mais de 16 anos.” (DIEESE, 2001, p. 147) Em 2002, na região metropolitana de São Paulo, a participação de jovens entre 15 e 17 anos foi de 44,5%; na faixa entre 18 e 24 anos, a taxa foi de 81,9%, porcentagem bastante próxima da população adulta, com idade entre 25 e 39 anos – 83,5%<sup>29</sup>.

Apesar de os números referentes à participação no mercado serem bastante significativos, “a inserção dos jovens se dá de forma bastante desfavorável”<sup>30</sup>. O patamar de desemprego para esse segmento ultrapassou 30% em todas as regiões metropolitanas pesquisadas pelo DIEESE em 1999<sup>31</sup>. As taxas de desemprego por faixa etária em 2002 na Grande São Paulo indicaram 51,5% entre os jovens de 15 a 17 anos, 28,3% de 18 a 24 anos e 14,8% dos 25 aos 39 anos<sup>32</sup>.

---

<sup>25</sup> “Desemprego volta a bater recorde em 2002”. (PED/SEADE, 2002.) *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Dinheiro, p. B-1, 29 de janeiro de 2003.

<sup>26</sup> “Desemprego e queda na renda são recordes em SP”. (PED/SEADE, 2003.) *Jornal O Estado de S. Paulo*, 29 maio de 2003. Disponível em <[www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/05/29/eco028.html](http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/05/29/eco028.html)> Acesso em 31 de maio de 2003.

<sup>27</sup> “Desemprego volta a bater recorde em 2002”. (PED/SEADE, 2002.) *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Dinheiro, p. B-1, 29 de janeiro de 2003.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Taxas de participação segundo atributos pessoais. 1995-2002. Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese. Pesquisa de emprego e desemprego – PED. Disponível em <[www.seade.gov.br/cgi-bin/hpseade/topogeral.ksh?prod=PED](http://www.seade.gov.br/cgi-bin/hpseade/topogeral.ksh?prod=PED)> Acesso em 26 de maio de 2003.

<sup>30</sup> “A situação do jovem no mercado de trabalho brasileiro.” Anuário dos Trabalhadores do DIEESE de Maio de 1997. Disponível em <<http://www.dieese.org.br/bol/anu/anumai97.html>> Acesso em 14 de julho de 2001.

<sup>31</sup> “A Situação do trabalho no Brasil”. Dieese, p. 149.

<sup>32</sup> “Taxa de desemprego segundo atributos – Região Metropolitana de São Paulo, 1985-2002”. (PED/SEADE) Disponível em <<http://www.seade.gov.br/titabpv98/tbl/PED/tbl00002.html>> Acesso em 18 de agosto de 2003.

O principal motivo apontado para o baixo nível de inclusão é a falta de experiência, registrando-se também estereótipos de menos compromisso com o trabalho e menor disciplina. A jornada de trabalho dos jovens que têm emprego, porém, é muito parecida com a dos adultos, embora a maioria seja contratada de forma precária, sem carteira de trabalho assinada e com salários mais baixos, ocupando postos de menor qualificação e que exigem maior esforço físico.

“Diante da presença constante de um excedente de mão-de-obra no mercado, o jovem encontra as piores condições de competição em relação aos adultos, tendo de assumir funções, na maioria das vezes, de qualidade inferior na estrutura das empresas.” (POCHMANN, 2000, p. 31)

Com boa parte dos jovens ocupados trabalhando de forma precária, sem proteção das leis trabalhistas, e com o grande contingente de jovens desempregados, os empregadores impõem cada vez mais regras para o recrutamento de mão-de-obra dessa faixa-etária, estabelecendo critérios de seleção que em alguns casos privilegiam candidatos segundo origem social e formação escolar.

Estudo divulgado no Boletim Técnico do Senac, discutindo a utilização de programas de *trainee* por parte de algumas empresas como estratégia de formação de seus quadros de executivos, mostra o seguinte perfil: “são jovens entre 21 e 26 anos de idade, recém-formados e egressos de faculdades consideradas de primeira linha.” Entrevistas<sup>33</sup> com *trainees* e *ex-trainees* permitem afirmar que “esses pertencem a famílias cuja situação financeira é bastante confortável”. Segundo Silva, “tendo em vista o afunilamento que os alunos dessas faculdades já sofreram por ocasião do vestibular, a empresa poupa trabalho ao focar o recrutamento somente nesses egressos. Parte do suposto de que a primeira grande seleção já foi feita e que, de certa forma, uma base mínima de conhecimento está, em tese, garantida”<sup>34</sup>.

O pré-requisito da faculdade considerada de primeira linha para a contratação dos *trainees* acaba determinando a camada social que terá acesso a um trabalho mais especializado, com oferta de benefícios e possibilidades de

---

<sup>33</sup> Em pesquisa exploratória com quatro empresas que adotam programas de *trainee*, selecionou-se uma para um estudo de caso, onde foram feitas essas entrevistas.

<sup>34</sup> SILVA, Mariléia Maria da. “Programa de trainee: uma questão de currículo”. Boletim Técnico do Senac. Disponível em <[www.senac-nacional.br](http://www.senac-nacional.br)> Acesso em 26 de maio de 2003.

ascensão profissional. Assim, as camadas mais pobres da população ficam quase totalmente excluídas desse tipo oportunidade de carreira.

No entanto, os trabalhos normalmente assumidos por jovens das camadas mais favorecidas não são representativos das formas de trabalho mais comuns entre os jovens. Apesar de, em São Paulo, a maior parte dos jovens com idade entre 16 e 24 anos trabalhar de forma assalariada (75,2%), 23,4% deles trabalhavam sem carteira assinada em 1999. Esse número, comparado com o percentual da população paulistana acima dos 16 anos que trabalhava sem carteira assinada no mesmo ano (12,2%)<sup>35</sup>, ilustra a situação do jovem trabalhador no Brasil, pois mostra a maior vulnerabilidade do trabalho nessa faixa etária.

Segundo o DIEESE, “o trabalho assalariado sem carteira é uma das formas vulneráveis de inserção a que o jovem está submetido no mercado de trabalho.” (DIEESE, 2001, p. 155) A essa precariedade associam-se o emprego doméstico (8,1% dos jovens entre 16 e 24 anos de São Paulo em 1999), o trabalho sem remuneração em negócios de família (2,7%) e o de autônomos que prestam serviços para o público (5,2%)<sup>36</sup>. Como a privação dos direitos sociais do trabalho e as jornadas superiores à legal são características desse tipo de ocupação, vê-se que o mercado de trabalho do jovem tem características próprias, que merecem ser tratadas com especial atenção no decorrer da pesquisa.

Numa cidade grande, o mercado de trabalho para o jovem adquire condições ainda mais próprias e pouco generalizáveis. Em São Paulo, não há apenas dois mundos para os jovens – os “have” e os “have not”, segundo a clássica distinção dos anos 1970. Há nuances intermediárias, várias delas até. Uma delas é geográfica – bairros não tão nobres, onde também se encontra uma classe média com hábitos de consumo altos e semelhantes aos dos bairros nobres, mas que não reside neles. Há um conceito de trabalho entre os jovens que moram nesse tipo de bairro. Por outro lado, nas áreas mais periféricas da cidade, a realidade é outra, mas também não única. Nessas periferias, os graus de exclusão social refletem-se provavelmente em diferentes visões de trabalho, em diferentes escolhas profissionais.

---

<sup>35</sup> “A Situação do Trabalho no Brasil”. Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). DIEESE, p. 156.

<sup>36</sup> Idem.

#### **4- Vila Antonieta e Jardim Santa Terezinha: o novo talento da Zona Leste de São Paulo**

A Zona Leste do Município de São Paulo é a região periférica mais populosa da cidade. Hoje, com mais de quatro milhões de habitantes<sup>37</sup>, é maior que algumas capitais brasileiras. No ano 2000, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE, essa região comportava um total de 3.778.181 moradores e 1.044.782 domicílios, considerados apenas os particulares permanentes. O fato de os dados do IBGE não computarem os domicílios improvisados torna ainda mais significativo o número de residentes na região.

Neste capítulo – em que se apresenta o universo da pesquisa – serão discutidas algumas características da Zona Leste e dos bairros selecionados: Vila Antonieta e Jardim Santa Terezinha. Também se descreverão a aplicação dos questionários e a forma de tabulação e apresentação dos dados, mostrando os resultados referentes ao perfil dos pesquisados. Para situar o jovem dessa região no atual contexto empresarial, este capítulo procurará ainda associar o novo talento da Zona Leste ao conceito de capital humano das organizações.

Os problemas da educação no Brasil afetam diretamente as empresas. Ao mesmo tempo em que faltam empregos, faltam também pessoas com qualificação adequada para o preenchimento de certas vagas, que correspondam às expectativas organizacionais. “Muitos postos de trabalho existentes em diversos setores deixam de ser preenchidos porque a mão-de-obra disponível não tem requisitos educacionais mínimos para ocupá-los.” (PEREIRA, 1999, p. 15)

A qualidade da educação formal no Brasil – especialmente na rede pública – certamente não é motivo de preocupação apenas para os jovens. As questões educacionais ultrapassam a esfera individual e atingem a sociedade como um todo. A formação pré-empresa e a qualidade da capacitação da mão-de-obra antes da contratação sem dúvida atingem diretamente as empresas.

O estudo do novo talento da Zona Leste exige a clareza de que a relação educação/trabalho não pode ser tratada isoladamente, pois há que se considerar a subjetividade das respostas desses jovens sobre o mercado de trabalho, além da limitação imposta pela realidade social.

---

<sup>37</sup> Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste. Disponível em <[www.forumzonaleste.org.br](http://www.forumzonaleste.org.br)> Acesso em 2 de junho de 2003.

Ao lado da influência do contexto social sobre os pesquisados, considerou-se outro fator igualmente importante: as peculiaridades das reações faixa etária estudada. Advertindo sobre o perigo das generalizações que tomam os jovens como um conjunto homogêneo, Machado Pais propõe que se analisem “as reações diferenciadas dos jovens em relação ao trabalho” (MACHADO PAIS, 1996, p. 249), tanto em relação ao emprego quanto ao desemprego. Uma das conclusões do autor é que os jovens têm “diferentes representações” sobre trabalho e emprego, e que suas diferentes estratégias de inserção profissional dependem “de um conjunto diversificado de fatores.” (p. 250)

Além da análise da visão do novo talento, cumpre considerar a situação das empresas, participantes diretas do contexto social estudado. Para formar seu capital humano, as organizações precisam de pessoas aptas a – além de responder às demandas do trabalho diário – valorizar os investimentos organizacionais em treinamento e capacitação. Assim, a apresentação da pesquisa e do universo selecionado é seguida por uma breve exposição da relação entre a organização e sua mão-de-obra.

#### **4.1- Apresentação da pesquisa – Metodologia**

A metodologia utilizada na presente pesquisa baseia-se no método de abordagem *hipotético dedutivo*, que “se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses, e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese.” (LAKATOS, 1996, p. 106) Por esse método, ao se perceber – a partir de estudos anteriores – a necessidade de contato mais efetivo com os atores sociais envolvidos, busca-se concluir, através de dedução, a confirmação ou negação da hipótese básica.

Os estudos sobre educação e trabalho normalmente privilegiam levantamentos sobre nível de emprego, grau de escolaridade dos trabalhadores, opinião de consultores especializados e outros dados sobre o mercado de trabalho e o sistema educacional. Neste caso, a comprovação ou negação da hipótese levantada – a de que a educação pública de ensino médio cria nos alunos um estigma que restringe suas opções na busca de emprego e

continuidade dos estudos – se fará privilegiando o contato com os próprios alunos.

Os métodos de procedimentos “constituem etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos.” (LAKATOS, 1996, p. 106) Neste trabalho, utilizaram-se os métodos *histórico e comparativo*, confrontando dados e teorias já existentes sobre educação e trabalho com a realidade revelada pela pesquisa.

A teoria social de Gramsci, seus estudos críticos sobre a escola e seu projeto de escola unificada serão a referência teórica para a aplicação do procedimento histórico e comparativo. Além desta, a teoria do capital humano – tratada no próximo capítulo – também norteia a interpretação de alguns resultados.

As *técnicas*, que “correspondem à parte prática da coleta de dados” (LAKATOS, 1996, p. 107), formam duas grandes categorias: documentação indireta e documentação direta. A *documentação indireta*, que diz respeito à pesquisa documental e à bibliográfica, foi levantada em arquivos de jornais, revistas, bibliotecas e na rede eletrônica.

A *documentação direta* foi obtida pela observação direta extensiva, ou seja, pela aplicação de um questionário padronizado, com perguntas de múltipla escolha. A tabulação dos questionários resultou em gráficos apresentados nos capítulos 3, 4 e 5.

O *universo* pesquisado é composto por jovens com idade entre 16 e 24 anos, alunos da última série do ensino médio em escolas públicas estaduais em dois bairros da Zona Leste do Município de São Paulo. O limite inferior – 16 anos – “refere-se à idade mínima legal para ingresso no mercado de trabalho brasileiro.” (DIEESE, 2001, p. 145)

Foram pesquisadas as escolas estaduais que oferecem o ensino médio nos bairros Vila Antonieta e Jardim Santa Terezinha: Caramuru e Prof. Moacyr Campos no primeiro, e a Jorge Duprat Figueiredo no último. Os questionários foram aplicados em novembro de 2002, aos alunos da faixa etária escolhida que estavam presentes no dia concedido pela escola para esse fim.

A concentração em dois bairros pretendeu delimitar o universo de modo a viabilizar a pesquisa, além de permitir um *estudo comparativo* pelo confronto das “características de duas ou mais populações.” (BÊRNI, 2002, p. 178) A escolha

desses bairros deve-se ao fato de pertencerem à mesma região periférica da cidade e de ser o primeiro menos carente e menos afastado do centro do que o segundo. Quanto à população e outros dados correlatos, apoiamo-nos em estudos anteriores sobre esses bairros, de acordo com a disponibilidade.

A amostragem utilizada é do tipo *probabilista*, com a escolha aleatória dos pesquisados, o que “só ocorre quando a pesquisa não é censitária, isto é, não abrange a totalidade dos componentes do universo (...) [e] a seleção se faz de forma que cada membro da população tenha a mesma probabilidade de ser escolhido.” (LAKATOS, 1996, p. 108) Assim, o questionário foi aplicado aos alunos das salas disponibilizadas pela escola, e o número de salas limitou-se a quatro por período.

### **O universo selecionado**

No ano 2000, na Zona Leste de São Paulo – onde vivem aproximadamente 4 milhões de pessoas<sup>38</sup> –, 113.030 domicílios, com 430.244 moradores, foram classificados pelo IBGE como “sem rendimento”<sup>39</sup>. No outro extremo, apenas 19.174 domicílios, com o total de 70.896 moradores, tinham rendimento nominal superior a 30 salários mínimos<sup>40</sup>. Como esses números não incluem os domicílios improvisados, o número de famílias sem rendimento na região certamente é ainda maior.

Comportando alguns bairros onde o rendimento da população é bastante significativo, a Zona Leste conserva características de uma região de contrastes. Os rendimentos médios, no ano 2000, da população dos Distritos Municipais do Tatuapé e da Mooca, por exemplo, eram respectivamente de R\$ 2.361,96 e R\$ 2.138,90<sup>41</sup>, contrastando com os da Cidade Tiradentes e de Iguatemi – R\$ 598,82 e R\$ 585,83.

---

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Inclusive os domicílios cuja pessoa responsável recebia somente em benefícios.

<sup>40</sup> Tabela: Domicílios particulares e permanentes e moradores, rendimento médio nominal mensal da pessoa responsável. Município de São Paulo Regiões e Distritos Municipais, 2000. Fonte: IBGE, Censo demográfico 2000. Elaboração: Secretaria Municipal de Planejamento Urbano/Sempla – Departamento de Informações/Deinfo.

<sup>41</sup> Valores calculados com base no rendimento médio da pessoa responsável pelo domicílio, em setembro de 2000. O salário mínimo na época era de R\$ 151,25.



Considerando que entre esses extremos existem várias graduações de rendimento, chega a ser arriscado classificar a Zona Leste como uma região pobre de São Paulo. Na comparação entre os dois bairros selecionados, é possível identificar contrastes também no interior de cada um. Abaixo, apresenta-se uma descrição baseada em dados levantados junto à Prefeitura Municipal<sup>42</sup>.

A Vila Antonieta pertence ao Distrito Municipal Aricanduva, onde o rendimento médio da população no ano 2000 foi de R\$ 1.007,46. Nesse distrito, 2.423 domicílios, com 9.373 moradores, foram considerados “sem rendimento” pelo IBGE no ano 2000, e apenas 438 domicílios, com 1728 moradores, apresentavam renda de mais de 30 salários mínimos. O Jardim Santa Terezinha pertence ao Distrito Municipal Cidade Líder, com rendimento médio de R\$ 897,11 no ano 2000. Nesse distrito, 3.902 domicílios, com 14.804 moradores, foram considerados “sem rendimento”, e 271 domicílios, com 1.112 moradores, tinham renda de mais de 30 salários<sup>43</sup>.

O Distrito Municipal Vale Aricanduva, onde está o bairro de Vila Antonieta, tem 6,6 km<sup>2</sup> e 88.050 habitantes. A subprefeitura correspondente é Aricanduva/Vila Formosa, que comporta 249.300 habitantes em 21,5 km<sup>2</sup>. O transporte coletivo considerado pela prefeitura é o Metrô Tatuapé. No bairro, funcionam cinco escolas públicas estaduais, das quais apenas duas oferecem ensino médio: Prof. Moacyr Campos e Caramuru, selecionadas para a pesquisa. O bairro não tem escolas municipais. Das quatro escolas particulares da Vila Antonieta, três são cadastradas junto à Prefeitura como Escola Particular de Educação Infantil.

Na Vila Antonieta, onde existem, segundo a Prefeitura, duas favelas – Jardim Santa Catarina e Siqueira, que fica às margens do córrego Tapera –, funciona apenas uma creche municipal e nenhuma instituição beneficente. A Prefeitura não tem registro de áreas verdes ou de lazer, e não existem recursos

---

<sup>42</sup> As informações apresentadas a seguir foram obtidas junto à Prefeitura do Município de São Paulo. Disponível em <[www.prefeitura.sp.gov.br/orgaosmunicipais/subprefeituras](http://www.prefeitura.sp.gov.br/orgaosmunicipais/subprefeituras)> Acesso em 3 de junho de 2003. Assessoria de Imprensa da Subprefeitura de Aricanduva. Disponível em <[http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spaf/dados/aspectos\\_demograficos/0001/](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spaf/dados/aspectos_demograficos/0001/)> Acesso em 27 de junho de 2003. Assessoria de Imprensa da Subprefeitura de Itaquera. Disponível em <[http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spiq/dados/aspectos\\_demograficos/001/](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spiq/dados/aspectos_demograficos/001/)> Apoio: Assessoria de Imprensa da Secretaria de Planejamento Urbano.

<sup>43</sup> Tabela: Domicílios particulares e permanentes e moradores, Rendimento médio nominal mensal da pessoa Responsável. Município de São Paulo Regiões e Distritos Municipais, 2000. Fonte: IBGE, Censo demográfico 2000. Elaboração: Secretaria Municipal de Planejamento Urbano/Sempla – Departamento de Informações/Deinfo.

culturais no bairro. Há oito instituições classificadas pela Prefeitura como Igrejas e Templos; uma sociedade de amigos do bairro e um grupo de terceira idade. Na descrição desses primeiros dados, já se verificam alguns pontos de carência na Vila Antonieta; entre eles, o serviço de saúde pública. No cadastro de Recursos Médicos, Hospitais e Sanatórios, consta um único Centro de Saúde/Posto de Saúde Estadual.

Segundo o estudo do perfil epidemiológico apresentado pelo Centro Estadual de Saúde, a população da área de abrangência dessa unidade é de 51.099 habitantes – 26.672 do sexo feminino e 24.427 do sexo masculino. Na distribuição por faixa etária, 32% têm entre 0 e 17 anos; 52% entre 18 e 49 anos e 16% acima de 50 anos. A atividade principal do Distrito Aricanduva é o comércio, que, entretanto, é o que menos emprega. O setor que mais oferece emprego é a indústria de transformação. A renda familiar da população da área de abrangência é: 49,19% até 10 salários mínimos; 30,96% de 10 a 15 salários mínimos e 19,84% acima de 15 salários mínimos.

A área de abrangência comporta duas favelas: Haia do Carrão, com 357 famílias que moram na encosta do córrego Taboão, e a favela Santo Eduardo, com cerca de 1000 habitantes acomodados em 200 barracos. Além dessas favelas instaladas em áreas de risco, o estudo aponta outros domicílios em condições precárias. Nessa área de abrangência, 93% das habitações são casas e 7% apartamentos.

Ainda de acordo com o mesmo estudo, no Distrito Administrativo Aricanduva, 99% da população é abastecida de água encanada, 92% conta com rede de esgoto e 97% têm acesso a coleta de lixo. Existem 2.043 bocas de lobo, 581 poços de visita, 10.228 galerias pluviais, 3.350 córregos não canalizados e 413 ruas pavimentadas. Cerca de 93% da população é alfabetizada, com escolaridade média de 6,8 anos de estudo.

O Jardim Santa Terezinha pertence à subprefeitura de Itaquera e ao Distrito Municipal Cidade Líder, onde a estimativa populacional em 2000 foi de 98.920, com taxa anual de crescimento de 0,19; segundo a Prefeitura, 790 pessoas migram para esse distrito anualmente. A taxa anual de natalidade é 23,02. Quanto à educação, a frequência de estudantes do distrito em 1996 foi de 91.272, assim distribuídos: 5.807 com menos de um ano de escolaridade; 49.223 com ensino fundamental incompleto; 19.015 com ensino fundamental completo;

14.034 com ensino médio completo; 2.051 com ensino superior completo e 1.142 com anos de estudo não determinados. A esperança de vida no distrito é de 65,2 anos para homens 74,7 anos para mulheres. A taxa de mortalidade geral é de 5,61, e a infantil, de 16,42.

A população do Jardim Santa Terezinha é de 116.841 habitantes e ocupa, segundo a Prefeitura, o segundo lugar em exclusão social<sup>44</sup>. No bairro, funcionam uma biblioteca e oito salas de cinema (no Shopping Aricanduva). Das dez escolas públicas do Distrito Cidade Líder, duas estão no Jardim Santa Terezinha, e só uma delas oferece ensino médio estadual, a Jorge Duprat Figueiredo, selecionada para a pesquisa. Enquanto na Vila Antonieta funciona apenas um centro de saúde, no Jardim Santa Terezinha, apesar de haver três equipes do Programa de Saúde da Família (PSF), não existe nenhuma Unidade Básica de Saúde (UBS).

#### **4.2- Amostragem e população pesquisada**

A *abrangência da pesquisa* está delimitada pelos bairros Vila Antonieta e Jardim Santa Terezinha. A *população* – “conjunto de elementos passíveis de serem mensurados” (BÊRNI, 2002, p. 152) – é formada por alunos com idade entre 16 e 24 anos, matriculados em 2002 no terceiro ano do ensino médio nas escolas públicas desses bairros.

Na Vila Antonieta, aplicaram-se questionários aos alunos das escolas Moacyr Campos e Caramuru. Conforme dados das próprias escolas, o total de matrículas em 2002 era:

escola	manhã	noite
Moacyr Campos	343 alunos	406 alunos
Caramuru	86 alunos	153 alunos

No Jardim Santa Terezinha, aplicaram-se questionários aos alunos da escola Jorge Duprat Figueiredo. Conforme dados da própria escola, o total de matrículas em 2002 era de 42 no período da manhã e de 130 à noite.

<sup>44</sup> Mapa elaborado pela Prefeitura do Município de São Paulo. Informação obtida junto à sub-prefeitura de Itaquera. Disponível em <itaqueraimprensa@prefeitura.gov.br>

Definida a população, há que se considerar as *variáveis/ características* a levantar. Embora o questionário seja constituído essencialmente por perguntas que levantam variáveis *qualitativas*, tem também algumas que levantam variáveis *quantitativas* como idade e renda familiar, por exemplo, bastante importantes para o conhecimento da população estudada e a determinação dos parâmetros de interpretação da pesquisa.

A *amostra da pesquisa* é “uma parte (subconjunto) da população.” (BÊRNI, 2002, p. 153) Na efetivação da amostragem, portanto, determinou-se que a amostra seria formada pelos alunos presentes no dia da aplicação dos questionários em, no máximo, quatro salas de aula por período, escolhidas aleatoriamente, considerando a disponibilidade momentânea, independentemente do número de alunos. Nos períodos em que havia menos que quatro salas, todas participaram da pesquisa. Assim, de acordo com o critério estabelecido, os percentuais correspondentes ao tamanho da amostra apresentam uma variação entre as escolas e períodos.

Entre os tipos de amostragem aleatória/probabilística, foi considerada a *amostragem por conglomerados*. Um conglomerado existe “quando a população está subdividida em subconjuntos recortados por certos atributos, como é o caso dos estados de um país, dos bairros de uma cidade ou das seções de uma fábrica.” (BÊRNI, 2002, p. 161) Primeiramente, selecionaram-se os bairros, depois as escolas e finalmente as salas de aula, aleatoriamente, como reza a praxe nesse tipo de amostragem.

Na Vila Antonieta, a amostra ficou assim distribuída: na escola Moacyr Campos, participaram 104 alunos (25,61%) do período noturno e 113 (32,94%) da manhã. No Caramuru, 85 (55,5%) do noturno e 67 (77,9%) da manhã.

No Jardim Santa Terezinha, responderam o questionário 85 alunos (65,38%) do período noturno e 12 (28,57%) da manhã.

Definida a amostragem, o estudo comparativo entre os jovens dos dois bairros permitiu identificar, desde o primeiro momento, algumas diferenças – sutis, mas significativas – já no perfil dos pesquisados.

### **4.3- Perfil dos pesquisados**

A aplicação dos questionários foi feita no final de 2002, a fim de abordar os concluintes do ensino médio na fase final do curso. Mesmo com o risco de reduzir a amostra devido à ausência de um bom número de alunos, comum no final do ano letivo, a conclusão do curso torna iminentes certas decisões sobre trabalho e continuidade dos estudos, o que seguramente influencia as respostas a algumas questões.

A análise dos questionários não deve considerar que todos os alunos pesquisados moram no mesmo bairro da escola. Parte deles provavelmente reside em bairros vizinhos, principalmente no caso da Moacyr Campos, que oferece um número de vagas bem maior que as outras escolas. Por outro lado, pode-se supor que boa parte dos jovens estudantes desses bairros estuda nas escolas pesquisadas, o que permite associar o perfil dos pesquisados ao dos jovens do bairro. Os campos referentes à identificação já permitem algumas considerações a respeito.

Tanto na Moacyr Campos quanto na Caramuru, a maioria dos alunos que responderam o questionário tinha entre 17 e 18 anos: respectivamente, 83,4% e 76,3%. Assinalaram 19 anos de idade 7,8% na primeira e 10,5% na segunda.

Na escola Moacyr Campos, 32,3% enquadraram-se na faixa de renda familiar de até R\$ 500,00, 34,1% entre R\$ 501,00 e R\$ 1.000,00 e 33,6% com mais de R\$ 1.001,00. Na escola Caramuru, a maioria se enquadrou na faixa de até R\$ 500,00 (41,4%); 39,5% entre R\$ 501,00 e R\$ 1000,00 e apenas 19,1% com mais de R\$ 1.000,00.

A maioria dos alunos das duas escolas não preencheu o campo e-mail da identificação, o que reflete a quantidade aproximada de pesquisados que não tem acesso à comunicação via rede, e provavelmente com acesso restrito à informática no dia-a-dia. O percentual de alunos que não preencheu esse campo (e-mail) foi de 75,1% na escola Moacyr Campos, e de 78,9% na escola Caramuru.

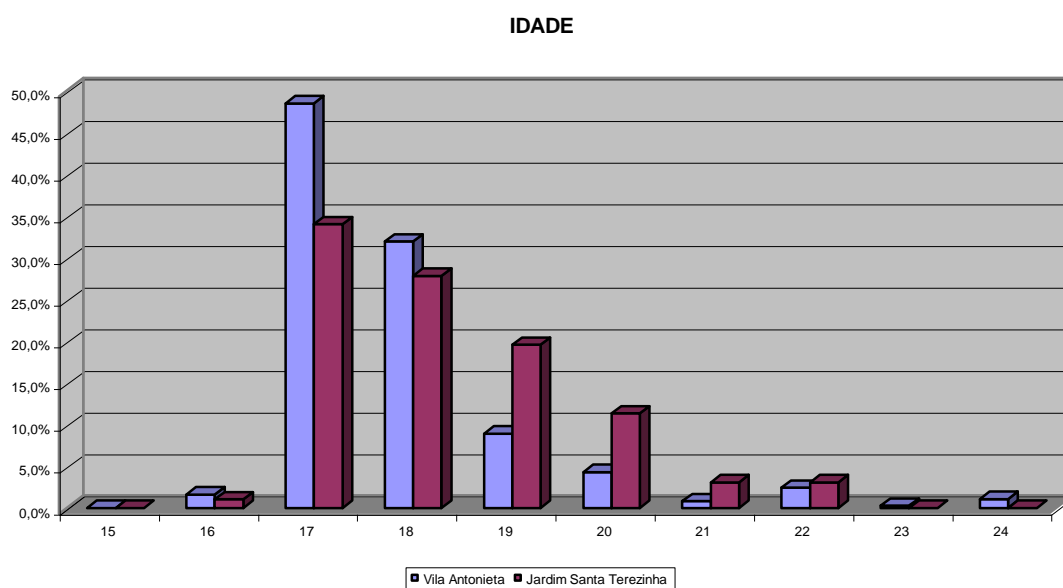
No Jardim Santa Terezinha, assim como na Vila Antonieta, a maioria dos alunos tinha entre 17 e 18 anos (61,8%). Mas uma parcela significativa de jovens desse bairro declarou ter 19 anos em novembro de 2002 (19,6%).

Quanto à renda familiar, 39,2% dos pesquisados enquadraram-se na faixa de até R\$ 500,00; 42,3% entre R\$ 501,00 e R\$ 1.000,00 e apenas 18,6% acima de R\$ 1.001,00.

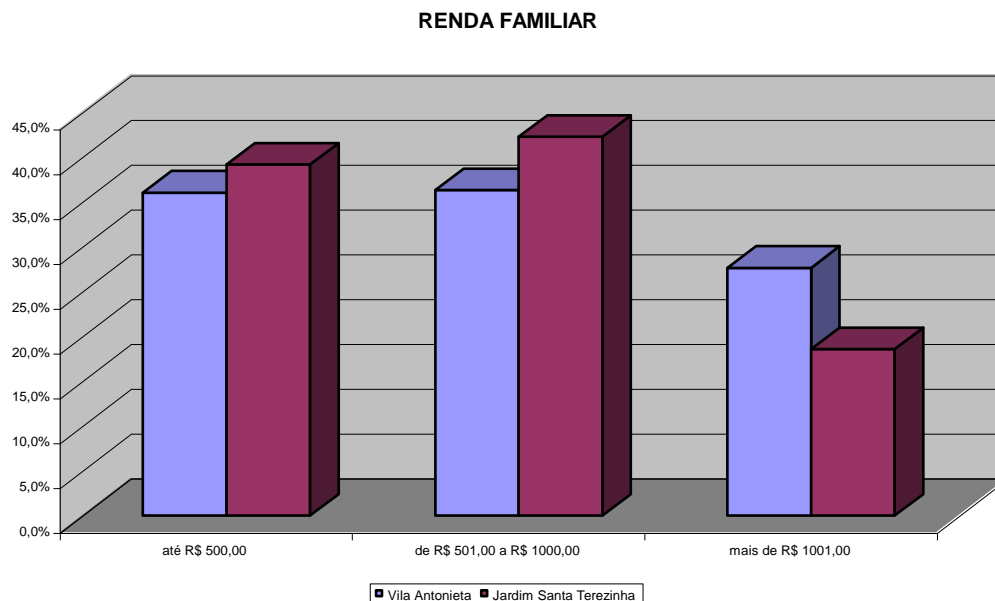
Nesse bairro, 91,8% dos alunos deixaram em branco o campo e-mail, revelando a dificuldade de acesso cotidiano à informática.

Embora o contraste entre o perfil dos pesquisados dos dois bairros não seja muito grande, até por serem praticamente vizinhos, certas características ilustram as diferenças entre os pesquisados da Vila Antonieta e do Jardim Santa Terezinha.

A tendência é que os concluintes do ensino médio do Jardim Santa Terezinha sejam um pouco mais velhos que os da Vila Antonieta, onde apenas 17,8% dos alunos pesquisados tinham entre os 19 e 25 anos. No Jardim Santa Terezinha, 37,1% estavam nessa faixa, conforme o gráfico *Idade*.



Em ambos os bairros, a faixa salarial superior a R\$ 1.001,00 foi a menos assinalada: no Jardim Santa Terezinha, apenas 18,6% dos pesquisados; na Vila Antonieta, 27,6%. Entre R\$ 501,00 e R\$ 1.000,00, situavam-se 36,3% dos pesquisados na Vila Antonieta e 42,3% no Jardim Santa Terezinha. Na faixa de até R\$ 500,00, 36% no primeiro bairro e 39,2% no segundo. As respostas a essa questão revelam que o rendimento familiar dos pesquisados dos dois bairros é baixo, sendo o do Jardim Santa Terezinha ainda menor que o da Vila Antonieta, como mostra o gráfico *Renda familiar*.



As faixas de renda declaradas nos dois bairros condizem com os dados gerais do Brasil. Em março de 2002 – ano da realização da pesquisa com o novo talento – a partir de informações levantadas pelo Instituto Datafolha, o jornal *Folha de São Paulo* concluiu que a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) é desrespeitada, e a situação do emprego no país é precária. Essa pesquisa revelou, por exemplo, que mais da metade dos trabalhadores brasileiros (56%) com mais de 16 anos ganhava até dois salários mínimos, o que correspondia então a R\$ 360,00. Dos que trabalhavam na época, 7% ganhavam até meio salário mínimo (R\$ 90,00), 19% recebiam entre meio e um (de R\$ 90,00 a R\$180,00) e 30%, de um a dois salários. O jornal lembrava ainda que, uma vez que as informações se referiam apenas às pessoas ocupadas, em muitos casos a renda declarada era compartilhada por outras pessoas da mesma família. No extremo oposto, apenas 5% dos trabalhadores brasileiros ganhavam mais de dez salários mínimos (na época, R\$ 1.800,00)<sup>45</sup>.

Em 2003, a situação não é muito diferente. Segundo o IBGE, de junho de 2002 a junho de 2003, o total de sub-remunerados cresceu 46,7%. A mesma pesquisa aponta que, em junho de 2003, 13,4% das pessoas empregadas

<sup>45</sup> “Desemprego triplica; emprego bom cai 35%”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Trabalho, p. 2, 24 de março de 2003.

recebiam menos de um salário mínimo (R\$ 240,00), por 40 horas semanais de trabalho<sup>46</sup>.

Quanto ao acesso à informática, mesmo não podendo considerar que o total dos pesquisados que preencheram o campo e-mail tenham computador em casa ou acesso rotineiro a esse tipo de tecnologia, ou que o total dos que não o preencheram não tenham nenhum conhecimento ou acesso, é possível concluir que o preenchimento desse item significa um mínimo de conhecimento de informática e de acesso à comunicação via rede eletrônica. O alto número de pessoas que deixaram de preencher esse campo ilustra uma das possíveis dificuldades do novo talento na procura de trabalho, pois certamente acesso e familiaridade com a informática é uma das exigências mais comuns no momento de buscar um emprego.

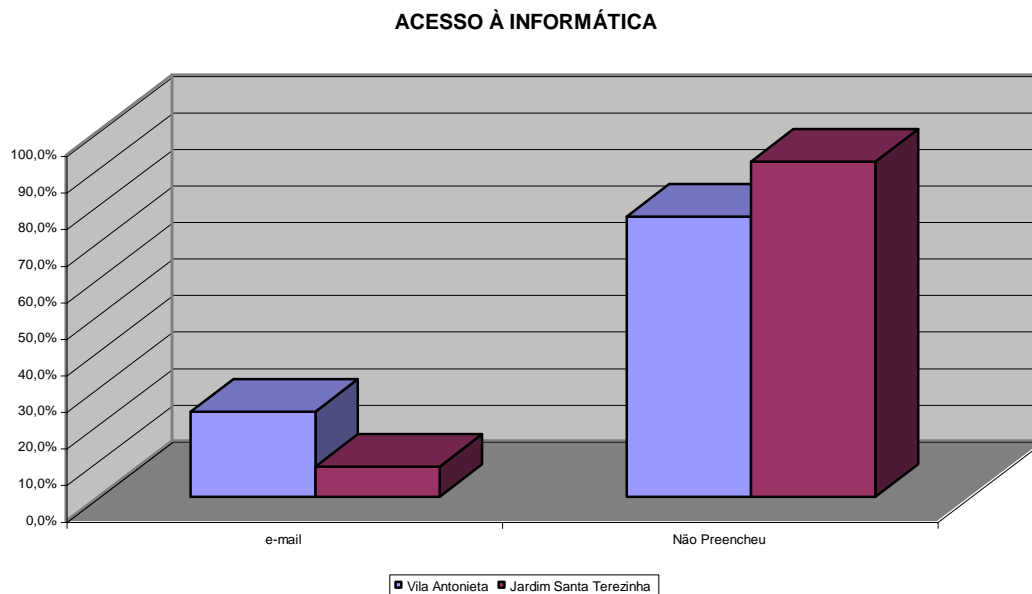
O Mapa da Exclusão Digital, estudo baseado em dados de 2001, divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que apenas 12,46% dos brasileiros têm computador em casa, percentual que cai para 8,31% quando considerados somente os computadores com internet. Pelo gráfico *Acesso à informática*, na Vila Antonieta, o percentual de preenchimento do campo e-mail foi 23,3%; no Jardim Santa Terezinha, apenas 8,2%, o que confirma a exclusão digital no país. E São Paulo é um dos Estados com maior número de pessoas com computador: 21,75%<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> “Governo Lula gera 443 mil desempregados”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Dinheiro, p. 6, 24 de julho de 2003.

<sup>47</sup> “No Brasil, apenas 12,5% têm computador”. Mapa da Exclusão Digital, Fundação Getúlio Vargas. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-4, 11 de abril de 2003.





A escola deveria ser um dos principais meios de acesso à informática para o jovem que não têm computador em casa. A mencionada pesquisa sobre exclusão digital mostra que o número de alunos do ensino médio matriculados em escolas com computador e internet no Brasil é significativo (45,64%), e São Paulo é um dos estados que mais avançaram na informatização escolar, com 49,7% de alunos “incluídos”. Segundo Marcelo Neri, coordenador do projeto Mapa da Exclusão Digital, da FGV, “o computador não é só uma ferramenta de inclusão social”, mas, melhora o rendimento dos estudantes, além de ser um diferencial de competitividade<sup>48</sup>.

Apesar desses resultados, os alunos da escola pública ainda têm acesso restrito à informática. Uma pesquisa da Unesco em treze capitais brasileiras mostra que, entre os alunos da escola pública, 74% não usam computador na escola, percentual que, na rede particular, cai para 23%. Aponta ainda que, na maioria das capitais, 80% dos alunos da rede pública e 40% dos da rede privada não têm computador em casa<sup>49</sup>.

Não somente os jovens pesquisados refletem a exclusão digital no país, mas também os profissionais da educação: 48% deles não têm acesso a

<sup>48</sup> “No Brasil, apenas 12,5% têm computador”. Entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Cotidiano, p. C-4, 11 de abril de 2003.

<sup>49</sup> “Pesquisa Unesco quantifica desigualdade”. Jornal *Folha de São Paulo*, 20 de abril de 2003.

computadores ou à internet<sup>50</sup>. Dados da Unesco revelam que, na rede pública, 45% dos professores não usam computador na escola e entre 7,2% e 24,6% admitem não dominar a informática. Já na rede particular, esses percentuais caem respectivamente para 15% e entre 1,2% a 7,7%<sup>51</sup>. A relevância da discussão sobre o acesso à informática está na importância das ferramentas acessíveis ao novo talento no momento de tentar fazer parte do capital humano de alguma organização.

#### **4.4- O novo talento da Zona Leste como capital humano das organizações**

O capital humano de uma organização está concentrado no conhecimento que têm as pessoas e equipes que nela trabalham, na utilidade que representam para a empresa e em sua capacidade de “aprender”. Esse conhecimento pode ser explícito ou tácito. A empresa não possui esse capital e não pode comprá-lo, mas apenas utilizá-lo por um período de tempo<sup>52</sup>.

Do total do conhecimento apresentado por uma pessoa, apenas parte está ligada à produtividade do trabalho e pode ser considerada uma mercadoria com valor de uso e, dependendo da atividade, também com valor de troca. Certamente é essa parte que interessa às organizações: “às organizações não interessa qualquer conhecimento, mas apenas aquele que incorpore ganhos de produtividade e, conseqüentemente, de rentabilidade.” (AMORIM, 2002, p. 5)

Na formação pré-empresa, portanto, o estímulo à produção do saber deve acrescentar o conhecimento necessário às organizações ao que é normalmente produzido na vivência social do novo talento, em família e em comunidade. No

---

<sup>50</sup>“Profissional de Educação fica longe da rede”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Cotidiano, p. 5, 11 de abril de 2003.

<sup>51</sup>“Pesquisa Unesco quantifica desigualdade”. Jornal *Folha de São Paulo*, 20 de abril de 2003.

<sup>52</sup> Baseado em definição de “capital humano”. Disponível em <[www.gestoindelconocimiento.com/conceptos\\_capitalhumano.htm](http://www.gestoindelconocimiento.com/conceptos_capitalhumano.htm)> Acesso em 3 de junho de 2003. No original: *capital humano* “se refiere al conocimiento (explícito o tácito) útil para la empresa que poseen las personas e equipos de la misma, así como su capacidad para regenerarlo; es decir, su capacidad de aprender. El Capital Humano es la base de la generación de los otros dos tipos de Capital Intelectual. Una forma sencilla de distinguir el Capital Humano es que la empresa no lo posee, no lo puede comprar, so lo alquilarlo durante un periodo de tiempo”.

entanto, a necessidade das organizações segue padrões nem sempre imediatamente identificáveis.

Segundo Maturana, “nós, seres humanos, vivemos em comunidades cognitivas”. (MATURANA, 2001, p. 295) A tomar a empresa como uma dessas comunidades, pode-se entender que o capital humano de uma organização segue padrões de comportamento e ação preestabelecidos pela atividade da empresa e pela cultura organizacional, assim como por padrões subjetivos de aceitabilidade mútua de seus membros.

Ao apontar a necessidade de estímulo à produção de certo tipo de conhecimento na formação pré-empresa, há que se considerar que “o conhecimento é um comportamento aceito como adequado por um observador num domínio particular que ele ou ela especifica.” (MATURANA, 2001, p. 295) Dessa forma, a parte do conhecimento com utilidade para o trabalho em determinada organização é definida de acordo com os critérios de seus membros.

Então, em sua busca de formação para o trabalho, o novo talento nem sempre tem clareza sobre o tipo de conhecimento mais importante para sua capacitação profissional. Analogamente, na tentativa de aproximação com o mundo do trabalho, as instituições escolares acabam oferecendo uma formação nem sempre tão interessante para as organizações, onde a finalidade principal do trabalho é o lucro decorrente da produtividade.

Nas organizações com fins lucrativos, o trabalho reflete a busca de otimização dos recursos para a obtenção do máximo lucro possível, pois, “no Ocidente, ainda vivemos uma sociedade em que a produção em função de lucros permanece como o princípio organizador básico da vida econômica.” (HARVEY, 1992, p. 117) Essa relação produção/lucro pressupõe a necessidade de otimização da produtividade.

Pressupondo que a importância das pessoas para uma empresa é sua produtividade, e que esta tem relação direta com educação e capacitação, torna-se legítima – além da exigência de maiores níveis de escolaridade e de uma boa qualidade na formação pré-empresa dos recursos humanos – a necessidade de investimento das organizações em capacitação e treinamento do quadro de funcionários.

Uma vez que o capital humano de uma empresa deve responder ao dinamismo do atual mundo do trabalho – onde as características e a qualidade

requeridas de produtos e serviços mudam rapidamente –, a demanda por certo tipo de habilidade dos trabalhadores está diretamente relacionada à formação pré-empresa. As empresas devem estar em constante adaptação às tecnologias disponíveis e ao dinamismo dos mercados. Da mesma forma, o capital humano é exigido quanto a educação e capacitação. O aumento das exigências para colocação em qualquer nível hierárquico reflete a mudança de perfil dos trabalhadores nos vários segmentos do sistema produtivo. Nas empresas manufatureiras, por exemplo:

“(...) a introdução de novos processos de produção exige dos operários três novas atitudes: em primeiro lugar, a capacidade de cumprir de forma simultânea as exigências de qualidade do produto e prazo de produção; segundo, a capacidade de trabalhar em equipe, de regular o fluxo de produção, tanto em função da demanda, como da necessidade de otimizar o uso dos recursos humanos e instalações físicas que a empresa dispõe num dado momento; nesse contexto, os operários passam a assumir as funções antes desempenhadas por supervisores; finalmente, os mesmos operários se vêem associados a atividades conceituais, pois devem contribuir ativamente na aplicação e no afinamento de processos de produção que estão mudando continuamente.”<sup>53</sup>

Evidentemente, em todos os níveis espera-se que os empregados tenham suas habilidades bem desenvolvidas para o bom desempenho de suas funções. Daí a demanda de investimentos das organizações em treinamento e capacitação. Além disso, o acesso à escola na formação pré-empresa tem um grande valor na composição do capital humano das organizações, o que leva à reflexão sobre a importância da formação escolar básica na capacitação profissional. O novo talento da Zona Leste de São Paulo, portanto, além de enfrentar os problemas sociais já apontados na descrição dos bairros

---

<sup>53</sup> No original: “La introducción de nuevos procesos de producción exige a los operarios poseer tres nuevas aptitudes: en primer lugar, la capacidad de cumplir en forma simultánea las exigencias de calidad del producto, y de plazo de producción (fecha de entrega); segundo, la capacidad de encargarse, como parte de un equipo, de regular los flujos de producción, tanto en función de la demanda, como de la necesidad de optimizar el uso de los recursos humanos e instalaciones físicas de que dispone la firma en un momento dado; en ese contexto, los obreros pasan a asumir buena parte de las funciones que antes desempeñaban los supervisores; finalmente, los mismos obreros se ven asociados a actividades conceptuales, pues deben contribuir activamente a la aplicación y al afinamiento de procesos de producción que están cambiando continuamente.” CEPAL, cap. III, 1992, p. 84.

selecionados, deve cuidar da sua formação pré-empresa, para ter alguma chance de compor o capital humano de uma organização.

A empresa utiliza o capital humano apenas durante um período de tempo, sem deter sua posse. “A competência individual não pode ser propriedade de ninguém ou de qualquer coisa, a não ser da pessoa que a possui.” (SVEIBY, 1998, p. 11) Daí que os processos de aprendizagem na organização contemporânea tenham como um dos seus objetivos o fator rapidez, que é também um dos valores da sociedade em que vivemos.

Essa rapidez não é necessária somente no processo de aprendizagem, mas na aplicação prática do que foi aprendido. Dessa forma, não somente em processos de treinamento promovidos pela organização, mas também no aprendizado inerente às atividades cotidianas, é preciso que o capital humano responda com certa agilidade, tanto na exposição a novas situações quanto a uma diversidade de processos rotineiros de trabalho.

Para que a organização consiga essa agilidade, diretamente ligada à produtividade e à manutenção da competitividade, além dos esforços de capacitação, reciclagem e treinamento, há que contar também com uma certa habilidade no momento de contratar profissionais. Porém, como avaliar a capacidade de uma pessoa de aprender e de reter conhecimento?

“Conhecimento e aprendizagem são atividades humanas que expressam, de maneira exuberante, processos não lineares, além de serem imateriais e dependentes de base material fisiológica.” (DEMO, 2002, p. 123) Segundo Demo, o conhecimento e a aprendizagem fazem história própria, o que leva a crer que cada um aprende no seu próprio ritmo e de forma subjetiva.

A não linearidade do conhecimento e da aprendizagem faz com que a exigência de um certo nível de escolaridade de um trabalhador não seja garantia de uma boa formação pré-empresa, ou de que ele tenha bem desenvolvida a capacidade de aprendizagem necessária à organização, ou mesmo de que o conhecimento acumulado vá se converter em produtividade.

Essa não linearidade faz ainda com que os processos de treinamento e capacitação nem sempre atinjam os resultados esperados. “Gasta-se fortunas em treinamentos, que podem muito bem estar sendo sub-aproveitados pelos

empregados, sem que os chefes se dêem conta do problema.”<sup>54</sup> Essa afirmação refere-se ao analfabetismo funcional, deficiência que, na prática, se traduz em incapacidade de leitura, de escrita e de realização de cálculos.

No Brasil, uma das prováveis causas dessa deficiência é a má qualidade do ensino formal, que acabou deixando rastros no mundo do trabalho. Os prejuízos no país causados pela perda de produtividade decorrente do analfabetismo funcional estimam-se em US\$ 6 bilhões anuais. Em pesquisa realizada numa importante siderúrgica brasileira, dos 581 funcionários testados, pelo menos 110 acusaram alguma insuficiência na alfabetização funcional<sup>55</sup>. Os números revelam a dificuldade das organizações em medir os resultados de um treinamento e mesmo a qualidade de seu corpo funcional.

É certo que a capacitação tem relação direta com o aumento da produtividade, uma vez que existe para isso, mas nem a aprendizagem nem sua aplicação são totalmente controláveis pela organização. Então, não restam às organizações outras alternativas se não a “coerção” ou o “convencimento” para que as pessoas utilizem a própria capacidade de forma eficaz e eficiente dentro dos objetivos organizacionais.

Posto que “o indivíduo se liga a uma organização por vínculos não apenas materiais, mas também afetivos, imaginários e psicológicos” (FREITAS M. E., 2000, p. 88), a organização promove implicitamente o reforço desses vínculos, para que o trabalhador se convença a maximizar a utilização de sua capacidade, de modo a alcançar os resultados que a organização espera dele.

O ganho de produtividade decorrente da melhoria do nível de educação e capacitação do capital humano é apenas um dos problemas a serem resolvidos nas organizações. Outras questões importantes se colocam na gestão dos recursos humanos. Entre elas, a criação de condições para que o conhecimento, além de ser fluente e ágil, seja eficientemente retido na organização, pois o uso do capital humano limita-se ao período em que as pessoas trabalham nela, mas o negócio da empresa existirá enquanto a organização existir.

As dificuldades do novo talento para conseguir uma boa formação pré-empresa são evidentes nos problemas já apontados – por exemplo, a qualidade

---

<sup>54</sup> “As perdas invisíveis provocadas pelo analfabetismo funcional nas empresas”. *Jornal Valor Econômico*, 23 de abril de 2002.

<sup>55</sup> *Idem*.

da educação e a necessidade de conciliar trabalho e estudo. Por outro lado, é igualmente evidente a difícil realidade com que lidam as empresas na formação e manutenção do capital humano.

Às organizações, torna-se assim, estrategicamente importante o aprimoramento de seus processos de recrutamento e seleção, ligados à administração de recursos humanos, pois “a capacidade cognitiva, a criatividade e a motivação individual, assim como a capacidade de trabalhar bem em grupos, embora possível de ser melhorada e facilitada pela organização, são características pessoais que os indivíduos desenvolveram ao longo de suas vidas e, por isso mesmo, dificilmente modificáveis em sua essência.” (TERRA, 2001, p. 142)

Sem menosprezar outros fatores relacionados à produtividade – condições de trabalho, motivação financeira, estrutura familiar etc. – a controversa educação massificada com prejuízo da qualidade de ensino aparece em nossa sociedade como um dos problemas que atingem diretamente o sistema produtivo. Na formação pré-empresa, os problemas educacionais são uma inquietação de toda a sociedade.

As preocupações com investimentos nessa área atingem, além do cidadão comum – que precisa cada vez mais investir em qualificação para conseguir uma colocação no mercado de trabalho – também o governo, que, por sua vez, é pressionado a oferecer educação acessível e de boa qualidade. Essa pressão parte tanto da população quanto do empresariado, que na formação do capital humano de suas empresas, recebe pessoas com formação básica iniciada ou concluída fora do contexto empresarial.

Além das pressões sociais por qualidade da educação, é clara a tendência de valorização das qualificações pessoais dos trabalhadores. Essa valorização não significa necessariamente melhor rendimento ou ascensão social dos mais qualificados, mas a sinalização de que algumas deficiências na formação educacional e profissional serão cada vez menos toleradas pelos que pagam pela força de trabalho.

Assim, ao novo talento da Zona Leste de São Paulo cumpre perceber a importância do aprimoramento das aptidões pessoais, pois a tendência revela que “o futuro pertence aos trabalhadores do conhecimento, que serão regamente

pagos por suas qualificações.” (KOTLER, 1998, pp. 161-162) Na distante periferia, porém, nem sempre essa realidade é percebida pelos jovens.

A imagem do futuro apontado por Kotler (1998) pode ser alterada por diferentes trajetórias. O jovem do bairro menos carente, com todos equipamentos urbanos instalados, que tenha uma situação familiar estável e uma rede de apoio bem constituída provavelmente terá ambições profissionais com perfil diferente das do jovem que mora num bairro mais carente, sem o suporte familiar e/ou comunitário adequado.

Na análise das respostas dos questionários da pesquisa, considerou-se a diversidade das ambições profissionais em uma mesma região da cidade. A necessidade apontada por Machado Pais (1996) de atenção às reações diferenciadas dos jovens também foi tratada com especial atenção. Na visão do novo talento sobre a contribuição da escola nas escolhas profissionais e na formação para o trabalho, há que se considerar a relação educação/renda apontada pela teoria do capital humano.



## **5- As possibilidades de trabalho na visão do novo talento da Zona Leste**

Como já se disse, o trabalho tem grande importância na vida em sociedade, e traz implícito o significado da convivência no meio social. Em organizações, o próprio ambiente favorece o relacionamento entre os participantes, pois, além de serem um espaço para o trabalho, elas constituem “um espaço de convivência humana”. (SCHIRATO, 2000, p. 67) Uma colocação no mercado de trabalho pode significar “satisfação e segurança” e “possibilidade de trânsito social”. (SCHIRATO, 2000, p. 67)

Além dos aspectos do trabalho relacionados à convivência, pode-se considerar que, para muitos, “o objeto idealizado está na profissão, na escolha de uma carreira capaz de garantir sucesso financeiro e inveja social”<sup>56</sup>. Dessa forma, o trabalho também pode ser considerado um instrumento de realização social.

Neste capítulo, as ambições sociais do novo talento serão analisadas através das respostas sobre a importância do trabalho. Também serão apresentados os resultados sobre a situação profissional dos jovens pesquisados na época da pesquisa e na fase anterior. Além de suas expectativas quanto à vida profissional, serão expostas as principais barreiras identificadas no momento de buscar um trabalho, passando por suas escolhas profissionais e visão de mundo.

Na vida profissional e social do novo talento, a educação tem influência direta na construção de uma carreira minimamente promissora. Na medida em que concorre para a descoberta e o aperfeiçoamento de aptidões pessoais, a educação contribui também com a formação de um capital intelectual útil ao trabalho.

A educação relacionada ao trabalho – especialmente no que se refere a ambições profissionais – teoricamente incrementa as possibilidades de aumento de renda. Considerando a renda um retorno pelas habilidades desenvolvidas, a educação é fundamental por contribuir com o desenvolvimento dessas habilidades.

---

<sup>56</sup> ROSEMBAUM, Yudiith. “Curso Educar na Sociedade da Informação, Dia-a-dia, Projeto Cidade do Conhecimento”. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA). Disponível em <[www.usp.br/iea/cidade/educar/dia-a-dia-mode4ses4.html](http://www.usp.br/iea/cidade/educar/dia-a-dia-mode4ses4.html)> Acesso em 22 de junho de 2002.

Portanto, na análise dos resultados dos questionários, torna-se pertinente o confronto com a teoria do capital humano, que relaciona os níveis de educação e de renda, e pressupõe que o capital humano é sempre produzido, ou seja, é produto das decisões de investimento em educação ou em treinamento<sup>57</sup>. Vista nesse conceito teórico como uma forma de capital, a educação presta serviços de determinado valor. Para tratar a educação dessa forma, considera-se a hipótese de que “alguns aumentos importantes na renda nacional são uma consequência de adições a essa forma de capital.” (SCHULTZ, 1973a, p. 79)

### **5.1 A teoria do capital humano no contexto da pesquisa**

Tomar a educação por um capital pressupõe sua incorporação, tornando-se “parte da pessoa que a recebe” (SCHULTZ, 1973a, p. 79), constituindo o assim chamado *capital humano* (SCHULTZ, 1973a, p. 79). Na teoria do capital humano, mais educação significa maior renda, pois a educação amplia habilidades e conhecimentos. Uma vez que uma pessoa adquire maior habilidade cognitiva e aumenta seus conhecimentos, sua produtividade aumenta e, conseqüentemente, também o salário.

Teoricamente, quanto mais educação, maior é a produtividade do trabalho, o que resulta em maiores salários. A hipótese subjacente é o equilíbrio entre oferta e demanda no mercado de trabalho, além da suposição de que salário médio resulta em produtividade média do trabalho.

A relação direta entre educação e produtividade seria simples se esta fosse exclusivamente incrementada pelo conhecimento gerado pela educação. O conhecimento, porém, é resultado da articulação entre a educação e diversas outras vivências pessoais, e “se desenvolve ao longo do tempo, através da experiência, que abrange aquilo que absorvemos de cursos, livros e mentores, e também do aprendizado informal”. (PRUSSAK e DAVENPORT, 1998, p. 9)

Dessa forma, o novo talento da Zona Leste de São Paulo, além do conhecimento produzido na escola, dispõe do conhecimento produzido na

---

<sup>57</sup> Almeida e Pereira. “Críticas à Teoria do Capital Humano – Uma Contribuição à Análise de Políticas Públicas em Educação”, 2000, p. 01. Disponível em <[www.ufmt.br/revista/arquivo/rev15/AlmeidaPereira.html](http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev15/AlmeidaPereira.html)> Acesso em 3 de julho de 2003.

comunidade onde vive. Pela teoria do capital humano, o nível de educação está diretamente associado ao nível de renda, mas, no contexto brasileiro, a participação no sistema de ensino nem sempre significa desenvolvimento das aptidões necessárias para melhoria da renda, ou meio para ingresso no mercado de trabalho.

No Brasil de hoje, alguns fatores concorrem para que a demanda por emprego seja maior que a oferta de vagas. Um deles é a estagnação do crescimento econômico do país; outro é a tendência de enxugamento de postos de trabalho nas empresas e redução da oferta de cargos públicos<sup>58</sup>. Há outros, mas o conjunto resulta em que não há emprego para todos.

Segundo o IBGE, no primeiro semestre de 2003, a população economicamente ativa nas regiões pesquisadas pelo instituto era de quase 21 milhões de pessoas – 2,2 milhões a mais que a PEA do mesmo período no ano anterior. Apesar de o número de pessoas ocupadas ter aumentado 1,9 milhões no mesmo período, não cessou o avanço do desemprego<sup>59</sup>. Nessas condições, os investimentos de uma pessoa em educação não se convertem automaticamente em melhoria da renda.

A tendência de queda no rendimento dos ocupados acaba prejudicando a relação educação/renda e fazendo com que uma parte dos trabalhadores se sujeite a rendimentos menores do que os compatíveis com seu nível educacional. Na região metropolitana de São Paulo, a renda dos ocupados atingiu, em março de 2003, o valor mais baixo desde 1985 – R\$ 857,00 –, com uma perda de 51% do poder aquisitivo<sup>60</sup>.

A teoria do capital humano pode ser relacionada – além da renda – também à qualidade da educação, à oferta de vagas nas escolas e nas universidades públicas e ao desemprego. Na região metropolitana de São Paulo, em abril de 2003, a taxa de desemprego foi a maior desde 1985 (20,6%)<sup>61</sup>. Entre

---

<sup>58</sup> “Trabalho Árduo”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folhateen, p. 6, 29 de abril de 2002.

<sup>59</sup> “Crise do desemprego se agrava na gestão Lula”. Jornal *Folha de São Paulo*, 27 de julho de 2003.

<sup>60</sup> “Desemprego e queda da renda são recordes em SP”. PED/SEADE, 2003. Jornal *O Estado de S. Paulo*. Caderno de Economia, 29 de maio de 2003. Disponível em

<[www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/05/29/eco028.html](http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/05/29/eco028.html)> Acesso em 31 de maio de 2003.

<sup>61</sup> Idem.

as pessoas com ensino médio completo ou superior incompleto, essa taxa passou de 10,1% em 1995 para 17,6% em 2002<sup>62</sup>.

Segundo o censo escolar do Ministério de Educação (MEC), em 2000, 56,7% dos estudantes que concluíram a chamada educação básica (soma do ensino fundamental e médio) eram do período noturno, o que leva à conclusão de que a maioria dos alunos que conseguem se formar no ensino médio estudam à noite; são alunos que trabalham durante o dia e são um pouco mais velhos<sup>63</sup>. Um dos problemas é que “notoriamente, o noturno é mais precário. Os estudantes têm um número menor de aulas e os professores normalmente dobram a jornada. Por isso, fica mais difícil implantar projetos que exigem o trabalho em conjunto, discussão”<sup>64</sup>.

Nas escolas pesquisadas, o número de alunos matriculados por período em 2002 corrobora essa afirmação. Na Moacyr Campos, dos 749 alunos, 406 (54,20%) eram do noturno. Na Caramuru, 153 (64%) de 239 alunos, e na Jorge Duprat Figueiredo, 130 (75,58%) de 172 alunos.

Na comparação entre os dois bairros, vê-se que a proporção de alunos do noturno no Jardim Santa Terezinha é bastante grande em relação ao diurno, que tinha apenas 24,42% das matrículas em 2002. Na Vila Antonieta, uma parcela mais significativa estava matriculada no diurno: 43,42%. Admitindo a hipótese de que o período noturno apresenta mais problemas que o diurno no que se refere à qualidade do curso e ao aproveitamento dos alunos, pode-se concluir que, no geral, o novo talento do Jardim Santa Terezinha enfrenta obstáculos maiores que o da Vila Antonieta quando se trata de apresentar aptidões que dependem de uma educação de boa qualidade.

No Brasil, além da qualidade da educação, as questões da produtividade e da renda emergem numa sociedade em que muitos estão fora da escola ou desempregados, e outros procuram se manter no emprego tentando adequar-se ao perfil exigido, ou estudam sem a garantia de recompensa desse esforço.

---

<sup>62</sup> Pesquisa de Emprego e Desemprego – Tabela 10 – Taxa de desemprego segundo nível de instrução. Região Metropolitana de São Paulo, 1995-02. Disponível em <[www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br)> Acesso em 25 de maio de 2003.

<sup>63</sup> Alunos formados no período noturno são maioria. Jornal *O Estado de São Paulo*. Disponível em <[www.estado.estadao.com.br/editorias/2002/06/04/ger016.html](http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2002/06/04/ger016.html)> Acesso em 4 de junho de 2002.

<sup>64</sup> Vera Massagão Ribeiro, secretária executiva da organização não governamental Ação Educativa, sobre as dificuldades na realização das reformas em andamento por meio do programa Escola Jovem. “Alunos formados no período noturno são maioria”. Jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em <[www.estado.estadao.com.br/editorias/2002/06/04/ger016.html](http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2002/06/04/ger016.html)> Acesso em 4 de junho de 2002.

Não só para o novo talento da Zona Leste de São Paulo, mas para os trabalhadores em geral, são claras as dificuldades na busca de melhoria da qualificação. O pressuposto da teoria do capital humano, de que a melhoria do nível educacional resulta em melhoria da produtividade e aumento de renda, deve ser vista com certo cuidado na interpretação dos resultados da pesquisa, pois, mesmo sendo notória a relação entre educação e trabalho, a relação entre educação, produtividade e aumento de renda não pode ser adotada de maneira simplista.

### ***5.2- A importância do trabalho para o novo talento***

Numa época em que a maioria dos trabalhadores é obrigada a rever conceitos sobre trabalho e emprego, quem está começando a vida profissional enfrenta grandes desafios. Mesmo que boa parte dos jovens pesquisados já esteja colocada profissionalmente, o desafio da construção da carreira é típico da faixa etária estudada.

A importância do trabalho para o novo talento da Zona Leste de São Paulo, primeira pergunta do questionário, leva à reflexão sobre o quanto trabalhar pode ser importante no contexto social já identificado na descrição dos bairros e do perfil dos pesquisados. 44,4% dos jovens pesquisados responderam que o mais importante em relação ao trabalho é a “possibilidade de custear a continuidade dos estudos para conseguir um futuro melhor”.

Entre as alternativas de respostas, além dessa, estavam: “independência”; “dinheiro e possibilidade de consumo”; “tornar-se adulto e responsável por você mesmo”; “melhoria das condições financeiras da família”. A resposta mais assinalada mostra que o novo talento relaciona com a educação a possibilidade de um futuro melhor.

Nessa resposta, identifica-se a teoria do capital humano, que, embora alvo de muitas críticas, tem seu pressuposto central refletido no modo de pensar de muitas pessoas. Quando o novo talento associa a melhoria de seu futuro à continuidade dos estudos, provavelmente supõe que, com um melhor nível educacional, conseguirá um trabalho mais bem remunerado.

A visão do trabalho como facilitador da continuidade dos estudos mostra o quanto o novo talento da Zona Leste depende de si mesmo para a sua qualificação. Além do esforço cotidiano para estudar, a necessidade de custear o curso escolhido depende da capacidade de conciliar trabalho e estudo e de que a renda seja suficiente para isso.

As despesas com educação não se restringem ao pagamento de mensalidades. Mesmo estudando numa instituição gratuita, há que custear transporte, alimentação, livros, material escolar etc. As famílias da maior parte dos pesquisados provavelmente não têm condições de ajudar nesse sentido. A segunda alternativa mais assinalada se relaciona com essa suposição. 25,8% dos pesquisados pensam que o mais importante em relação ao trabalho é a “melhoria das condições financeiras da família”. Essa resposta revela que muitos jovens participam ativamente do orçamento familiar.

O Censo do IBGE mostra que, em 2000, 16.495 domicílios na capital paulista eram chefiados por adolescentes, número que supera a população de 3.663 municípios do país. Segundo o IBGE, a maior parte desses jovens mora na periferia da capital paulista e em áreas com baixa renda<sup>65</sup>. Embora a faixa etária considerada pelo IBGE – 10 a 19 anos – seja diferente da estudada neste trabalho, pode-se ter uma idéia de como vive boa parte dos jovens de baixa renda no Brasil.

Ainda quanto a jovens dessa camada social, há outros dados sobre sua participação no orçamento familiar. Em pesquisa com jovens metalúrgicos de Osasco, com idade entre 18 e 25 anos, Martins registra que 44,6% das respostas de múltipla escolha sobre os motivos que os levaram ao trabalho apontam “a necessidade de ajudar no sustento da família, contribuindo para aumentar a renda familiar” e que “21,8% alegaram procurar trabalho por vontade própria e 25,7% queriam também ter o seu próprio dinheiro, para comprar objetos de consumo que seus pais não podiam fornecer”. (MARTINS, 2001, p. 67)

“Dinheiro e possibilidade de consumo” foi a resposta menos assinalada pelo novo talento da Zona Leste de São Paulo, para a questão sobre a importância do trabalho – apenas 6,2%. “Tomar-se adulto e responsável por você mesmo” teve 11,2% das respostas e “Independência”, 12,4%. Na análise dessa

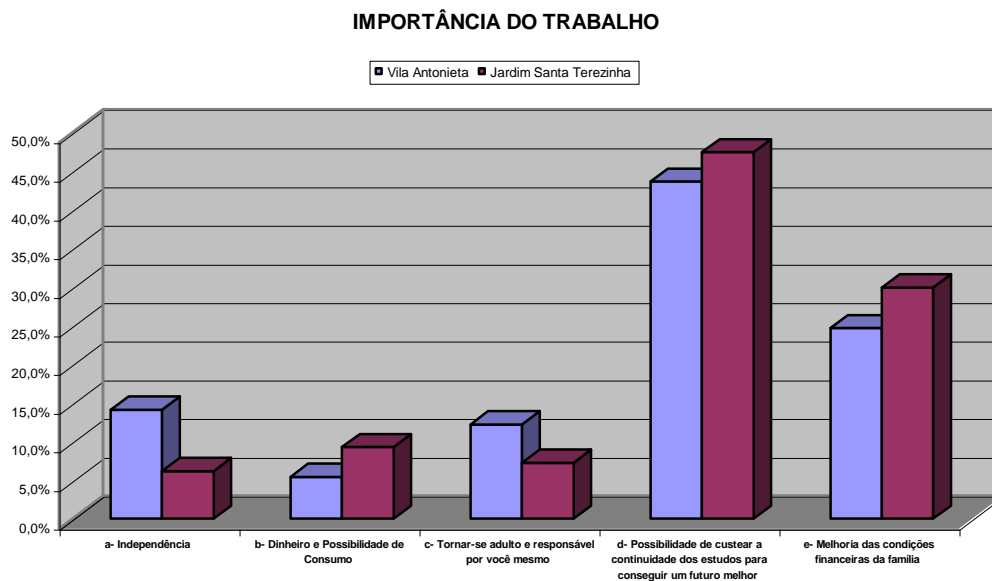
---

<sup>65</sup> “Adolescentes chefiam 16,5 mil casas em SP”. Censo 2000 IBGE. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-1, 16 de julho de 2002.

questão e da maior parte das questões, é importante considerar que a situação da pesquisa, com a presença de pessoas estranhas ao ambiente escolar, provavelmente influencia as respostas. No imaginário do jovem, nem sempre a proposta da pesquisa – de investigar sua situação profissional – é percebida com a clareza esperada. Assim, as respostas menos assinaladas não devem ser consideradas irrelevantes. Independência, dinheiro, consumo e emancipação não deixam de ser fatores bastante importantes para o jovem, mas a realidade faz com que o trabalho seja essencialmente um instrumento para a mudança de condição social.

Esse caráter do trabalho – de melhoria da situação social – se acentua um pouco no Jardim Santa Terezinha. Na Vila Antonieta, 43,6% responderam que o mais importante em relação ao trabalho é a “possibilidade de custear a continuidade dos estudos para conseguir um futuro melhor”; no Jardim Santa Terezinha, 47,4%. Na segunda opção mais escolhida, a tendência é a mesma: 24,7% dos pesquisados da Vila Antonieta assinalaram “melhoria das condições financeiras da família”; no Jardim Santa Terezinha, 29,9%.

Algumas diferenças nas respostas entre os dois bairros aparecem nas alternativas menos assinaladas, conforme o gráfico *Importância do trabalho*. “Dinheiro e possibilidade de consumo” teve 5,4% das respostas na Vila Antonieta e 9,3% no Jardim Santa Terezinha. “Independência” e “tornar-se adulto e responsável por você mesmo” parecem bem mais valorizadas na Vila Antonieta, com, respectivamente, 14,1% e 12,2% das escolhas, percentuais que caem para 6,2% e 7,2% no Jardim Santa Terezinha.



A alternativa que relaciona o valor do trabalho a dinheiro e possibilidade de consumo – que aparece em um percentual maior no Jardim Santa Terezinha – leva a perceber que o dinheiro relacionado ao trabalho é um aspecto da visão do jovem que merece atenção. Em entrevistas com jovens operários portugueses, Machado Pais deduz que, ao se dizerem satisfeitos com o emprego que têm e com o trabalho que executam, querem dizer que estão satisfeitos “por terem um trabalho que lhes permita ganhar algum dinheiro”. (MACHADO PAIS, 1996, p. 251)

A visão “instrumental” do trabalho, identificada por Machado Pais nos jovens operários, é também percebida entre os pesquisados nos dois bairros da Zona Leste de São Paulo, ou seja, para esses trabalhadores, o ganho financeiro do trabalho é bastante importante. O autor classifica segurança e dinheiro como fatores extrínsecos ao trabalho. Os intrínsecos – satisfação no trabalho e realização profissional – são mais valorizados por jovens de melhor posição social pesquisados por Machado Pais.

Em suas pesquisas, tanto Machado Pais quanto Martins constataram a valorização do “posto de trabalho” entre os jovens de baixa renda. O primeiro identifica nessa valorização a compreensão do fato de que esses jovens – apesar de serem econômica e socialmente mais afetados pelas dificuldades de inserção profissional – são os que “aparentam mostrar-se profissionalmente mais realizados”. (MACHADO PAIS, 1996, p. 252) Martins, diante dos 90,5% que



afirmaram que não gostariam de deixar de trabalhar, concluiu que “os jovens trabalhadores de Osasco não conseguiram exorcizar, ainda, a preocupação pelo posto de trabalho e, para eles, o mais importante é estar empregado”. (MARTINS, 2001, p. 66)

Tanto para os jovens operários portugueses, quanto para os jovens metalúrgicos de Osasco ou para o novo talento da Zona Leste de São Paulo, o trabalho tem importância fundamental. Seja por seu conceito próprio ou pelo posto de trabalho, o valor do ganho financeiro é o que, em muitos casos, permite vislumbrar um melhor padrão de vida, que inclui possibilidades de consumo. Pesquisa do Grupo Catho com 13.607 desempregados – embora realizada com público diferente do estudado na Zona Leste de São Paulo, por ter sido feita via internet e por estudar uma faixa etária mais ampla – aponta “necessidades da família/pagamento de contas” como o primeiro motivo para a busca de um novo emprego para 43,11% dos pesquisados. Na medida em que o nível hierárquico dos pesquisados diminui, “ter o prazer do trabalho”, segundo motivo mais alegado, é substituído por “obter um padrão de vida melhor”<sup>66</sup>.

A relação entre um padrão de vida melhor e a busca de um novo emprego é um dos fatores que ilustra o alto grau de dificuldade que a situação de desemprego representa na vida dos brasileiros, especialmente os de baixa renda. Para o novo talento, o desemprego é apenas um entre os vários obstáculos característicos do início da trajetória profissional.

### **5.3- A situação profissional do novo talento**

“Tanto quanto conquistar a primeira chance no mercado, o desafio do jovem profissional é se manter empregado”<sup>67</sup>. Frases como essa – comuns nos meios de comunicação ao tratar de trabalho dos jovens – tornam públicas as dificuldades que compõem a realidade profissional do novo talento.

Não só as frases de impacto, mas também os dados oficiais mostram que a situação profissional dos jovens no mercado de trabalho é bastante complicada. A matéria de que deriva a frase acima atribui o desemprego jovem aos seguintes

---

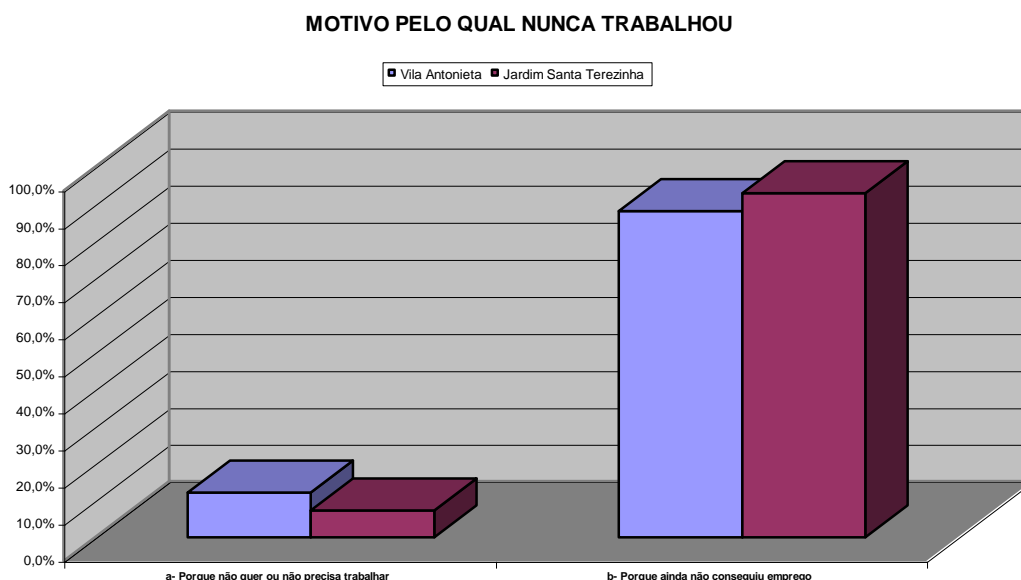
<sup>66</sup> “O desempregado brasileiro – Edição 2003”, Grupo Catho, p. 9. Disponível em <<http://www.catho.com.br>>

<sup>67</sup> Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Classificados Empregos, p. 1, 27 de abril de 2003.

fatores: fraco crescimento econômico, empresas cada vez mais enxutas e exigentes na hora da contratação e falta de experiência. Os dados do MEC são alarmantes: 8 milhões de pessoas entre 16 e 24 anos sem ocupação no Brasil, das quais 3,5 milhões estão procurando emprego. Frente à população total, de cada dois desempregados, um é jovem<sup>68</sup>.

Entre os pesquisados na Zona Leste, 44,4% responderam que estavam trabalhando e 55,5%, que não estavam; destes, 22,5% nunca tinham trabalhado e 33% já tinham trabalhado antes. Assim, pouco mais da metade não estava trabalhando no fim de 2002. Entre eles, 88,6% assinalaram como motivo o fato de ainda não ter conseguido emprego, o que mostra que, para a maioria, não estar trabalhando não é uma escolha, mas uma contingência: apenas 11,4% assinalaram “porque não quer ou não precisa trabalhar”.

Na Vila Antonieta, 24,7% dos pesquisados responderam nunca ter trabalhado, dos quais 12,1% apontaram como motivo não querer ou não precisar trabalhar, conforme o gráfico *Motivo pelo qual nunca trabalhou*. Já no Jardim Santa Terezinha, entre os 14,4% que responderam nunca ter trabalhado, apenas 7,1% apontaram esse motivo.



Tanto os percentuais em cada bairro quanto o geral – 22,5% de jovens que responderam nunca ter trabalhado – são suficientemente baixos para permitir a

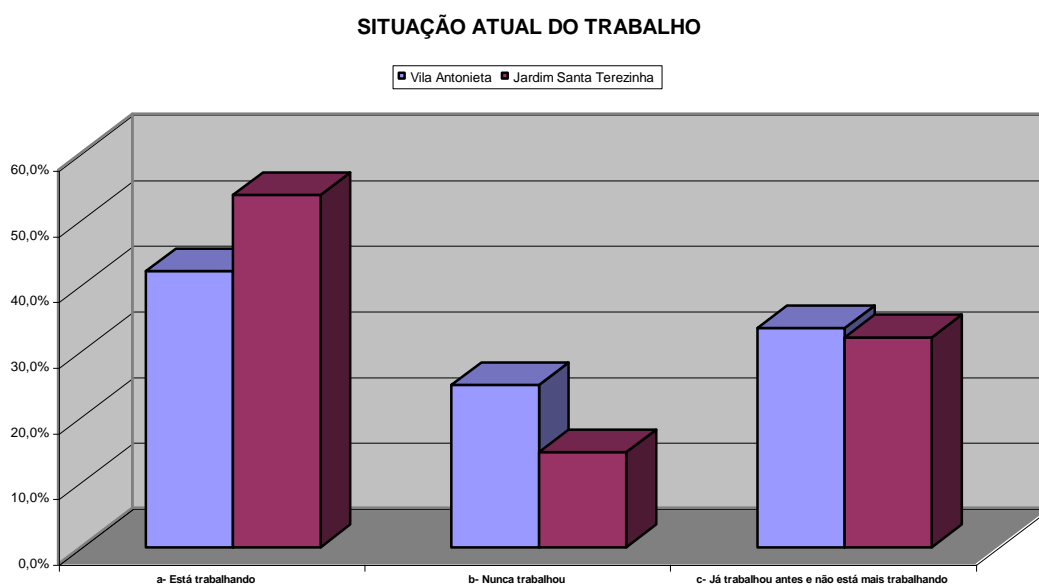
<sup>68</sup> “Metade dos desempregados são Jovens”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Classificados Emprego, p. 2, 27 de abril de 2003.

conclusão de que o trabalho associado aos estudos de nível médio é uma realidade expressa no contexto da pesquisa. O fato de a maioria nunca ter trabalhado por não ter ainda conseguido emprego leva à conclusão de que boa parte dos pesquisados já enfrenta o problema do desemprego na fase de conclusão do ensino médio.

A chamada “transição” da escola para o trabalho não tem muito sentido na realidade social estudada. O problema do “desemprego de inserção”, que só deveria aparecer depois da conclusão do ensino médio, já se impõe em anos anteriores, pela busca prematura de colocação no mercado.

“Na realidade, o padrão de inserção ocupacional do jovem diz respeito à passagem de uma situação de inatividade – em geral pertencente ao sistema escolar – para a de atividade no mercado de trabalho, seja através da ocupação ou do desemprego (procura por um posto de trabalho).” (POCHMANN, 2000, p. 45)

Para o novo talento da Zona Leste de São Paulo, assim como para boa parte dos jovens brasileiros, a passagem para a situação de atividade é marcada por dificuldades típicas da faixa etária, como mostra o gráfico *Situação atual do trabalho*.

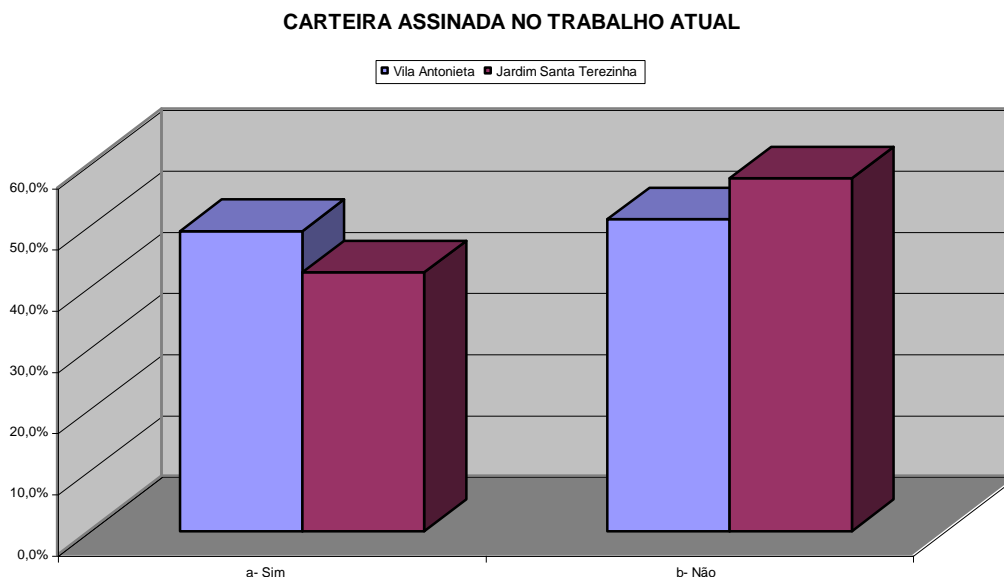


No Jardim Santa Terezinha, o percentual de pesquisados que respondeu nunca ter trabalhado é menor que na Vila Antonieta: respectivamente, 14,4% e 24,7%. A predominância de alunos no período noturno na escola pesquisada no Jardim Santa Terezinha pode ser uma das explicações para essa diferença. Uma

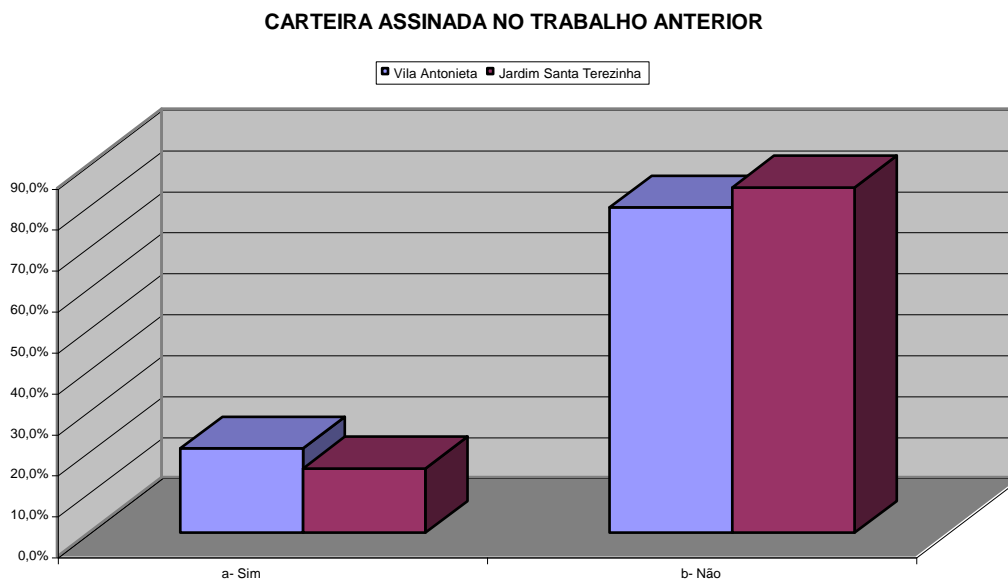
vez que a maioria dos alunos estudava à noite, pode-se deduzir que essa opção está diretamente ligada ao contato com o trabalho, mesmo que de forma precária.

Ao tratar de trabalho dos jovens, não se pode considerar que todo trabalho sem carteira assinada seja precário, mas a falta desse documento é um indicador da desproteção das leis trabalhistas. Entre os pesquisados que responderam estar trabalhando em 2002, 52,7% não tinham carteira assinada.

Conforme o gráfico *Carteira assinada no trabalho atual*, 57,7% dos jovens do Jardim Santa Terezinha responderam não estar trabalhando dessa forma (com carteira de trabalho assinada). Na Vila Antonieta, 51% assinalaram essa opção. Considerando o trabalho com carteira assinada como menos precário, a proporção de jovens que enfrenta condições precárias de trabalho é maior no Jardim Santa Terezinha do que da Vila Antonieta.



Perguntados sobre a situação anterior, entre os que já haviam trabalhado antes do trabalho da época da pesquisa (trabalho atual), ou antes de ficar desempregados, 80,5% responderam ter trabalhado sem carteira assinada. Assim como na situação da época da pesquisa, proporcionalmente, mais jovens do Jardim Santa Terezinha haviam trabalhado anteriormente sem carteira assinada: 84,3%. Na Vila Antonieta, esse percentual foi de 79,4%, conforme o gráfico *Carteira assinada no trabalho anterior*.



Tanto na situação anterior quanto na da época da pesquisa, a realidade nos dois bairros pesquisados mostra que trabalhar formalmente, com carteira assinada, não é uma conquista fácil para o novo talento. Num levantamento informal do jornal *Folha de São Paulo* com 20 moradores de uma mesma rua da Zona Leste da cidade, constatou-se que 72% dos pesquisados estavam desempregados em julho de 2003, e pôde-se concluir que “a coisa mais rara na rua do Trabalho é achar alguém com menos de 25 anos que tenha tido a carteira assinada alguma vez na vida”.<sup>69</sup>

Apesar da notória dificuldade do jovem em conseguir um trabalho com carteira assinada, pesquisas baseadas em dados do Ministério da Fazenda apontaram, em 2002, que “os trabalhadores com carteira assinada são cada vez mais jovens, estudaram mais e, apesar disso, ganham menos”<sup>70</sup>. Segundo esses dados, em 2000 e 2001 foram criadas 1,25 milhão de vagas no mercado formal de trabalho, todas para trabalhadores de até 29 anos, com nível de instrução de, no mínimo, até a 5ª série. As contratações com salários mais altos (superiores a 3 salários mínimos) foram superadas pelas demissões para essa faixa salarial.

A contratação com carteira assinada, mas com salários baixos, indica que a precariedade do trabalho não está só na falta de formalização do vínculo

<sup>69</sup> “Na rua do trabalho, o emprego virou sonho”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Brasil, p. A-10, 27 de julho de 2003.

<sup>70</sup> “Carteira de trabalho agora rebaixa salário”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Dinheiro, p. B-1, 28 de abril de 2002.

trabalhista. De acordo com Anselmo Luis dos Santos, economista da Unicamp, em 2002, “o emprego formal cresceu, mas o que aumentou foram as vagas de pior qualidade. É o surgimento do trabalho formal precário”<sup>71</sup>.

Posto que se constata precariedade também em vínculos formais de trabalho, a rotatividade a que os jovens estão expostos em sua vida profissional tem provavelmente aí uma de suas causas. Essa rotatividade é perceptível nas respostas do novo talento da Zona Leste sobre o tempo de permanência no emprego. Entre os que estavam trabalhando na época da pesquisa, 53,6% responderam estar trabalhando havia menos de um ano. Quanto à situação anterior, 62% dos que já haviam trabalhado antes responderam ter trabalhado por menos de um ano no trabalho anterior. Portanto, para a maior parte dos pesquisados, a permanência por menos de um ano num trabalho não é algo incomum.

A instabilidade do trabalho do novo talento é notada também por Martins na pesquisa com os jovens metalúrgicos de Osasco, entre os quais 48,5% estavam havia menos de um ano na empresa. (MARTINS, 2001, p. 67) Essa instabilidade talvez tenha explicação no fato de os jovens estarem mais sujeitos a contratos flexíveis.

Segundo Pochmann, essa flexibilização do mercado faz parte da orientação neoliberal de atuação do governo, e parte do princípio de que a produtividade do jovem é menor que a do adulto. Esse pressuposto faz com que se ofereçam compensações aos empregadores na contratação de trabalhadores jovens.

“Além dos subsídios, através dos contratos de trabalho flexíveis (contratação de experiência, de formação, estágios, entre outros), que se diferenciam dos contratos de adultos em relação ao tempo de duração do emprego, ganham maior importância as práticas de imposição de custos menores ao empregador, abaixo do salário mínimo oficial ou com redução do pagamento dos chamados encargos sociais.”  
(POCHMANN, 2000, p. 65)

As formas flexíveis de contratação dos jovens acabam sendo uma alternativa importante na busca da primeira chance de trabalho, mas o problema são as reais chances de consolidação da profissão escolhida. No caso dos

---

<sup>71</sup> Idem.

estágios, por exemplo, pesquisa do Centro de Integração Empresa Escola (CIEE)/Interscience, de março de 2003, revela que 51% dos estagiários não foram efetivados. As razões para isso foram assim mapeadas: 26% não foram contratados porque não havia plano de efetivação na empresa; 15% receberam proposta melhor; 10% das empresas alegaram redução do quadro de funcionários e 7% dos estagiários não foram efetivados porque precisavam de tempo para estudar<sup>72</sup>.

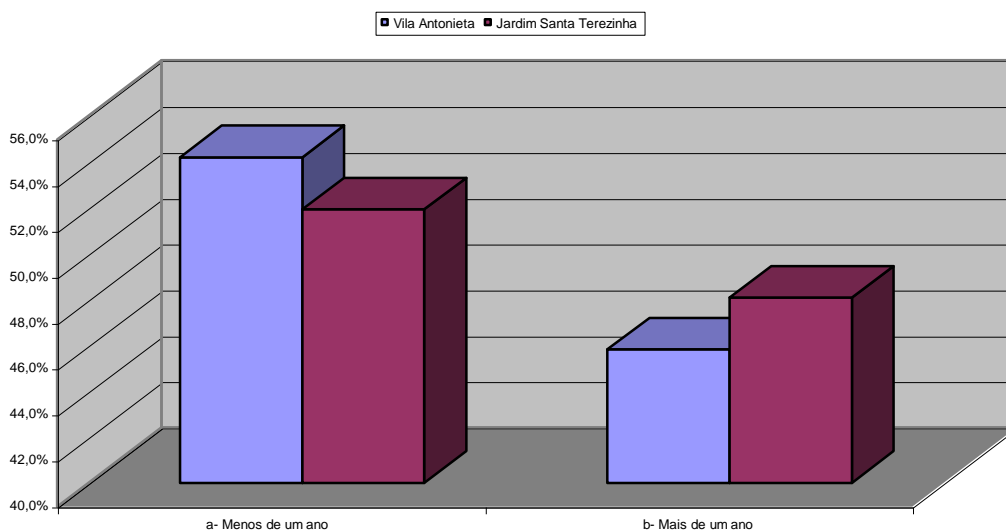
Esses dados mostram que o principal motivo para a não efetivação dos estagiários foi a falta de plano de efetivação nas empresas, revelando o quanto certos empregadores se utilizam desse tipo de vínculo de trabalho para compor seu quadro de funcionários. Manter-se por mais tempo em um trabalho, portanto, é uma decisão que nem sempre depende do jovem, mas a diferença do grau de necessidade de trabalhar pode ser um dos fatores que determinam uma permanência maior. Essa conclusão é corroborada pela comparação entre os dois bairros pesquisados. Os trabalhadores do Jardim Santa Terezinha, que têm renda familiar menor que os da Vila Antonieta, permaneceram mais tempo no trabalho anterior e estavam havia mais tempo no mesmo trabalho na época da pesquisa.

Conforme os gráficos *Permanência no trabalho atual* e *Permanência no trabalho anterior*, entre os pesquisados do Jardim Santa Terezinha que trabalhavam na época da pesquisa, 48,1% responderam que estavam trabalhando havia mais de um ano. Quanto ao trabalho anterior, 51,4% responderam que haviam trabalhado por mais de um ano. Já na Vila Antonieta, 45,8% responderam estar trabalhando havia mais de um ano e apenas 34% dos que já haviam trabalhado anteriormente responderam ter trabalhado por mais de um ano no trabalho anterior.

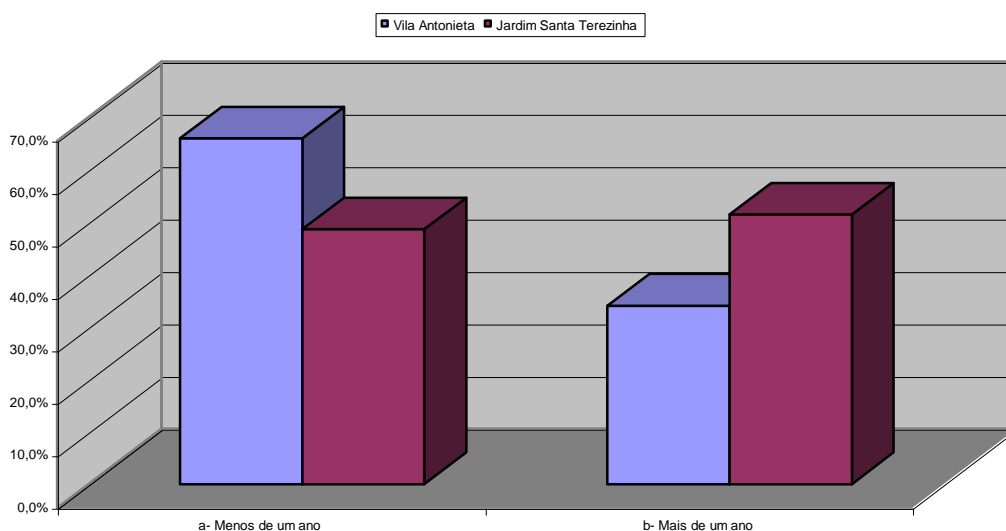
---

<sup>72</sup> “Estágio encurta busca, mas falta vaga”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Classificados Empregos, p. 3, 27 de abril de 2003.

### PERMANÊNCIA NO TRABALHO ATUAL



### PERMANÊNCIA NO TRABALHO ANTERIOR

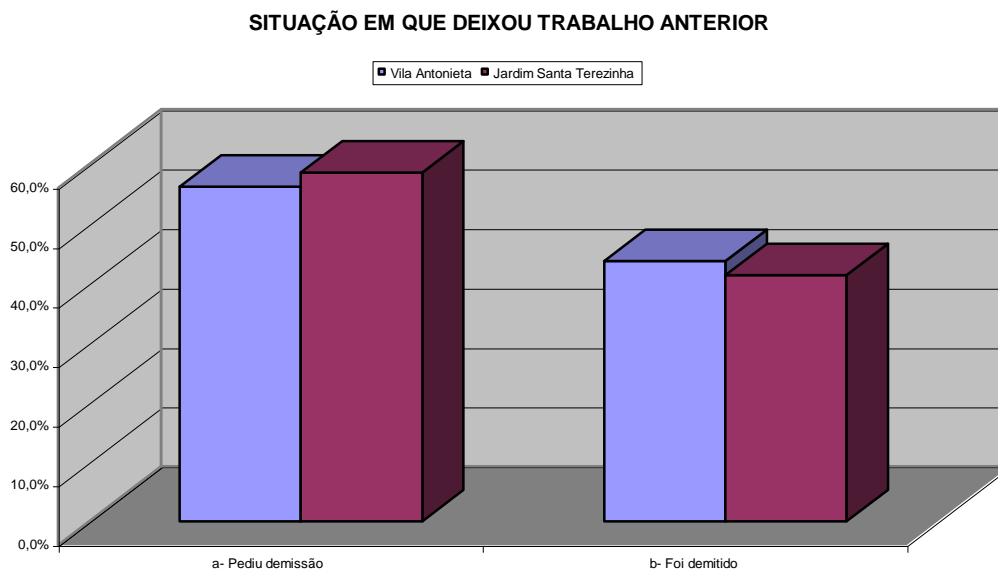


A relação entre a permanência no trabalho e a maior necessidade de trabalhar não é indicador de que os jovens trabalhadores da Vila Antonieta tenham deixado o trabalho por vontade própria. A base dessa dedução é que a maior necessidade de trabalhar pode resultar em mais responsabilidade com o trabalho e maior sujeição a regras impostas pelos empregadores, com conseqüente ampliação da permanência.

Da mesma forma, a não permanência no trabalho nem sempre é decisão do empregador. A pergunta sobre a situação em que o novo talento deixara seu trabalho anterior mostra que 56,8% dos pesquisados pediram demissão. A



diferença entre os percentuais dos dois bairros não é suficiente para permitir uma comparação. O gráfico *Situação em que deixou o trabalho anterior* mostra que 58,6% no Jardim Santa Terezinha e 56,3% na Vila Antonieta responderam ter pedido demissão.



Ao tratar do trabalho do novo talento, é preciso considerar que as atitudes dos jovens nem sempre são totalmente compreensíveis ou passíveis de associações. A possibilidade mais viável, portanto, é vislumbrar nos dados obtidos algumas tendências mais significativas da situação dos pesquisados. Machado Pais, por exemplo, concluiu que “alguns desempregados, em desespero de situação – ao envolverem-se em trabalhos de natureza bastante precária –, tendem a perpetuar ou a produzir uma forma de desemprego latente”. (MACHADO PAIS, 1996, p. 259)

Assim, a situação profissional do jovem, nem sempre é fruto exclusivo da realidade social, e o levantamento de dados fornece uma base para a ampliação do conhecimento sobre o novo talento. A maior parte dos pesquisados respondeu trabalhar no comércio, tanto no trabalho da época da pesquisa quanto no anterior. Entre os que responderam estar trabalhando, 13,0% trabalhavam na indústria, 40,6% no comércio, 18,4% em prestação de serviços e 28,0% assinalaram a opção “outros”. Entre os que responderam já ter trabalhado anteriormente, 12,3% trabalharam na indústria, 42,9% no comércio, 23,7% na prestação de serviços e 21,1% assinalaram “outros”.

O significativo percentual de respostas “outros” pode incluir uma parte de resultados que poderiam estar em outras alternativas. O percentual de respostas “comércio”, porém, não deixa dúvidas de que o emprego nessa área predomina entre os jovens pesquisados.

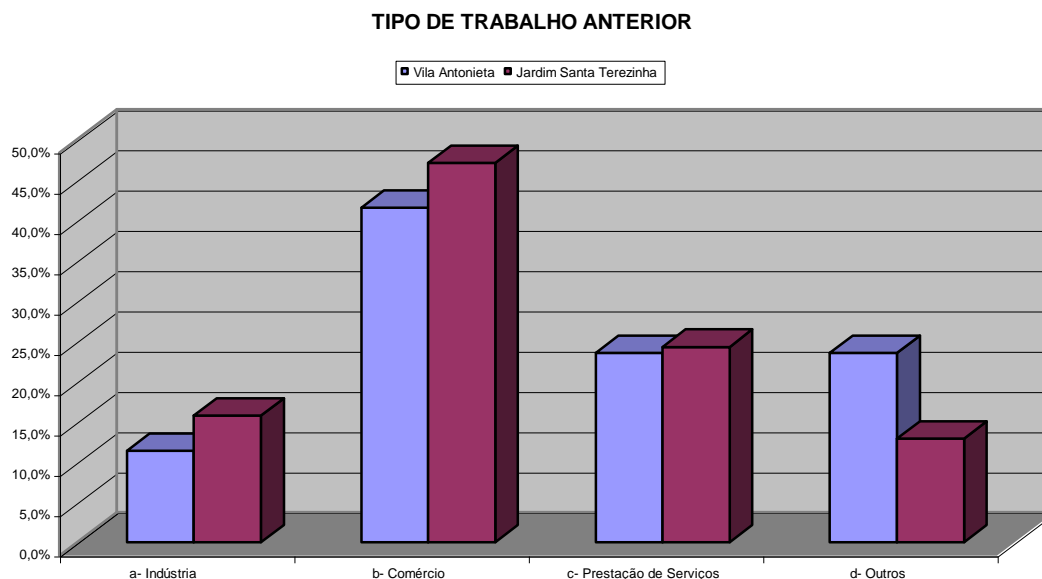
No geral, o chamado “varejo” é o setor econômico que mais emprega, segundo o IBGE, nas seis regiões estudadas pelo instituto. Responsável por 20% da ocupação, em junho o comércio empregava 3,64 milhões de pessoas nessas regiões<sup>73</sup>. O problema da ocupação nesse setor é que a queda do poder aquisitivo decorrente do desaquecimento da economia produz efeito direto no nível de emprego. A pesquisa do IBGE mostra que, em junho de 2003, o número de empregados no comércio (3,64 milhões) significa redução de 76,45 mil, em comparação com junho de 2002<sup>74</sup>.

Dessa forma, a diminuição dos empregos decorrente da queda nas vendas do comércio afeta diretamente o novo talento da Zona Leste. Por outro lado, esse é um dos setores em que o trabalho temporário é comum, o que facilita o ingresso do jovem. A época da pesquisa (novembro de 2002) é propícia ao trabalho no setor devido ao aquecimento das vendas pela proximidade das festas de Natal, o que se confirma nos resultados obtidos nos dois bairros pesquisados. No trabalho anterior ao da época da pesquisa, porém, o comércio é também o que mais aparece entre as respostas, apesar de não ser provável a relação com as vendas de final de ano. Conforme o gráfico *Tipo de trabalho anterior*, a opção “comércio” foi assinalada por 41,6% dos que haviam trabalhado anteriormente na Vila Antonieta e por 47,1% no Jardim Santa Terezinha.

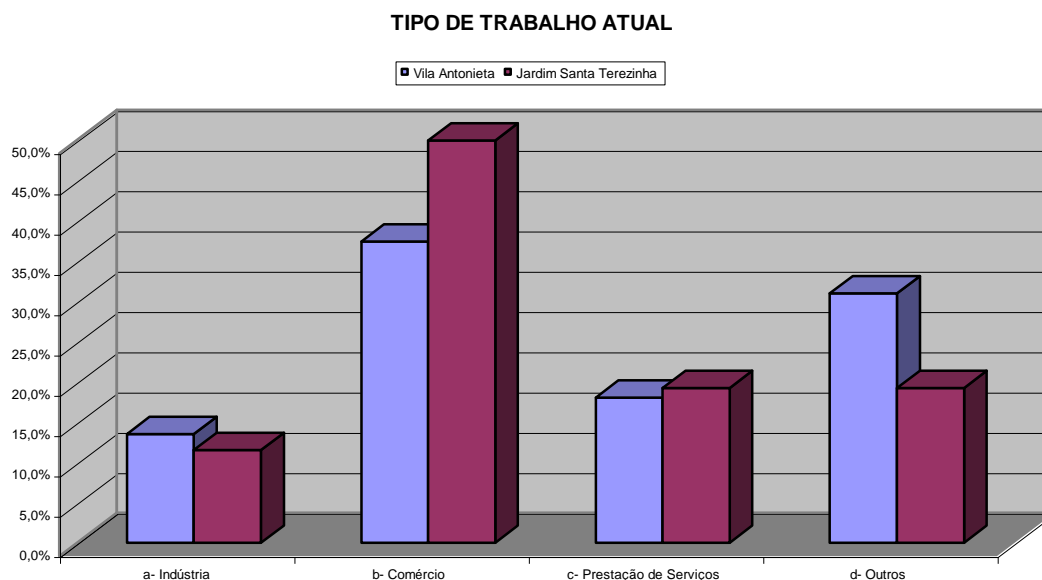
---

<sup>73</sup> “Em um ano, comércio registra perda de 76,4 mil empregos”. Jornal *O Estado de S. Paulo*, 26 de julho de 2003. Disponível em <<http://www.estado.com.br/editorias/2003/07/26/eco014.html>> Acesso em 31 de julho de 2003.

<sup>74</sup> Idem.



O gráfico *Tipo de trabalho atual* mostra que o percentual de jovens da Vila Antonieta que trabalhava no comércio na época da pesquisa (37,4%) é menor que no Jardim Santa Terezinha (50,0%), porém bastante significativo. Os dois bairros são bastante próximos e o Shopping Center Aricanduva fica no Jardim Santa Terezinha, o que, provavelmente, interfere no tipo de emprego da população local.



Dados do estudo do perfil epidemiológico da população de abrangência do posto de saúde da Vila Antonieta, mencionados no capítulo 3, mostram que a

maior atividade do distrito Aricanduva, onde se localiza o bairro, é o comércio. Segundo esse estudo, porém, é o setor que menos emprega. A contradição entre os resultados desta pesquisa e os do referido estudo pode ser explicada por alguns fatores: a já mencionada proximidade das festas de Natal, a diferença da área de abrangência e do público da pesquisa e a proximidade das escolas com o supermercado Carrefour, que deve influenciar, assim como no Jardim Santa Terezinha, o tipo de trabalho dos pesquisados.

A segunda opção mais assinalada – sem considerar “outros” –, que foi a prestação de serviços, provavelmente engloba certos trabalhos que devem ser considerados entre os jovens como, por exemplo, o trabalho doméstico e o de *moto-boy*. De qualquer modo, o trabalho do novo talento não pode ser analisado de uma única perspectiva teórica ou mesmo prática.

A teoria do capital humano pressupõe que “em todas as economias modernas, o grau de educação possuído por um indivíduo correlaciona-se positivamente com os rendimentos pessoais”. (ALMEIDA e PEREIRA, 2000, p. 1) A relação das respostas do novo talento da Zona Leste com essa teoria remete à dificuldade de mensurar o quanto o investimento desses jovens na melhoria do grau educacional contribui ou não para o aumento ou a manutenção da renda. Na análise da situação profissional dos pesquisados, é possível notar que o conjunto de fatores que influenciam essa situação é amplo o bastante para determinar a complexidade dessa relação teórica. Os investimentos em educação, porém, mesmo sem a imediata relação positiva com rendimentos futuros, deve influenciar positivamente as expectativas profissionais do novo talento.

#### **5.4- As expectativas profissionais do novo talento**

O novo talento da Zona Leste de São Paulo, não só por estar concluindo o ensino médio, mas também pela idade, estava, na época da pesquisa, numa fase que pode ser considerada de expectativas. Elas levam provavelmente à formação de uma visão de mundo que influencia atitudes diante de várias situações sociais. Entre essas atitudes, a busca de trabalho e a escolha de uma profissão são das mais decisivas para o futuro dos jovens pesquisados.

A importância da profissão para o jovem pode ser notada na pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), de 2002. Chamado “A voz dos adolescentes”, o levantamento ouviu 5.280 jovens com idade entre 12 e 18 anos, dos quais 80% responderam ter um sonho. Entre 20 alternativas, a mais freqüente no levantamento de qual era esse sonho foi “ter uma profissão” (19%)<sup>75</sup>.

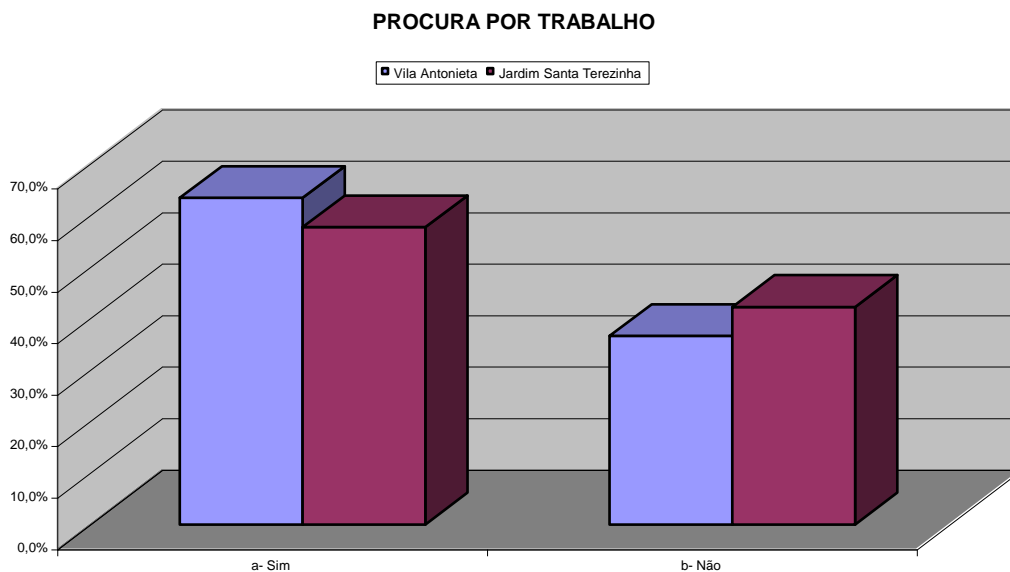
Na mesma pesquisa, quando perguntados sobre o que faltava para a realização dos sonhos, 28,8% dos adolescentes não souberam responder, mas 21,1% apontaram “estudo”. Na proposta da teoria do capital humano, a educação é tratada “como um investimento e suas conseqüências, como uma forma de capital”. (SCHULTZ, 1973a, p. 79) A pesquisa do UNICEF, em que uma quantidade significativa de adolescentes demonstrou depositar na educação a esperança de realização de sonhos, mostra o quanto o jovem acredita que o investimento em educação pressupõe um retorno futuro.

Para o novo talento da Zona Leste, a expectativa de retorno futuro se mistura com a necessidade imediata – 62,2% deles responderam estar procurando trabalho na época da pesquisa. Entre os 37,8% que responderam não estar procurando, 68,2% alegaram como motivo já estar trabalhando e não querer mudar de emprego; 25,6% não precisar trabalhar imediatamente e 6,3% já ter tentado e desistido.

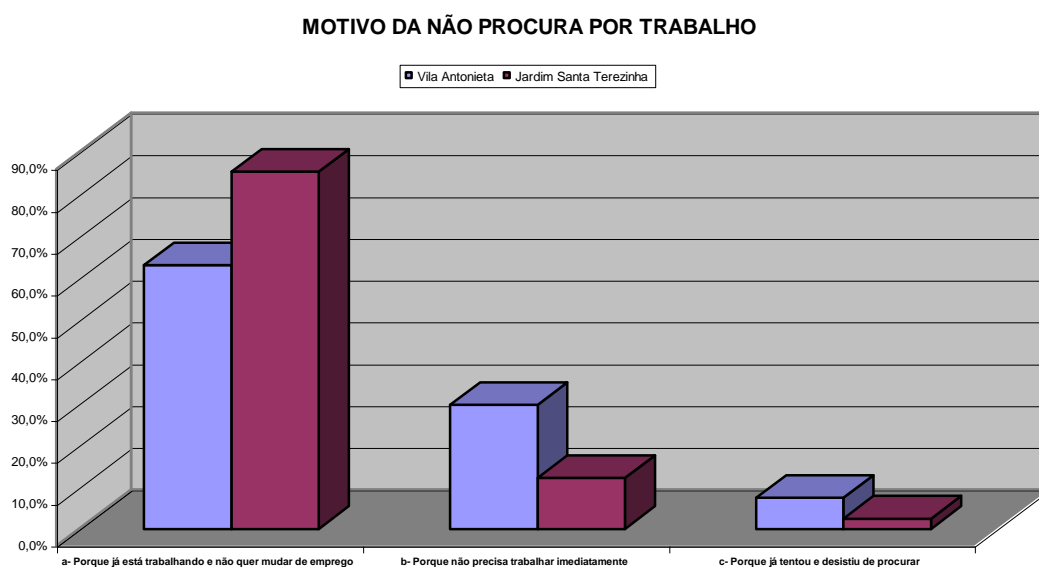
O percentual de jovens que não estavam procurando trabalho na época da pesquisa, no Jardim Santa Terezinha, aumenta para 42,3%, conforme o gráfico *Procura por trabalho*. Entre eles, 85,4% afirmaram não estar procurando por já estar trabalhando e não querer mudar de emprego, 12,2% por não precisar trabalhar imediatamente e 2,4% por já ter tentado e desistido de procurar. Na Vila Antonieta, dos 36,6% que responderam não estar procurando trabalho, 63% apontaram como motivo o fato de já estar trabalhando e não querer mudar de emprego; 29,6% não precisar trabalhar imediatamente e 7,4% já ter tentado e desistido de procurar.

---

<sup>75</sup> “Sonhos não muito distantes”. Pesquisa Unicef. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Teen, p. 6, 5 de agosto de 2002.



O menor percentual de pesquisados procurando trabalho no Jardim Santa Terezinha reflete o resultado já apresentado de que, proporcionalmente, uma parte maior de jovens desse bairro estava trabalhando na época da pesquisa, em relação à Vila Antonieta. A diferença entre os bairros é significativa no percentual de pesquisados que respondeu não estar procurando trabalho por não querer ou não precisar trabalhar. Conforme o gráfico *Motivo da não procura por trabalho*, na Vila Antonieta, 29,6% dos que não estavam procurando assinalaram essa alternativa; no Jardim Santa Terezinha, apenas 12,2%, todos do período da manhã.



A comparação entre os bairros evidencia a relação entre a renda familiar e a decisão de ingressar no mercado de trabalho. Observa-se, assim, que “o abandono da inatividade pelo jovem justifica-se, muitas vezes, pelo objetivo de atender às necessidades coletivas da família, diante da insuficiência da renda familiar”. (POCHMANN, 2000, p. 56) No Jardim Santa Terezinha, a necessidade de participação na renda familiar provavelmente gera a associação da não procura de trabalho do novo talento mais ao fato de já estar trabalhando do que a não precisar trabalhar imediatamente.

A última alternativa de resposta para a questão sobre o motivo da não procura de trabalho era “já tentou e desistiu de procurar”. Na Vila Antonieta, 7,4% escolheram essa opção, percentual significativamente maior que o do Jardim Santa Terezinha: 2,4%. Nas estatísticas oficiais, essa forma de desemprego aparece como uma forma de “desemprego oculto”.

O desemprego pode ser oculto pelo trabalho precário – os chamados “bicos” – ou pelo desalento – pessoas que procuraram trabalho nos últimos doze meses, mas pararam por desânimo<sup>76</sup>. Na pesquisa da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), a taxa do desemprego oculto pelo desalento foi de 1,9% em maio de 2003 na região metropolitana de São Paulo<sup>77</sup>. Mesmo sendo a justificativa menos assinalada pelo novo talento, o percentual do desemprego pelo desalento nos bairros pesquisados não deve ser considerado insignificante. Posto que a faixa etária estudada normalmente corresponde a uma fase de expectativas, essa forma de desemprego é algo preocupante.

Ao analisar a queda da participação dos jovens do mercado de trabalho no Rio de Janeiro em 2001, André Urani, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS), explica que é preciso levar em conta a busca por escolarização. Segundo o economista, “a busca pelo aperfeiçoamento escolar explica melhor a inatividade que o desalento”<sup>78</sup>.

Considerada essa hipótese – de que o novo talento desiste de procurar emprego não só pelo desalento, mas também pela busca de melhoria do nível

---

<sup>76</sup> “Etiqueta do desemprego”. *Revista da Folha*, p. 6, 29 de julho de 2003.

<sup>77</sup> Pesquisa de Emprego e Desemprego Fundação SEADE – Taxas de Desemprego Oculto (em porcentagem) – Oculto pelo desalento. Disponível em <[www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br)> Acesso em 7 de agosto de 2003.

<sup>78</sup> “Estudar virou prioridade entre os mais jovens”. *Jornal Folha de São Paulo*, 13 de janeiro de 2002. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1301200203.html>> Acesso em 7 de agosto de 2003.

educacional –, pode-se entender melhor a diferença entre os dois bairros pesquisados nos percentuais dos que desistiram de procurar trabalho. É possível que, na Vila Antonieta, uma parcela maior de jovens, ao perceber a dificuldade de encontrar um trabalho, tenha apenas adiado a procura.

Independentemente do grau de necessidade, procurar trabalho é um grande desafio para o novo talento. Machado Pais notou que a vida dos jovens parece, em certos momentos, acontecer de forma aleatória, vulnerável ao destino ou ao acaso. Há duas reações típicas dos jovens a essa aleatoriedade: a aceitação pragmática, com o enfrentamento das dificuldades no dia-a-dia, ou um pessimismo cínico, afastando a angústia pela indiferença. “Em ambos os casos, quando se procura trabalho, há um reconhecimento implícito de que é preciso ter sorte, como se o trabalho pudesse ser sorteado.” (MACHADO PAIS, 2001, p. 17)

O depoimento de um jovem brasileiro com 18 anos em abril de 2002, ilustra a afirmação de Machado Pais. Contando como conseguiu um emprego no McDonald's, ele observa: “tive sorte de conseguir o emprego, quando fiz a ficha, porque precisava”<sup>79</sup>. A sorte realmente pode ser um dos fatores de êxito em encontrar um trabalho. Mas outros como os meios utilizados na procura, por exemplo, têm importância fundamental.

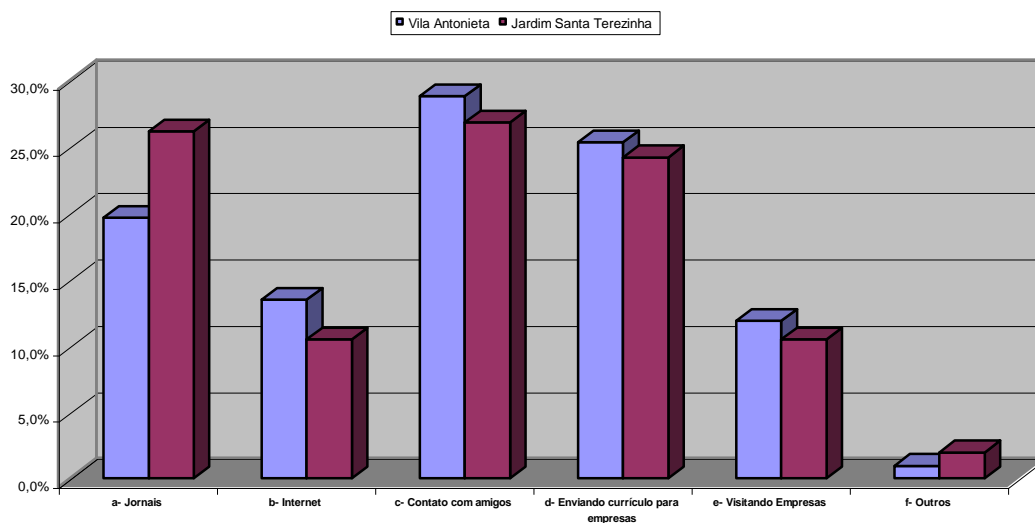
Na pergunta ao novo talento que buscava trabalho na época da pesquisa sobre os meios utilizados para a procura, podendo escolher mais de uma resposta, a mais assinalada foi “contato com amigos”. Conforme o gráfico *Meios utilizados para a procura de trabalho*, essa resposta foi a mais escolhida em ambos os bairros: 28,8% na Vila Antonieta e 26,8% no Jardim Santa Terezinha.

---

<sup>79</sup> “Trabalho Árduo”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folhateen, p. 6, 29 de abril de 2002.



## MEIOS UTILIZADOS PARA A PROCURA DE TRABALHO



Encontrar um trabalho depende de vários fatores. Além da formação escolar, dos atributos individuais e das circunstâncias, as relações pessoais certamente têm importância fundamental quando o êxito depende de uma indicação, por exemplo. Não é absolutamente equivocada essa forma de busca utilizada pelo novo talento. O problema é que nem sempre as pessoas com quem o jovem convive têm condições de ajudar nesse sentido. Nessa situação, ele depende quase exclusivamente de si.

Entre as atitudes do novo talento na procura de trabalho, “enviando currículo para empresas” foi a segunda alternativa mais assinalada. Entretanto, as chances de conseguir a atenção dos empregadores a esses currículos são restritas: “boa parte dos currículos que seguem pelo correio acaba na lata do lixo”<sup>80</sup>. A matéria da revista em que essa frase foi publicada aponta a internet como uma importante ferramenta de contratação, utilizada pelo departamento de recursos humanos das empresas. Um levantamento feito pela própria revista indicou que 76 das 100 maiores companhias privadas do país recebem currículos eletronicamente. Entre as vantagens desse meio, está o cadastro digital, que fica arquivado, mesmo que não haja interesse imediato do empregador. Quando surgem vagas, é no banco virtual que começa a busca e, além disso, as grandes companhias anunciam-nas no *site*.

<sup>80</sup> Revista *Veja*. Ed. 1.768, ano 35, nº 36, 11 de setembro de 2002.

A importância da rede soma uma grande desvantagem à busca do novo talento da Zona Leste por trabalho. Apenas 12,9% dos pesquisados apontaram a internet como meio de procura, percentual ainda menor que o dos que preencheram o campo e-mail: 20,5%. Essa diferença pode significar que parte dos jovens pesquisados, mesmo com alguma forma de acesso à informática, não tem consciência da importância desse meio na consecução de seu propósito de encontrar trabalho. No Jardim Santa Terezinha, 10,5% usavam a rede, percentual discretamente menor que o da Vila Antonieta: 13,4%.

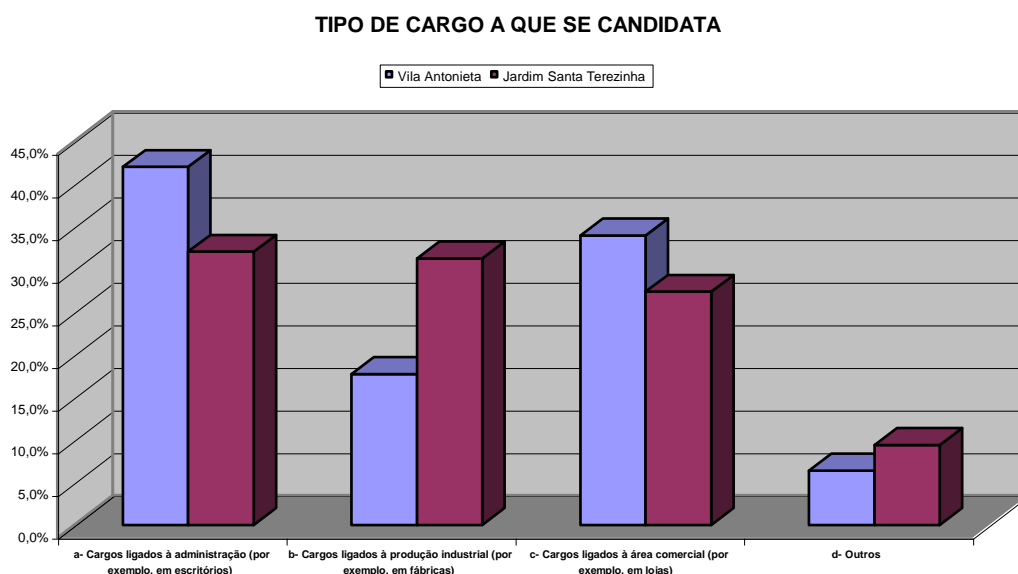
A opção “visitando empresas” foi a alternativa menos assinalada, depois de “outros” – a primeira foi assinalada por 11,6% dos pesquisados, e a segunda, por 1,1%, o que mostra que são bem definidas as formas de procura de trabalho do novo talento. Na comparação entre os dois bairros, o grande contraste apareceu na utilização de jornal: 26,1% no Jardim Santa Terezinha, contra 19,6% na Vila Antonieta. O novo talento do Jardim Santa Terezinha parece utilizar melhor esse meio, mais acessível que a rede. Supondo que parte dos que usam jornal para procurar trabalho lêem alguma notícia, nesse bairro provavelmente uma parte maior de jovens tem acesso a esse tipo de informação, o que pode ser um diferencial em algum processo de seleção. Além de ser uma possível vantagem competitiva, estar informado pode significar conhecer melhor a realidade do mercado de trabalho, o que pode ajudar nas *escolhas profissionais* e interferir na *visão de mundo* do novo talento.

### **5.5- Escolhas profissionais e visão de mundo do novo talento**

Na investigação sobre as escolhas profissionais do novo talento, as formas e os tipos de trabalho normalmente procurados podem revelar importantes aspectos não só da ambição profissional, mas também da visão de mundo dos jovens da região pesquisada. Na questão sobre o tipo de cargo a que os pesquisados costumam se candidatar, com opção assinalar quantas alternativas considerassem necessário, 39,9% das respostas foram para a opção “cargos ligados à área administrativa”, alternativa mais assinalada. A segunda foi “cargos ligados à área comercial”, com 32,6%. “Cargos ligados à produção industrial” teve

20,5% das respostas e 7% responderam “outros”, o que provavelmente inclui a prestação de serviços.

Conforme o gráfico *Tipo de cargo a que se candidata*, o percentual de pesquisados que se candidata a cargos ligados à administração, na Vila Antonieta é bastante alto – 42%. No Jardim Santa Terezinha, os 32% de respostas para a área administrativa estão bem próximos da alternativa “cargos ligados à produção industrial”: 31,3%. Mais uma vez, a renda familiar deve influenciar esse contraste. Resultados da já citada pesquisa do UNICEF, “A voz dos adolescentes”, mostram que, em 2002, entre os jovens trabalhadores da classe A, 71% trabalhavam como assistentes administrativos, na classe B, 17% ocupavam esse tipo de cargo e, na classe C, 16%; na classe D, esse tipo de trabalho não recebe menção<sup>81</sup>.



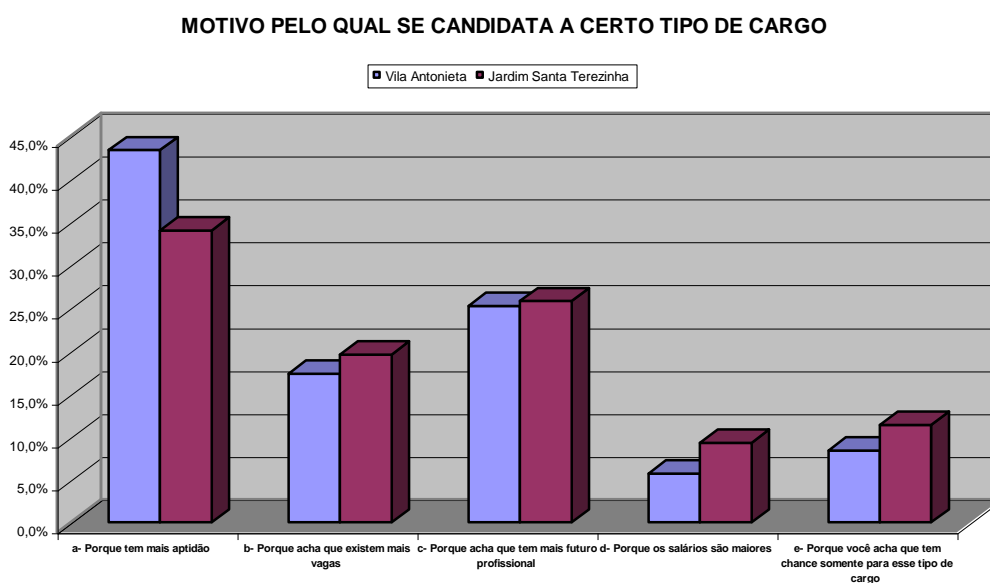
O maior percentual de respostas do novo talento à alternativa ligada à procura por trabalhos administrativos mostra que esse tipo de trabalho aparece com destaque entre as ambições profissionais dos jovens, o que provavelmente tem ligação com a expectativa por um trabalho em condições não precárias.

Quanto à procura de trabalho na indústria, embora no Jardim Santa Terezinha o percentual de escolhas dessa alternativa tenha sido significativo (31,3%), apenas 17,7% das respostas da Vila Antonieta correspondem a essa opção. O contraste maior entre o tipo de trabalho exercido pelo novo talento na

<sup>81</sup> UNICEF. *A voz dos adolescentes*, tabela 68. Disponível em <[www.unicef.org/brazil/voz\\_resumo.html](http://www.unicef.org/brazil/voz_resumo.html)>. Acesso em 06 de agosto de 2003.

época da pesquisa e o tipo de cargo a que se candidatava aparece na opção “comércio”. Como a maioria trabalhava nessa área, o esperado seria que a maior procura fosse também por “cargos ligados à área comercial”. No Jardim Santa Terezinha, porém, depois da opção “outros” (9,3%), essa foi a resposta menos assinalada (27,3%). Já na Vila Antonieta, o percentual foi maior – 34%.

Esses resultados mostram que nem sempre o novo talento encontra o tipo de trabalho que procura ou que gostaria de exercer ou para o qual se sente apto. Isso se confirma nas respostas sobre o principal motivo pelo qual os pesquisados se candidatam aos tipos de cargos escolhidos na questão anterior – 41,4% escolheram a alternativa “porque tem mais aptidão”. O gráfico *Motivo pelo qual se candidata a certo tipo de cargo* mostra que o percentual dessa opção no Jardim Santa Terezinha é significativamente menor que na Vila Antonieta – 34% contra 43,4%.



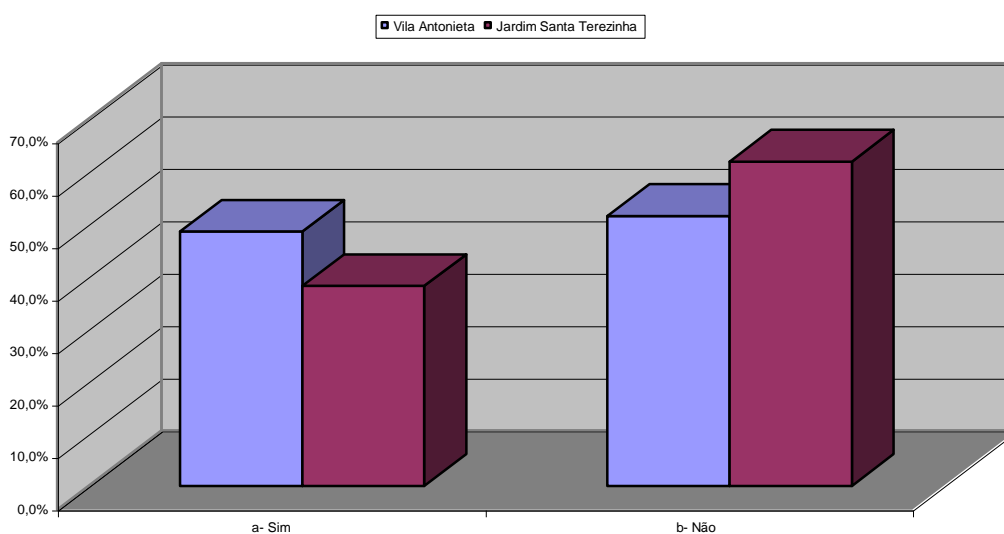
Procurar certo tipo de trabalho por ter mais aptidão parece ser mais viável na Vila Antonieta, onde a necessidade imediata trabalhar é discretamente menor que no Jardim Santa Terezinha. A segunda resposta mais assinalada nos dois bairros foi “porque acha que tem mais futuro profissional” – 25,2% na Vila Antonieta e 25,8% no Jardim Santa Terezinha. Pela associação com a questão sobre o tipo de cargo, conclui-se que o trabalho administrativo está possivelmente associado a um bom futuro profissional.

As respostas “porque acha que existem mais vagas” e “porque você acha que tem chance somente para esse tipo de cargo” obtiveram, respectivamente, 19,6% e 9,3% no Jardim Santa Terezinha, e 17,3% e 8,4% na Vila Antonieta. A resposta menos assinalada foi “porque os salários são maiores”, com 5,7% das respostas na Vila Antonieta e 9,3% no Jardim Santa Terezinha.

Assim como na já apresentada importância do trabalho – em que “dinheiro e possibilidade de consumo” foi a alternativa menos assinalada –, a opção “porque os salários são maiores” mostra que, na visão de mundo do novo talento, o retorno financeiro de um trabalho é apenas uma consequência da estabilidade profissional, além do que, ter um trabalho torna-se o principal, mesmo com salário menor. No Jardim Santa Terezinha, o maior percentual da alternativa correspondente aos salários maiores condiz com “dinheiro e possibilidade de consumo”, da questão sobre a importância do trabalho. Ambas refletem uma maior valorização do ganho financeiro proveniente do trabalho nesse bairro que na Vila Antonieta, o que provavelmente se liga à necessidade imediata.

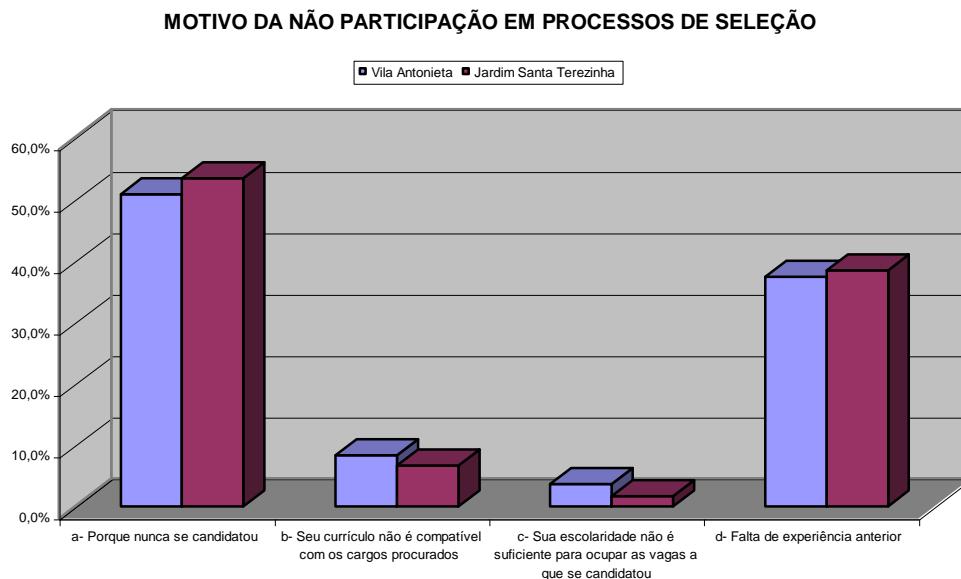
As perguntas sobre a busca de trabalho do novo talento levam ao questionamento sobre os resultados da procura. Quando perguntados sobre a participação em processos de seleção, 53,6% dos pesquisados afirmaram nunca ter participado. No Jardim Santa Terezinha, 61,9%, e na Vila Antonieta, 51,5%, conforme o gráfico *Participação em processo de seleção*.

**PARTICIPAÇÃO EM PROCESSO DE SELEÇÃO**



Entre os que nunca foram chamados a participar de um processo de seleção, o principal motivo apontado foi nunca ter se candidatado, com 51,4% das respostas. Como essa questão era aberta a todos os pesquisados, incluíam-se os que não estavam procurando trabalho, o que pode ter alterado a tendência dos resultados. No entanto, não ter se candidatado a nenhum processo de seleção pode significar, por exemplo, não saber como se candidatar. A verdade é que todos os que buscam trabalho de alguma forma se candidatam a algum tipo de seleção. Portanto, essa resposta pode ser analisada da seguinte forma: quando o novo talento afirma nunca ter se candidatado a um processo de seleção, pode estar querendo dizer que sua busca por trabalho não teve ainda o resultado concreto de ter sido chamado a participar da disputa efetiva por uma vaga no mercado de trabalho.

A segunda justificativa mais assinalada entre os que nunca participaram de um processo de seleção foi “falta de experiência anterior” (37,5%). A falta de experiência é notoriamente uma das maiores frustrações da expectativa do novo talento de ser chamado a participar de um processo de seleção. Conforme o gráfico *Motivo da não participação em processos de seleção*, a opção “seu currículo não é compatível com os cargos procurados” teve 8,3% das respostas da Vila Antonieta e 6,7% do Jardim Santa Terezinha. A alternativa “sua escolaridade não é suficiente para ocupar as vagas a que se candidatou” teve 3,6% das respostas do primeiro bairro e 1,7% do segundo. “Falta de experiência anterior” teve 37,3% na Vila Antonieta e 38,3% no Jardim Santa Terezinha.

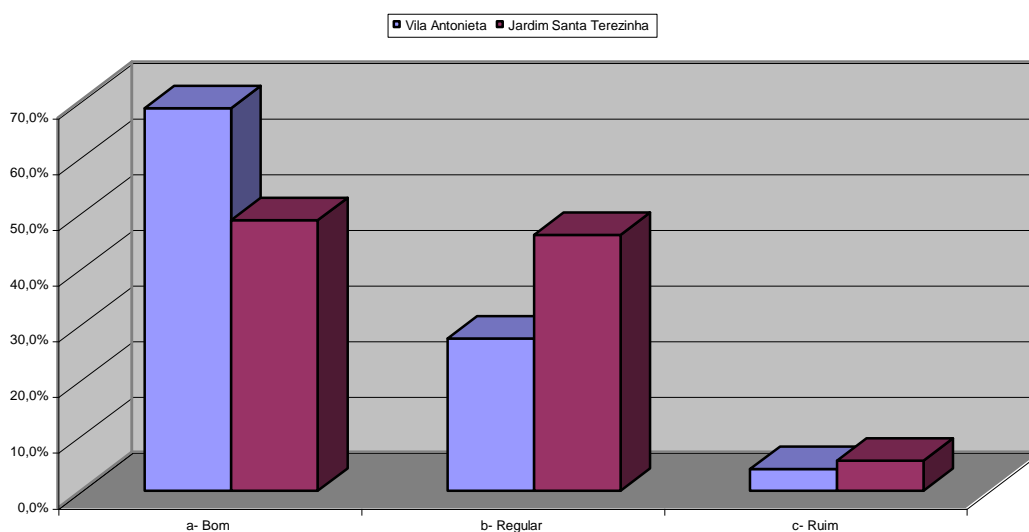


A percepção da falta de experiência como uma dificuldade na busca por trabalho mostra que esse fator pode ser um impedimento anterior a qualquer das fases de um processo de seleção, ou seja, o jovem entende que, sem experiência, é eliminado do processo mesmo antes que ele comece. Adquirir experiência é um dos grandes problemas, uma vez que, como num círculo vicioso, o novo talento é “rechaçado por falta de uma experiência que nunca poderia adquirir”<sup>82</sup>, pois não consegue trabalho justamente porque lhe falta experiência. Ultrapassadas as barreiras anteriores à participação em processos de seleção, quando esta se concretiza, surgem questões ligadas ao desempenho.

Entre os 46,4% que responderam já ter participado de algum processo de seleção, 65,3% avaliaram o próprio desempenho como “bom”. Mas a autoconfiança implícita nessa auto-avaliação não é tão alta no Jardim Santa Terezinha, onde 48,6% responderam “bom”, 45,9% “regular” e 5,4% “ruim”. Conforme o gráfico *Auto-avaliação do desempenho em processo de seleção*, na Vila Antonieta, a opção “bom” teve 68,7% das respostas, “regular” teve 27,4% e “ruim”, 3,9%.

<sup>82</sup> Calligari, C. “A tirania da experiência”. *Jornal Folha de São Paulo*, 7 de março de 2002.

### AUTO-AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO EM PROCESSO DE SELEÇÃO



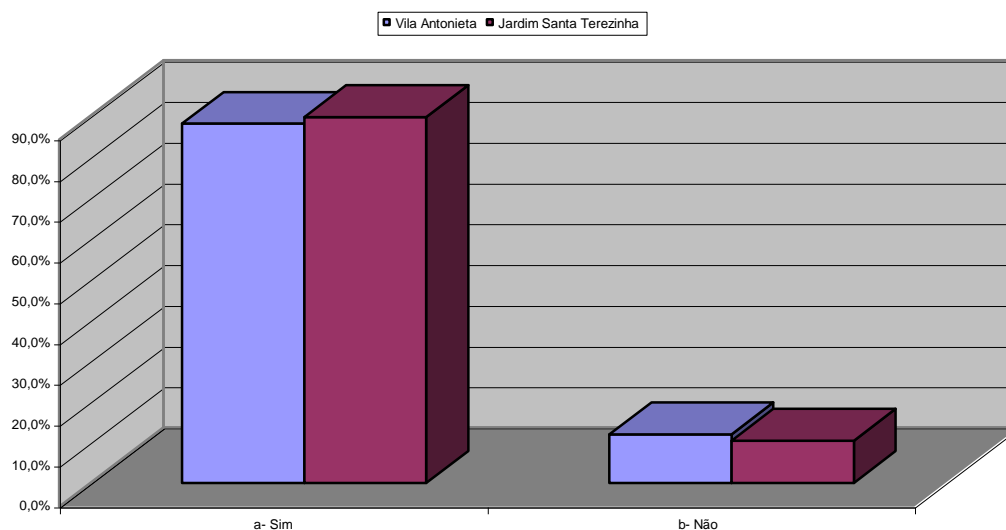
O baixo percentual da alternativa “ruim” nos dois bairros talvez signifique que a autoconfiança do novo talento não é baixa, o que tem extrema importância. A autoconfiança é um dos fatores que certamente influenciam, não apenas o resultado de uma seleção, mas também o êxito profissional. Segundo especialistas em recursos humanos, o êxito numa profissão depende 30% de conhecimento e 70% de atitude<sup>83</sup>. Considerando que a autoconfiança facilita a vida profissional do novo talento, os percentuais da auto-avaliação permitem supor que os jovens da Vila Antonieta teriam alguma vantagem sobre os do Jardim Santa Terezinha. Na questão seguinte, também relacionada à autoconfiança e, de certa forma, à auto-estima, a diferença entre os dois bairros não é significativa.

Quando perguntados sobre a possibilidade de procurar emprego em empresas consideradas promissoras quanto a salário, carreira e benefícios, 88,4% responderam afirmativamente – 88,1% dos pesquisados na Vila Antonieta, e 89,7% no Jardim Santa Terezinha, conforme o gráfico *Possibilidade de procura por emprego em empresas promissoras*.

<sup>83</sup> “Jovens”. *Revista Veja*. Edição Especial nº 24, p. 66, agosto de 2003.



### POSSIBILIDADE DE PROCURA POR EMPREGO EM EMPRESAS PROMISSORAS

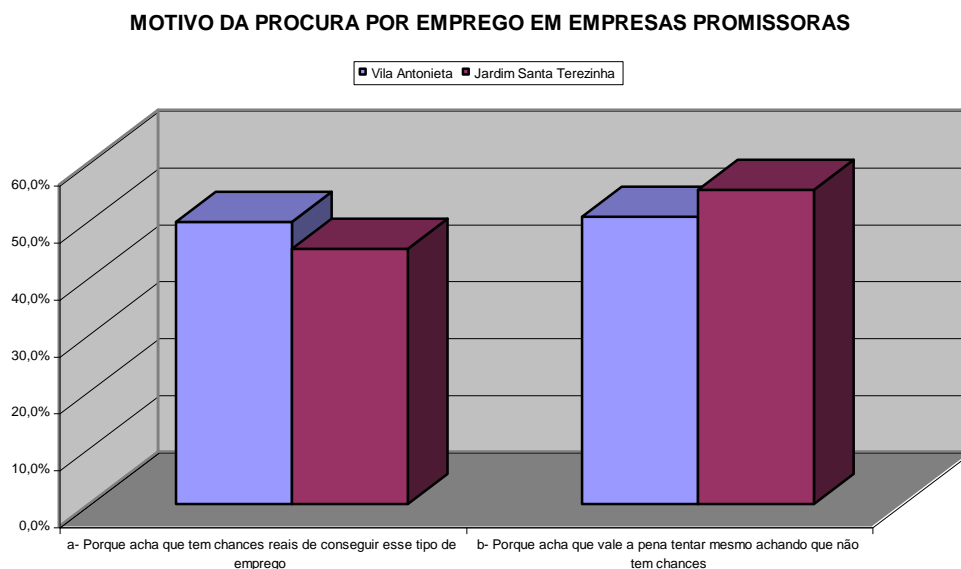


Apesar da importância do alto percentual de respostas afirmativas à possibilidade de procurar emprego em empresas promissoras, cabe ressaltar que 51,5% dos pesquisados que assinalaram essa opção justificaram-na com a alternativa “porque acha que vale a pena tentar mesmo achando que não tem chances”. O fato de menos da metade dos que responderam “sim” acreditar ter chances reais de conseguir um emprego desse tipo mostra que boa parte deles não acredita na própria vantagem competitiva.

O eventual realismo implícito nessa resposta pode significar que o novo talento tem consciência das próprias limitações, mas essa mesma consciência pode ser um óbice da disputa por uma vaga no mercado. Segundo Bueno, a vice-diretora de uma escola pública de ensino médio afirmou que os alunos de classe baixa “procuram o ensino médio para conseguirem inserir-se no mercado de trabalho, e esse é o principal objetivo da escola”. (BUENO, 2002, p. 193) A preparação do jovem para o mercado de trabalho deveria incluir o desenvolvimento e o incentivo à idéia vantagem competitiva, que parece ser concreta para apenas uma parte dos jovens. Apesar da significativa quantidade de pesquisados que ousariam procurar emprego em boas empresas, boa parte deles acredita não ter chance de êxito.

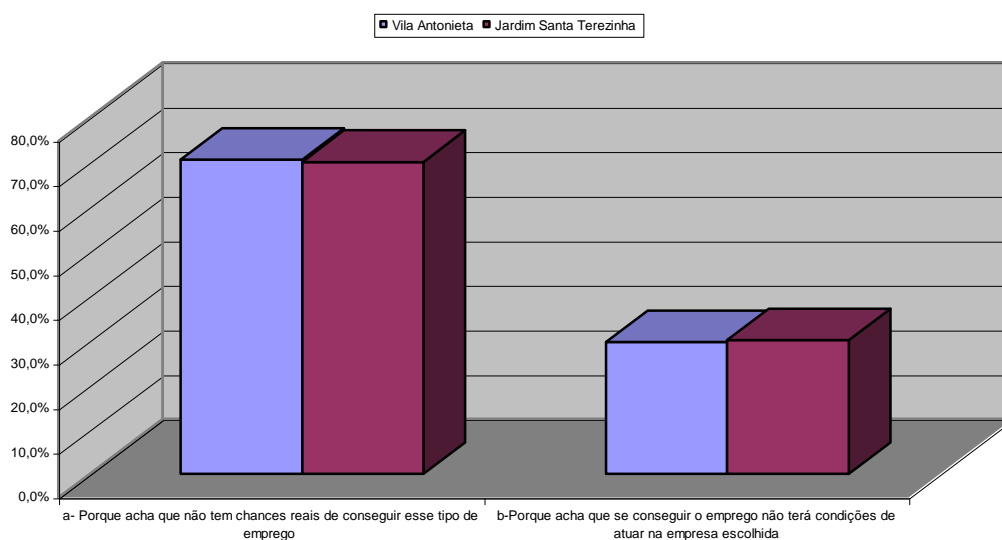
No Jardim Santa Terezinha, o descrédito quanto à própria vantagem competitiva é um pouco maior. O percentual de jovens que acreditam não ter chance de êxito na busca por emprego em empresas promissoras, apesar da

possibilidade de tentativa, é discretamente maior nesse bairro que na Vila Antonieta, onde 50,5% assinalaram essa resposta, contra 55,2% do Jardim Santa Terezinha, conforme o gráfico *Motivo da procura por emprego em empresas promissoras*.



Entre os 11,6% que responderam que não procurariam emprego em empresas promissoras, 70,4% justificaram-se com a opção “porque acha que não tem chances reais de conseguir esse tipo de emprego”. A segunda opção – “porque acha que se conseguir o emprego não terá condições de atuar na profissão escolhida” – teve 29,6% das respostas. Conforme o gráfico *Motivo da não procura por emprego em empresas promissoras*, a proximidade dos percentuais dos dois bairros não gera segurança na comparação. Na Vila Antonieta, 70,5% escolheram a primeira alternativa e 29,5%, a segunda. No Jardim Santa Terezinha, 70% e 30%, respectivamente.

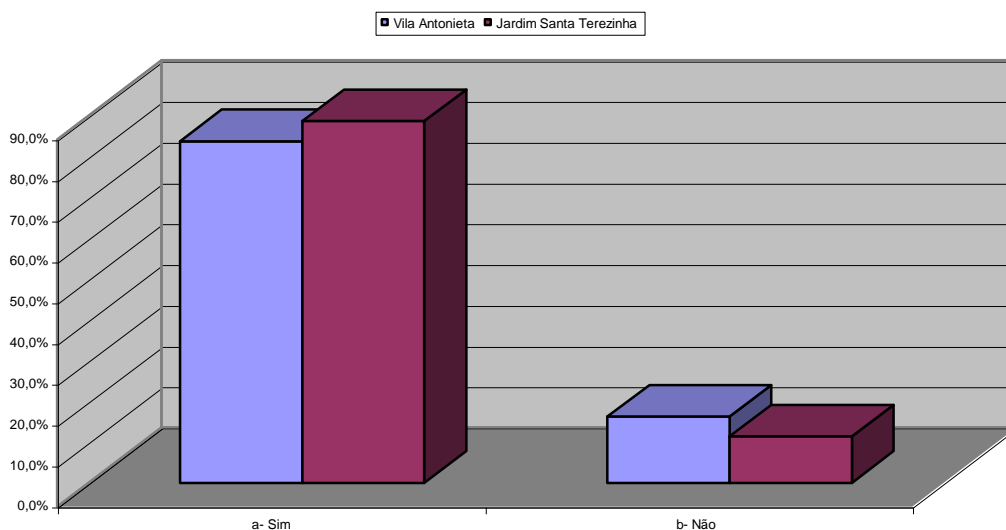
### MOTIVO DA NÃO PROCURA POR EMPREGO EM EMPRESAS PROMISSORAS



Apesar da importância da busca por emprego em empresas promissoras, a escolha da profissão depende – além do talento e da aptidão – da disposição para enfrentar os possíveis obstáculos. Quanto à descoberta de talento, teoricamente a escola tem importância fundamental, pois “a instituição educacional descobre e cultiva o talento potencial”. (SHULTZ, 1973b, p. 56) Quanto ao enfrentamento dos obstáculos, além da autoconfiança, é importante que a profissão escolhida faça parte de um projeto pessoal ou, na linguagem dos jovens, de um sonho.

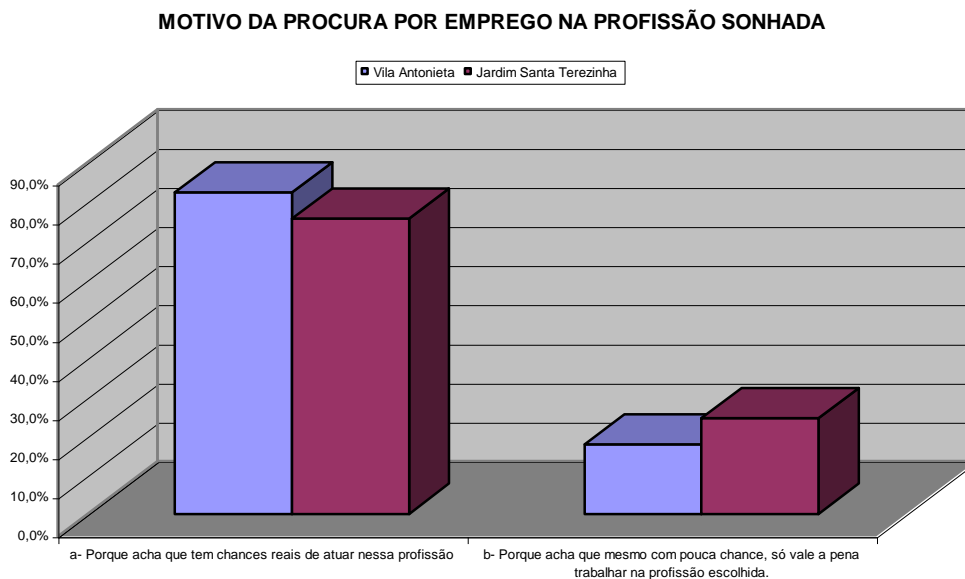
Quando perguntados se procurariam emprego na profissão sonhada, 84,8% dos pesquisados responderam “sim”. Esse significativo percentual é ainda maior no Jardim Santa Terezinha – 88,7%, contra 83,6% na Vila Antonieta, conforme o gráfico *Possibilidade de procura por emprego na profissão sonhada*.

### POSSIBILIDADE DE PROCURA POR EMPREGO NA PROFISSÃO SONHADA



A diferença entre os dois bairros mostra que uma parcela maior de jovens do Jardim Santa Terezinha se arrojará à busca da realização do sonho profissional, o que pode resultar numa melhor escolha da profissão, pois, “quem não leva em conta sua afinidade com a carreira ao fazer uma escolha, fatalmente desistirá dela quando a oferta de trabalho cair”<sup>84</sup>. Quanto à justificativa da procura pelo emprego sonhado, porém, 82,2% dos pesquisados da Vila Antonieta afirmaram acreditar nas próprias chances de êxito em atuar na profissão sonhada; no Jardim Santa Terezinha, 75,6% assinalaram essa alternativa, conforme o gráfico *Motivo da procura por emprego na profissão sonhada*. Pelas respostas a essa questão, infere-se que o novo talento do Jardim Santa Terezinha, embora se arrisque mais na disputa pela profissão sonhada, tem menos confiança na própria vantagem competitiva na concretização desse sonho, tal como na procura por emprego em empresas promissoras.

<sup>84</sup> Renata Mello, psicóloga da equipe de orientação profissional do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) de São Paulo. *Revista Veja*. Edição Especial nº 24, p. 66.

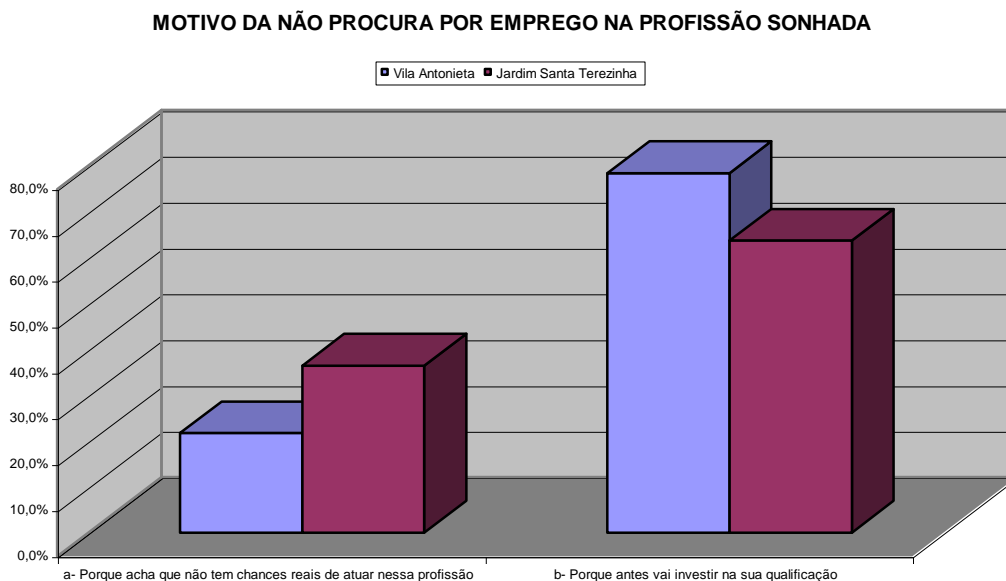


A segunda justificativa à possibilidade de procura por emprego na profissão sonhada – “porque acha que mesmo com pouca chance, só vale a pena trabalhar na profissão escolhida” – teve 17,8% das respostas na Vila Antonieta e 24,4% no Jardim Santa Terezinha, onde uma parcela maior dos que tentariam concretizar o sonho profissional acredita ter pouca chance de trabalhar na profissão sonhada, mas conserva essa expectativa.

Machado Pais notou que, entre alguns jovens desempregados, o bloqueio das possibilidades de realização profissional e ascensão social acaba provocando um alheamento dos “projetos sonhados”, devido à “distância irreduzível” que surge entre esses projetos e as possibilidades de concretização. (MACHADO PAIS, 1996, p. 269) Para o novo talento da Zona Leste de São Paulo, esse alheamento, que pode fazer com que o jovem não se arrisque na procura por emprego na profissão sonhada, atinge apenas 15,2% dos pesquisados. Entre eles, 23,9% justificaram-se com a resposta “porque acha que não tem chances reais de atuar nessa profissão” e 76,1% com “porque antes vai investir na sua qualificação”. Segundo Schultz:

“Embora a educação seja, em certa medida, uma atividade de consumo que oferece satisfações às pessoas no momento em que obtêm um tipo de educação, é predominantemente uma atividade de investimento realizado para o fim de aquisição de capacitações que oferece satisfações futuras ou que incrementa rendimentos futuros da pessoa como um agente produtivo.” (SCHULTZ, 1973a, p. 78)

A teoria do capital humano, que reza que o capital formado pela educação possibilita satisfações futuras, parece ser concreta na expectativa da maior parte dos pesquisados que não se arriscariam momentaneamente na busca da profissão sonhada. O adiamento da busca da satisfação profissional pela priorização do investimento em qualificação está provavelmente associado à aquisição de capacitações mencionada por Schultz (1973a, p. 78) que, além de oferecer satisfações, incrementaria os rendimentos no futuro. Essa visão atinge proporcionalmente mais pesquisados da Vila Antonieta que do Jardim Santa Terezinha, resultado condizente com os percentuais obtidos na questão sobre a procura de trabalho, na resposta associada ao desemprego por desalento. Conforme o gráfico *Motivo da não procura por emprego na profissão sonhada*, entre os que não se arriscariam na busca do sonho profissional, 78,3% na Vila Antonieta e 63,6% no Jardim Santa Terezinha responderam que antes vão investir em qualificação.

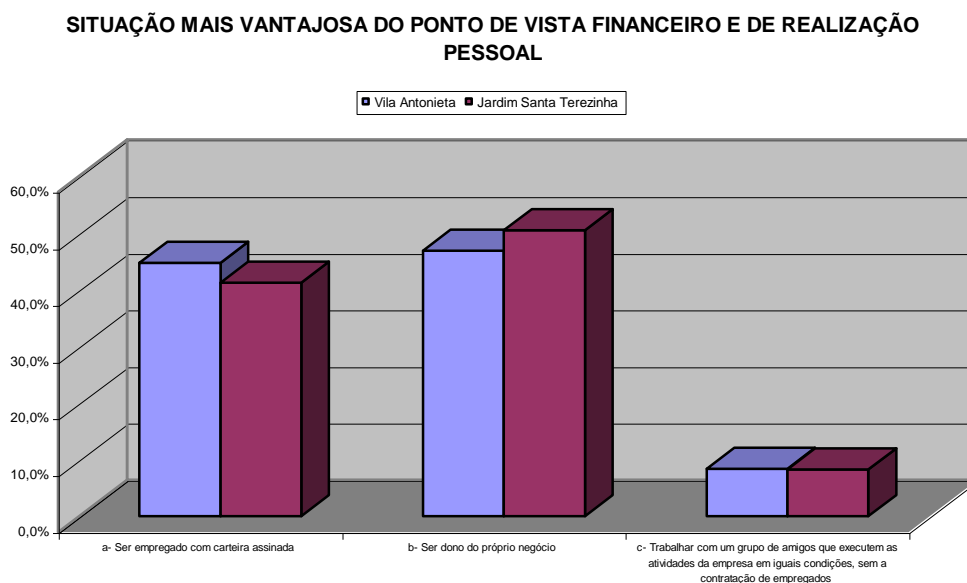


Dos que responderam que não procurariam o emprego sonhado por acreditar não ter chances reais de atuar nessa profissão, 21,7% são da Vila Antonieta e 36,4% do Jardim Santa Terezinha. Embora nessa e em algumas outras perguntas o conteúdo tenha girado em torno da busca por “emprego”, no questionário aplicado ao novo talento da Zona Leste, intencionalmente, foi também usado o termo “trabalho”. Ao evitar a palavra “emprego”, pretendeu-se não excluir da pesquisa outras formas de atuação profissional, pois, no nosso

referencial, “o trabalho, separado do sistema de relações sociais, confunde-se com emprego ou trabalho assalariado”. (BLASS, 2000, p. 3) Na pesquisa, porém, o trabalho assalariado foi a principal referência, tanto com vínculos formais quanto informais, que estão entre as várias formas de atuação do jovem.

Na visão dos pesquisados, entre as situações de trabalho mais vantajosas do ponto de vista financeiro e de realização pessoal, a alternativa “ser empregado com carteira assinada” teve 44% das respostas. Embora a alternativa mais assinalada tenha sido “ser dono do próprio negócio”, com 47,6% das respostas, o trabalho assalariado aparece com destaque entre as expectativas profissionais do jovem.

“Ser dono do próprio negócio” foi assinalada por 50,5% dos pesquisados do Jardim Santa Terezinha, e 46,9% da Vila Antonieta. “Ser empregado com carteira assinada” teve, respectivamente, 41,2% e 44,7%, conforme o gráfico *Situação mais vantajosa do ponto de vista financeiro e de realização pessoal*.



Na expectativa do novo talento, principalmente no Jardim Santa Terezinha, o trabalho num empreendimento próprio parece ser a opção mais atraente. “Tornar-se empreendedor e abrir o primeiro negócio não deixa de ser uma opção viável”<sup>85</sup>. Entretanto, essa possibilidade acaba restrita pelas oportunidades do mercado, por dificuldades de financiamento e de capacitação. Embora seja

<sup>85</sup> “Estágio encurta busca, mas falta vaga”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Classificados Empregos, p. 3, 27 de abril de 2003.

notória a necessidade de incentivo a pequenas e micro-empresas, que acabam gerando empregos, investir num negócio próprio ainda é bastante complicado. A resposta menos assinalada nos dois bairros, com percentuais bastante próximos, foi “trabalhar com um grupo de amigos que executem as atividades da empresa em iguais condições, sem a contratação de empregados”. Essa alternativa teve 8,4% das escolhas na Vila Antonieta e 8,2% no Jardim Santa Terezinha.

Essa alternativa pretendia verificar o percentual de pesquisados que considera uma vantagem oferecer o próprio trabalho em sociedade de empregados, ou seja, em cooperativa. Esse tipo de sociedade vem crescendo significativamente no país, e é uma das formas de trabalho com que o jovem se depara em sua busca por colocação no mercado. Em 2002, de cada cem trabalhadores brasileiros, sete eram profissionais reunidos em cooperativas. Dos 16,6 milhões de autônomos, 5 milhões (um terço) eram cooperados<sup>86</sup>. Em 1994, inseriu-se na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) um artigo que permite que o cooperado preste serviço a empresas sem vínculo empregatício. Alguns empregadores acabaram entendendo essa medida como uma flexibilização das leis trabalhistas, pois reduz os encargos com as contratações – as cooperativas têm benefícios fiscais, por serem entidades sem fins lucrativos<sup>87</sup>. Essa distorção faz com que as cooperativas apareçam como uma alternativa ao desemprego e não como uma forma de trabalho mais igualitária.

Embora o novo talento não considere vantajosa a forma de trabalho por cooperativa – provavelmente por vislumbrar as distorções –, considera positivos os resultados da tomada de decisão em forma de cooperação. Entre as alternativas sobre os melhores resultados da administração de uma empresa, a mais assinalada (38,8%) aponta para as decisões tomadas por trabalhadores e líderes, por meio de voto democrático. Uma vez que os princípios de cooperação baseiam-se em ajuda mútua, democracia e participação<sup>88</sup>, essa forma de decidir está associada ao trabalho em cooperativas. Conforme o gráfico *Melhores resultados na tomada de decisão*, 28,9% dos pesquisados do Jardim Santa

---

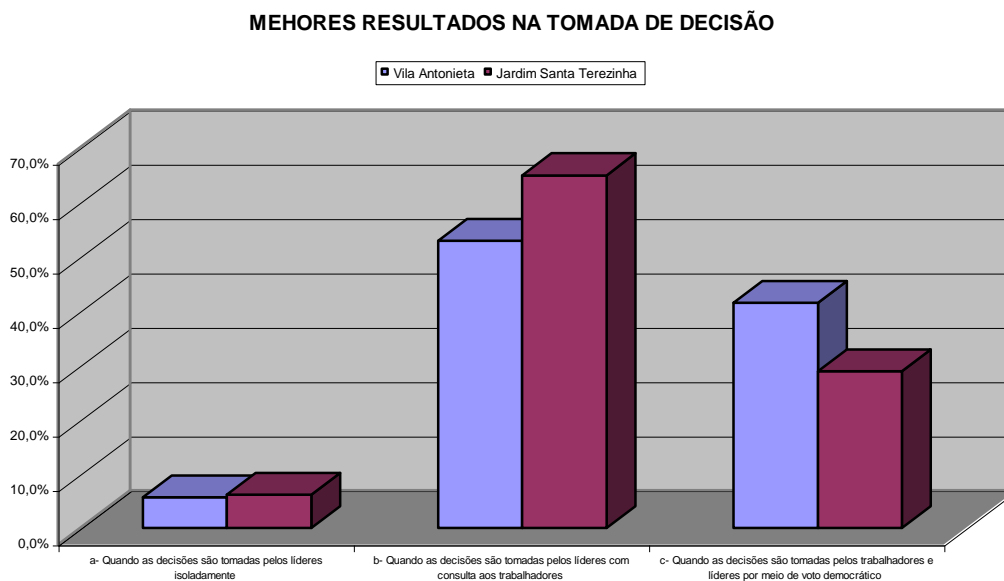
<sup>86</sup> “Cooperativas disfarçam crise do emprego”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Dinheiro, p. B-1, 7 de abril de 2003.

<sup>87</sup> *Idem*.

<sup>88</sup> “Cooperativa tira espaço de terceirizada”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Dinheiro, p. B-4, 7 de abril de 2003.



Terezinha consideram que o voto democrático é a melhor forma de tomar decisões, percentual significativamente menor que o da Vila Antonieta: 41,5%.



Apesar do significativo percentual da alternativa ligada à decisão por voto democrático, a maior parte dos pesquisados respondeu considerar melhores os resultados das decisões tomadas pelos líderes com consulta aos trabalhadores: 64,9% no Jardim Santa Terezinha e 52,8% na Vila Antonieta. A opção correspondente às decisões tomadas pelos líderes isoladamente teve 5,7% das respostas da Vila Antonieta e 6,2% do Jardim Santa Terezinha.

O percentual de escolhas à tomada de decisões pelos líderes com consulta aos trabalhadores mostra que a maior parte dos pesquisados, principalmente no Jardim Santa Terezinha, espera uma forma de trabalho mais parecida com a das empresas, com representação sindical. Entretanto, no momento de concretizar os planos profissionais, surgem barreiras que podem frustrar as expectativas.

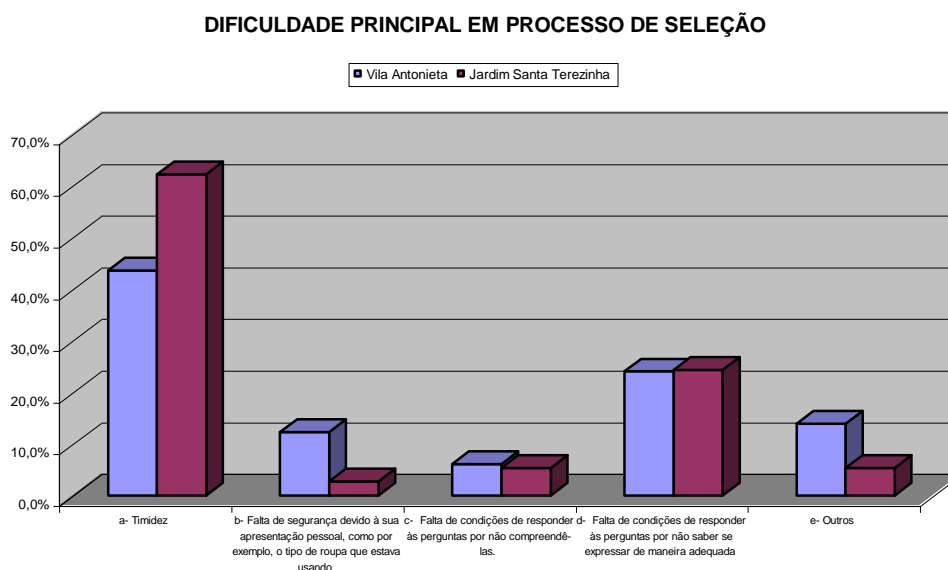
### ***5.6- As barreiras vislumbradas pelo novo talento na busca por trabalho***

Na análise das primeiras questões, foi possível perceber claramente várias dificuldades que podem impedir o êxito dos jovens pesquisados na procura por um bom emprego, em trabalhar na profissão sonhada ou mesmo em conseguir

um trabalho que lhes garanta a subsistência. Além das já mencionadas – como a falta de confiança na própria vantagem competitiva, por exemplo – aparecem dificuldades, algo mais subjetivas, mas não menos importantes na busca de trabalho do novo talento.

Entre as barreiras para a inserção do jovem no mercado estão certos tipos de insegurança, tanto as relacionadas à preparação oferecida pela escola, como as decorrentes da própria situação de procura por colocação profissional. Algumas, de fato, são típicas da faixa etária. Entre os 46,4% que responderam já ter participado de algum processo de seleção, 46,8% assinalaram “timidez” como a principal dificuldade enfrentada, por exemplo, numa entrevista.

Pelo gráfico *Dificuldade principal em processo de seleção*, a possível restrição de chances provocada pela timidez atinge uma parte maior de pesquisados do Jardim Santa Terezinha (62,2%) do que na Vila Antonieta (43,6%).



Numa seleção, além da compreensão das exigências do processo, a segurança pode depender de fatores como a confiança na própria condição de ter um bom desempenho. A segunda alternativa mais assinalada foi “falta de condições de responder às perguntas por não saber se expressar de maneira adequada”. O percentual dessa alternativa foi praticamente igual nos dois bairros pesquisados: 24% na Vila Antonieta e 24,3% no Jardim Santa Terezinha.

Essa alternativa reflete a importância da escola na busca de colocação profissional do novo talento. Sobre o impacto das transformações do mercado de trabalho nos sistemas educativos, Filmus afirma que os vários setores econômicos:

“(...) exigem trabalhadores com capacitações que só podem ser adquiridas a partir de um maior número de anos de escolaridade, tais como: multifuncionalidade, criatividade, manejo correto dos códigos da língua materna e, pelo menos, uma língua estrangeira, informática e comunicação, trabalho em equipe, disposição para mudança e aprendizagem permanente.” (FILMUS, 2002, p.151)

Entre essas capacitações identificadas por Filmus ao tratar dos “sinais que chegaram à educação a partir do mercado de trabalho” (FILMUS, 2002, p. 151), há uma diretamente relacionada à segunda alternativa de resposta mais assinalada pelo novo talento: “o manejo correto dos códigos da língua materna”. Esse domínio da língua materna inclui a capacidade de compreensão necessária numa leitura, por exemplo, mas expressar-se corretamente é uma forma inequívoca de mostrar um bom nível de conhecimento sobre determinado assunto.

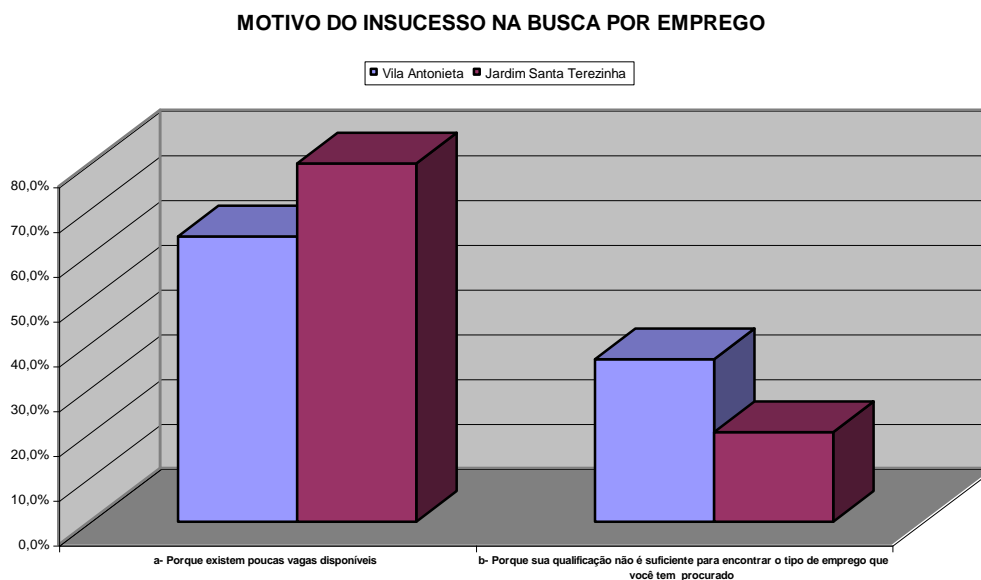
Além da importância do nível de escolaridade apontada por Filmus, expressar-se corretamente também pode ter relação com a desenvoltura pessoal, o que, tal como a timidez, é um fator mais subjetivo. A outra alternativa, também relacionada ao domínio da língua, – “falta de condições de responder às perguntas por não compreendê-las” – teve um percentual relativamente baixo de respostas: 6% do total, com 5,4% no Jardim Santa Terezinha e 6,1% na Vila Antonieta.

Além da dificuldade de exposição do potencial do novo talento, questões como a apresentação pessoal pode, numa situação de disputa, aparecer como uma barreira a ser transposta. Machado Pais notou que, apesar de a ausência de capital escolar constituir um dos fatores mais associados ao desemprego, há o reconhecimento, entre os jovens universitários e pré-universitários portugueses, de que a aparência pode “contar tanto como um curso para a obtenção de um emprego”. (MACHADO PAIS, 1996, p. 259)

Para o novo talento da Zona Leste, a aparência, embora num percentual não muito alto, é um problema na disputa por um trabalho. 10,6% das respostas

sobre a principal dificuldade num processo de seleção foram “falta de segurança devido à sua apresentação pessoal como, por exemplo, o tipo de roupa que estava usando”. Na Vila Antonieta, esse percentual sobe para 12,3% e, no Jardim Santa Terezinha, é de apenas 2,7%. A alternativa “outros” teve 14% das respostas no primeiro bairro e 5,4% no segundo. Numa seleção, uma parte significativamente maior de pesquisados da Vila Antonieta teria a desvantagem de sentir-se inseguro em relação à apresentação pessoal, além de o alto número de alternativas “outros” desse bairro eventualmente poder ocultar certas dificuldades talvez não menos importantes que as previstas nas alternativas anteriores.

Na análise dessa questão, vê-se que o novo talento da Zona Leste de São Paulo percebe importantes barreiras relacionadas a dificuldades pessoais quando consegue participar de processos de seleção. Na questão seguinte, colocada apenas para os que não estavam trabalhando e estavam procurando emprego na época da pesquisa, aparece outro tipo de barreira – a escassez de vagas disponíveis no mercado. Sobre o motivo de ainda não ter conseguido emprego, 66,7% responderam “porque existem poucas vagas disponíveis”. No Jardim Santa Terezinha, 80%; na Vila Antonieta, 63,7%, conforme o gráfico *Motivo do insucesso na busca por emprego*.



Sobre o desemprego, “o jovem tem de saber que a situação que ele vive não é originária de um problema de ordem individual (...). Não existe uma saída

individual, porque não há empregos para todos”<sup>89</sup>. Segundo os dados apresentados acima, essa realidade parece mais clara para os jovens desempregados do Jardim Santa Terezinha do que para os da Vila Antonieta. A advertência de Pochmann – de que o desemprego não é um problema pessoal – não parece tão evidente para os que justificaram o insucesso da busca por colocação profissional com a alternativa “porque sua qualificação não é suficiente para encontrar o tipo de emprego que você tem procurado”. Essa alternativa obteve 33,3% das respostas, com 20% no Jardim Santa Terezinha e 36,3% na Vila Antonieta. Esses percentuais mostram que, na Vila Antonieta, uma parte maior de jovens desempregados relaciona o desemprego à qualificação individual.

A preocupação com a incompatibilidade entre a qualificação pessoal e o tipo de emprego procurado revela a atribuição do mau êxito a deficiências individuais. Entretanto, as maiores exigências do empregador podem ser consideradas, tal como a insuficiência de vagas, uma tendência do mercado. Segundo Filmus, “a diminuição das oportunidades trabalhistas gerou uma competitividade maior para a obtenção de melhores postos de trabalho. Acentuou-se a vantagem comparativa de obter mais anos de escolaridade”. (FILMUS, 2002, p. 151) O autor observa que o título superior é hoje essencial para o ingresso em setores modernos da economia, particularmente em bons postos de trabalho.

Na busca por um trabalho não precário, o novo talento depara com um cenário em que “a superoferta possibilitou aos empregadores exigir maiores credenciais do que aquelas que o desempenho do posto de trabalho demandava”. (FILMUS, 2002, p. 151) Assim, o novo talento que atribuiu o insucesso na busca por trabalho à incompatibilidade entre sua qualificação e o tipo de emprego procurado, o que aparece num percentual maior na Vila Antonieta, não é menos realista que os que o atribuíram à falta de vagas disponíveis.

A maior qualificação educacional, que, pela teoria do capital humano, resultaria em aumento na renda do trabalhador, no caso dos jovens desempregados dos bairros pesquisados talvez resulte apenas em alguma renda, proveniente de um posto de trabalho menos precário que os encontrados até

---

<sup>89</sup> Márcio Pochmann. “Trabalho Árduo”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folhateen, p. 6, 29 de abril de 2002.

então. Dessa forma, a escola contribuiria criando condições não só para a profissionalização, mas também para a continuidade do investimento em qualificação.

### **5.7- O vínculo entre o trabalho e a educação do novo talento**

A considerar que “a instrução aumenta a capacidade de adaptação das pessoas face às flutuações das oportunidades de emprego, associadas ao crescimento econômico” (SCHULTZ, 1973b, p. 56), o capital formado pela educação, mesmo que não resulte em aumento de renda, certamente é subsídio para o enfrentamento de situações concretas do mundo do trabalho.

O valor desse capital aliado às vivências diversas do novo talento reflete-se nos resultados desta pesquisa, nas questões analisadas neste capítulo. Boa parte dos pesquisados provavelmente utiliza a educação recebida para a busca de oportunidades de trabalho e a conseqüente melhoria de sua condição social. Algumas das respostas sobre as escolhas profissionais ilustram essa suposição. O alto percentual – 88,4% – de jovens predispostos a buscar emprego em empresas consideradas promissoras, por exemplo, ou os 84,8% predispostos a tentar trabalhar na profissão sonhada podem ter sido inspirados pela vivência escolar, não desconsiderando a influência da faixa etária nesse tipo de resposta.

Constatado que boa parte dos pesquisados ocupa postos de trabalho de alta rotatividade, sem carteira de trabalho assinada e com baixos salários – que se refletem na renda familiar –, essa predisposição para a busca de uma melhor colocação no mercado é fundamental. A possível relação da educação escolar com essa predisposição pode estar na suposição de que, em determinadas situações de trabalho, a “capacidade de adaptação” incrementada pela instrução viabiliza a busca de “melhores oportunidades de trabalho”. (SCHULTZ, 1973b, p. 56)

Considerando a contribuição da educação escolar na construção das ambições profissionais do novo talento, torna-se evidente a necessidade de que essa contribuição avance no sentido do desenvolvimento das aptidões essenciais para a concretização dos projetos de trabalho e emprego, pois a disposição para a busca de oportunidades pode ser comprometida pelo descrédito do próprio

aluno quanto às reais chances de êxito. Em outras palavras, a escola deve funcionar como uma “ferramenta” para a profissionalização do novo talento, não exatamente para uma formação técnica, mas na direção da escola unitária de Gramsci, onde se concretiza o “princípio educativo do trabalho”, que é, na concepção do autor, “atividade teórico-prática capaz de superar a cisão entre educação e tarefa prática, educação e instrução”. (MIGUEL, 2003, p. 5)

## **6- A escola como ferramenta para a profissionalização do novo talento**

Em seu projeto de escola unitária – ou de formação humanística, ou de cultura geral –, Gramsci propõe à escola “a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa.” (GRAMSCI, 1968, p. 121) Para o novo talento, a inserção na atividade social se relaciona, entre outros fatores, com a inserção no mercado de trabalho.

As qualidades que, na visão de Gramsci, deveriam estar desenvolvidas antes do ingresso do jovem na atividade social, são de extrema importância no contexto desta pesquisa. Este capítulo expõe a análise da visão dos jovens pesquisados sobre a contribuição da escola em sua trajetória profissional, suas expectativas em relação à universidade pública, a faculdades particulares e cursos profissionalizantes, além da avaliação da escola pelo novo talento.

Concentrando-se na visão dos concluintes do ensino médio na escola pública, esta pesquisa eximiu-se deliberadamente de ouvir outros envolvidos no processo apresentado – por exemplo, professores, diretores e coordenadores das escolas pesquisadas, ou dirigentes de instituições empregadoras de jovens – por entender que os problemas da escola pública e do mercado de trabalho, assim como suas causas, já são relativamente conhecidas. Nosso principal objetivo – verificar os efeitos da educação oferecida ao jovem de baixa renda, no que tange ao trabalho – permite avaliar também a qualidade da educação pública. Segundo Freitas, a escola pública é um projeto ainda não concretizado no Brasil.

“Isto porque o caráter público dessa instituição não se consolidou, tanto no que diz respeito a um atendimento universal e eqüitativo quanto no que se refere à sua organização e funcionamento, à natureza e ao conteúdo/forma do trabalho pedagógico que realiza, aos resultados que alcança e aos efeitos sociais que produz.” (FREITAS, 1996, p. 1)

Um dos mais importantes resultados esperados da escola pública é que imprima certa segurança à futura trajetória profissional do alunado. É essencial que a escola contribua com a formação de uma visão de mundo onde a escolaridade apareça como alavanca da formação pré-empresa do novo talento.



### **6.1- Escolaridade como alavanca da formação pré-empresa do novo talento**

Uma boa formação pré-empresa inclui o desenvolvimento de algumas capacidades hoje valorizadas para uma adequada inserção no mercado de trabalho, e a escola é essencial no desenvolvimento dessas capacidades.

Para medir eficiência, as empresas consideram, além da formação escolar, o que se pode chamar de “um cardápio de atitudes: iniciativa, persistência, comunicação, trabalho em equipe, flexibilidade, raciocínio analítico”<sup>90</sup>. Essas demandas, que “fazem a distância entre o que as escolas formam e o que as empresas esperam”<sup>91</sup>, foram listadas por Sofia Esteves do Amaral, especialista em recursos humanos, que acompanhou, em 2002, o destino de 180 mil currículos de jovens que disputaram 872 vagas de estágio e de *trainee*. Nesse processo, constatou a dificuldade das empresas em preencher os postos, devido à baixa qualificação dos candidatos. Após as entrevistas, fase final da seleção, “por incrível que pareça, sobraram vagas”<sup>92</sup>.

O novo talento da Zona Leste não desconhece a importância de sua escolarização, o capital humano formado pela educação. Em sua visão, a educação tem um grande valor na futura colocação no mercado: 86,9% dos pesquisados concordaram que o fato de estar estudando contribuía para aumentar suas chances de encontrar trabalho. Conforme o gráfico *Aumento das chances de colocação no mercado de trabalho proporcionado pelos estudos de nível médio*, 86,2% dos pesquisados da Vila Antonieta e 89,7% do Jardim Santa Terezinha, responderam “sim” à pergunta correspondente a essa possibilidade de contribuição.

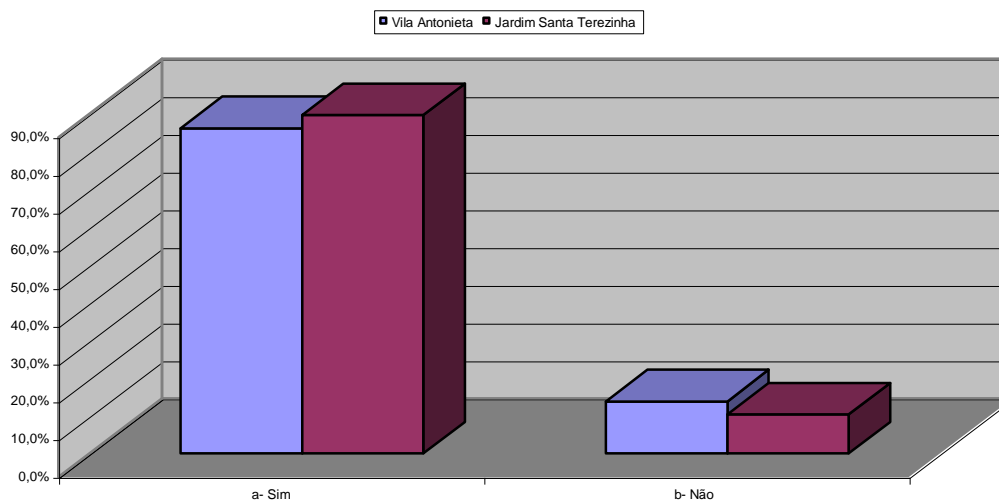
---

<sup>90</sup> Gilberto Dimenstein. “180 mil jovens não conseguiram ocupar 872 empregos”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-10, 6 de julho de 2003.

<sup>91</sup> Idem.

<sup>92</sup> Sofia Esteves do Amaral in Gilberto Dimenstein. “180 mil jovens não conseguiram ocupar 872 empregos”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-10, 6 de julho de 2003.

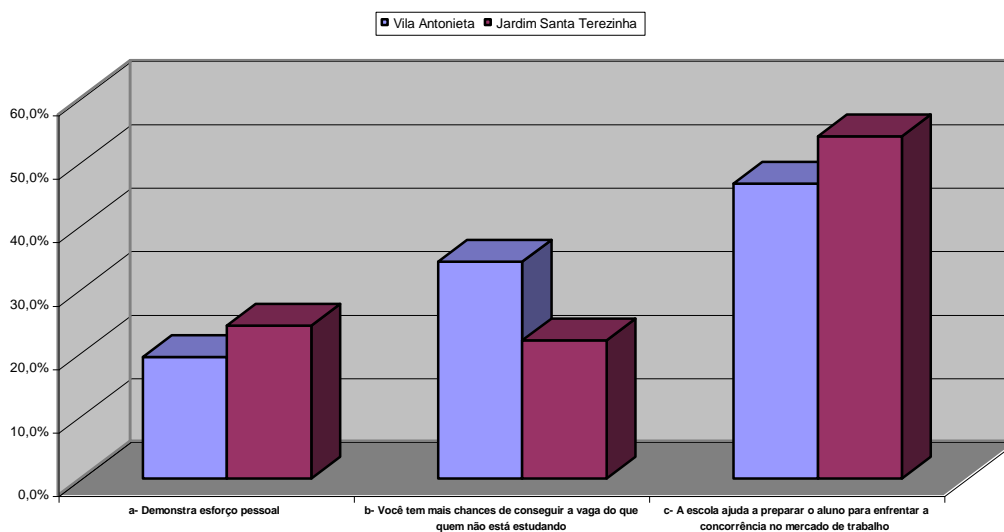
**AUMENTO DAS CHANCES DE COLOCAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO  
PROPORCIONADO PELOS ESTUDOS DE NÍVEL MÉDIO**



Entre essas respostas afirmativas, 48,1% foram justificadas com a alternativa “a escola ajuda a preparar o aluno para enfrentar a concorrência no mercado de trabalho”. 54% do Jardim Santa Terezinha e 46,5% da Vila Antonieta escolheram essa justificativa. Assim, proporcionalmente, uma parte maior de pesquisados do Jardim Santa Terezinha do que da Vila Antonieta acredita que suas chances de encontrar trabalho aumentam em função da preparação oferecida pela escola.

Dos jovens que entendem que por estarem estudando têm mais chances de conseguir uma vaga que quem não estuda, 34,3% são da Vila Antonieta e 21,8%, do Jardim Santa Terezinha. A alternativa estudar “demonstra esforço pessoal” teve 19,2% das respostas na Vila Antonieta e 24,1% no Jardim Santa Terezinha, conforme o gráfico *Motivo do aumento das chances de colocação no mercado de trabalho*.

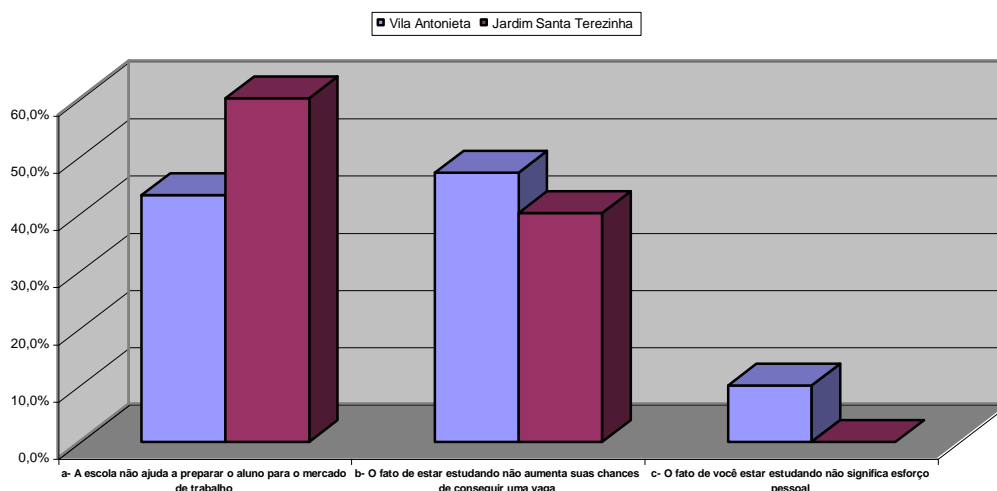
### MOTIVO DO AUMENTO DAS CHANCES DE COLOCAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO



Apenas 13,1% dos pesquisados negaram o aumento das chances de encontrar trabalho proporcionado pelos estudos de nível médio. Entre eles, 45,9% justificaram-se com “a escola não ajuda a preparar o aluno para o mercado de trabalho”, 45,9% responderam que estar estudando não aumenta as chances de conseguir uma vaga e 8,2% pensam que estar estudando não significa esforço pessoal.

No Jardim Santa Terezinha, apenas 10,3% dos pesquisados responderam não acreditar no aumento de chances de encontrar trabalho proporcionado pela educação de nível médio, entre os quais 60% acreditam que “a escola não ajuda a preparar o aluno para o mercado de trabalho”. Na Vila Antonieta, esses percentuais são, respectivamente, 13,8% e 43,1%. Dessa forma, no Jardim Santa Terezinha, entre os que acreditam que os estudos de nível médio na escola pública não contribuem com o aumento de chances de colocação no mercado, uma parcela significativa entende que a formação oferecida pela escola não tem o efeito de preparar os alunos para o trabalho. Já na Vila Antonieta, a justificativa mais assinalada, com 47,1% das respostas, foi “o fato de estar estudando não aumenta suas chances de conseguir uma vaga”. Essa alternativa teve 40% das respostas no Jardim Santa Terezinha. A alternativa “o fato de você estar estudando não significa esforço pessoal” teve 9,8% das respostas na Vila Antonieta e nenhuma no Jardim Santa Terezinha, conforme o gráfico *Motivo do não aumento das chances de colocação no mercado de trabalho*.

### MOTIVO DO NÃO AUMENTO DAS CHANCES DE COLOCAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO



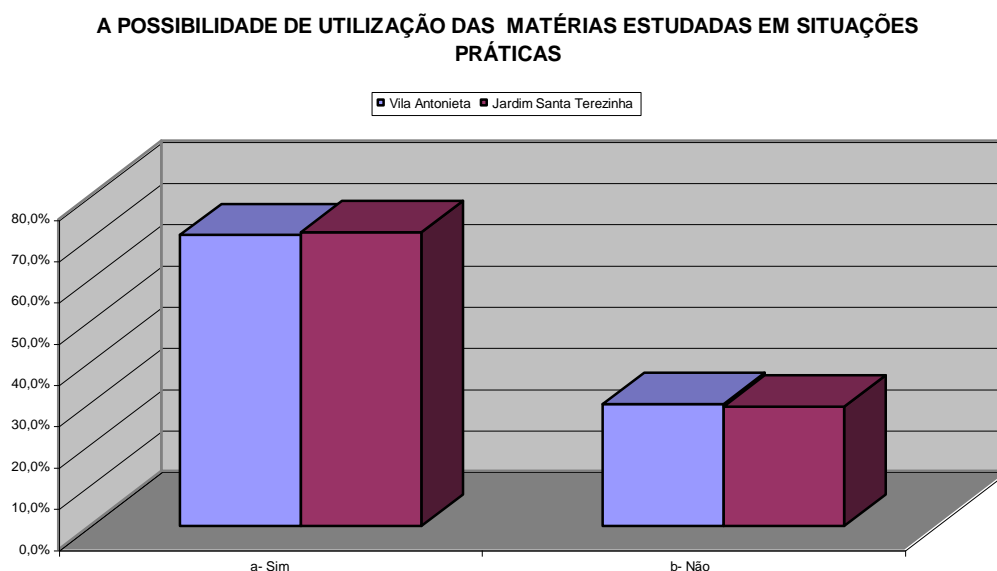
A contribuição da escola na busca de trabalho dos jovens é evidente, pois a maioria dos pesquisados entende que a escola, além de aumentar as chances de encontrar uma vaga, ajuda a preparar o aluno para enfrentar a concorrência no mercado: dos 86,9% que responderam acreditar que estudar aumenta as chances de encontrar trabalho, 48,1% justificaram-se com a alternativa “a escola ajuda a preparar o aluno para enfrentar a concorrência no mercado de trabalho”. Apesar da notória contribuição da escola, o confronto com a realidade noticiada sobre o mercado de trabalho revela dados que apontam para a necessidade de que essa contribuição seja mais efetiva. Essa necessidade se torna evidente em dados como os apresentados por Sofia Esteves do Amaral: “180 mil jovens não conseguiram ocupar 872 empregos”<sup>93</sup>.

No projeto da escola unitária, Gramsci propôs “o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social”. O “princípio unitário” teria reflexos em “todos os organismos de cultura” (GRAMSCI, 1968, p. 125). Na visão do autor, a articulação entre os objetivos da escola e os de outros “organismos” que atuam na vida social dos jovens permitiria uma direção unitária de propósitos. Para o novo talento da Zona Leste, isso seria fundamental na superação dos problemas que se refletem na questão acima apresentada, pois, na proposta de Gramsci, esses outros organismos atingiriam o mundo do trabalho.

<sup>93</sup> Gilberto Dimenstein. “180 mil jovens não conseguiram ocupar 872 empregos”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-10, 6 de julho de 2003.

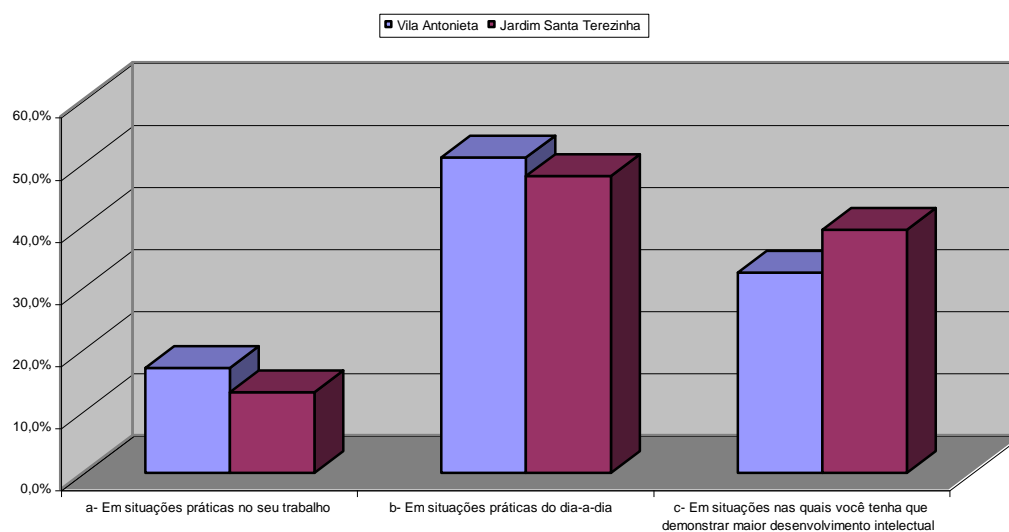
Mas o novo talento parece não identificar a articulação entre a escola e situações práticas do trabalho. Apesar de 70,6% terem respondido “sim” à pergunta “você acha que as matérias estudadas serão utilizadas na prática?”, apenas 16,1% deles responderam acreditar que seriam utilizadas em situações práticas de trabalho. 33,7% pensam que o seriam quando precisassem mostrar desenvolvimento intelectual e 50,2%, em situações práticas do dia-a-dia.

Conforme o gráfico *A possibilidade de utilização das matérias estudadas em situações práticas*, 70,5% dos jovens da Vila Antonieta responderam acreditar que as matérias estudadas seriam úteis na prática; no Jardim Santa Terezinha, 71,1%.

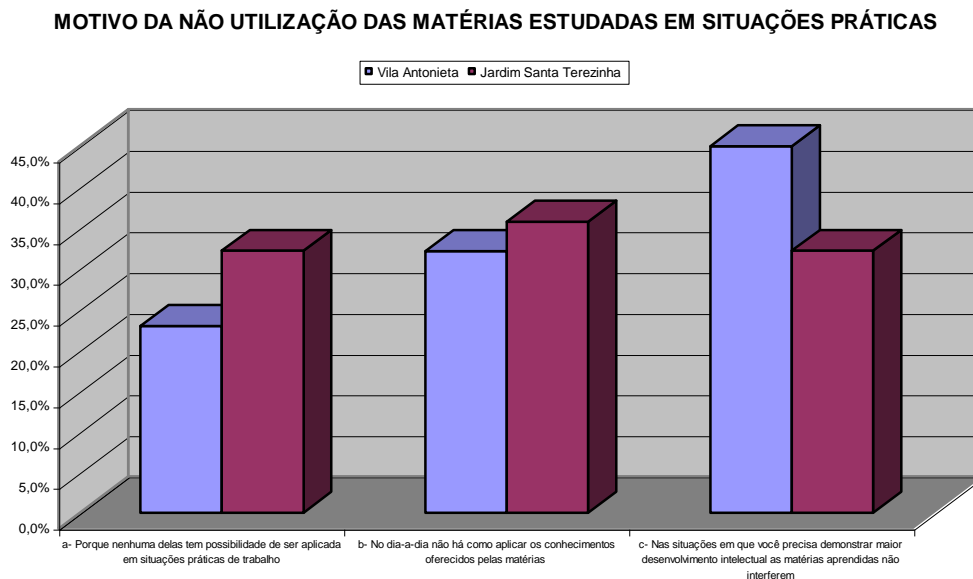


Porém, é preciso conhecer melhor o que o novo talento entende por “utilização das matérias estudadas”. Dos que acreditam que elas serão utilizadas na prática, apenas 13% no Jardim Santa Terezinha e 16,9% na Vila Antonieta vêm essa utilidade em situações de trabalho. No primeiro bairro, 39,1% responderam que as utilizariam quando tivessem que demonstrar maior desenvolvimento intelectual; no segundo, 32,3%. No Jardim Santa Terezinha, 47,8% pensam em utilizá-las em situações práticas do dia-a-dia e, na Vila Antonieta, 50,8%, conforme o gráfico *Situações práticas com possibilidade de utilização das matérias estudadas*.

## SITUAÇÕES PRÁTICAS COM POSSIBILIDADE DE UTILIZAÇÃO DAS MATÉRIAS ESTUDADAS



Entre os 28,9% dos pesquisados do Jardim Santa Terezinha que responderam não acreditar que as matérias estudadas seriam utilizadas na prática, 32,1% justificaram-se com “porque nenhuma delas tem possibilidade de ser aplicada em situações práticas de trabalho”. Na Vila Antonieta, 22,9% de 29,5% deram a mesma justificativa. A alternativa “no dia-a-dia não há como aplicar os conhecimentos oferecidos pelas matérias” teve 35,7% das respostas do Jardim Santa Terezinha e 32,1% das da Vila Antonieta. A alternativa “nas situações em que você precisa demonstrar maior desenvolvimento intelectual as matérias não interferem” teve 32,1% das respostas no primeiro bairro e 45% no segundo, conforme o gráfico *Motivo da não utilização das matérias estudadas em situações práticas*.



Para Gramsci, o processo educativo envolve o trabalho, que pode ser entendido como “atividade teórico-prática” (GRAMSCI, 1968, p. 130). Na visão do autor dos *Cadernos do Cárcere*, a escola deveria equilibrar “o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual”. (GRAMSCI, 1968, p. 118).

Entretanto, não surpreende a reduzida parcela (16,1% de 70,6%) de jovens que acredita na possibilidade de utilização das matérias escolares em situações práticas de trabalho, pois a pesquisa foi feita com alunos do curso regular, e não técnico, o que certamente influi na resposta. O que surpreende, sim, é o fato de apenas 33,7% dos que admitiram essa possibilidade terem respondido que a utilização seria em situações em que precisassem demonstrar maior desenvolvimento intelectual. Entre os 29,4% que negaram a utilidade prática das matérias, 42,3% afirmaram que elas não interferem nas situações em que precisam mostrar desenvolvimento intelectual.

Assim, o equilíbrio entre a formação para o trabalho e a formação intelectual preconizado por Gramsci é essencial para o novo talento da Zona Leste. Mesmo o currículo do curso médio regular não priorizando as matérias práticas – mais aplicáveis em situações de trabalho –, esperava-se que os jovens percebessem de forma evidente sua importância na eventual necessidade de demonstrar desenvolvimento intelectual.

Entre as situações que dependem de capacidades intelectuais bem desenvolvidas, as de trabalho merecem especial atenção. Na formação pré-empresa, é importante que a educação seja um dos instrumentos de profissionalização disponíveis ao novo talento.

### **6.2- A educação como instrumento da profissionalização do novo talento**

Atualmente, a formação de nível médio prioriza a formação geral dos alunos, e “a matrícula no ensino médio é condição de possibilidade para a matrícula na educação profissional de nível técnico”. (CURY, 2002, p. 24) Assim, cursar o ensino médio regular não significa optar entre um curso básico e um profissionalizante. Apesar do curso regular não excluir a possibilidade de um curso técnico simultâneo, para o novo talento da Zona Leste, freqüentá-los ambos tem viabilidade limitada. Os resultados da pesquisa mostram que boa parte dos jovens estuda no período noturno devido à necessidade de conciliar trabalho e escola.

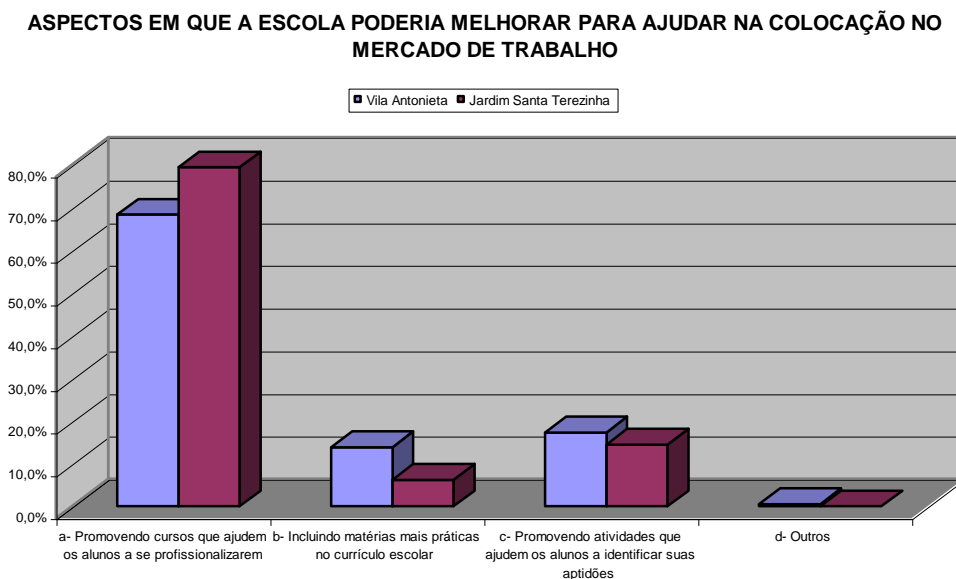
Nessa situação, para a maioria dos pesquisados, a opção por um curso técnico seria possível somente após o término do curso regular. Por outro lado, sua realidade impõe a profissionalização como uma necessidade anterior a essa escolha. Quando perguntados sobre o aspecto em que a escola poderia melhorar para ajudar na busca de colocação no mercado de trabalho, a maioria (70,6%) respondeu “promovendo cursos que ajudem os alunos a se profissionalizarem”.

Essa necessidade de profissionalização apareceu com percentuais bastante significativos nos dois bairros, porém maior no Jardim Santa Terezinha (79,4%); na Vila Antonieta, 68,3%. Essa diferença talvez se deva à menor renda familiar dos pesquisados do Jardim Santa Terezinha – além da maior necessidade imediata de trabalhar –, onde, entre os que nunca haviam trabalhado, apenas 7,1% responderam não querer ou não precisar fazê-lo; na Vila Antonieta, 12,1% tinham essa condição.

As outras alternativas sobre os aspectos da escola que poderiam melhorar para ajudar na colocação no mercado tiveram os seguintes resultados: “incluindo matérias mais práticas no currículo escolar” teve 6,2% das respostas no Jardim

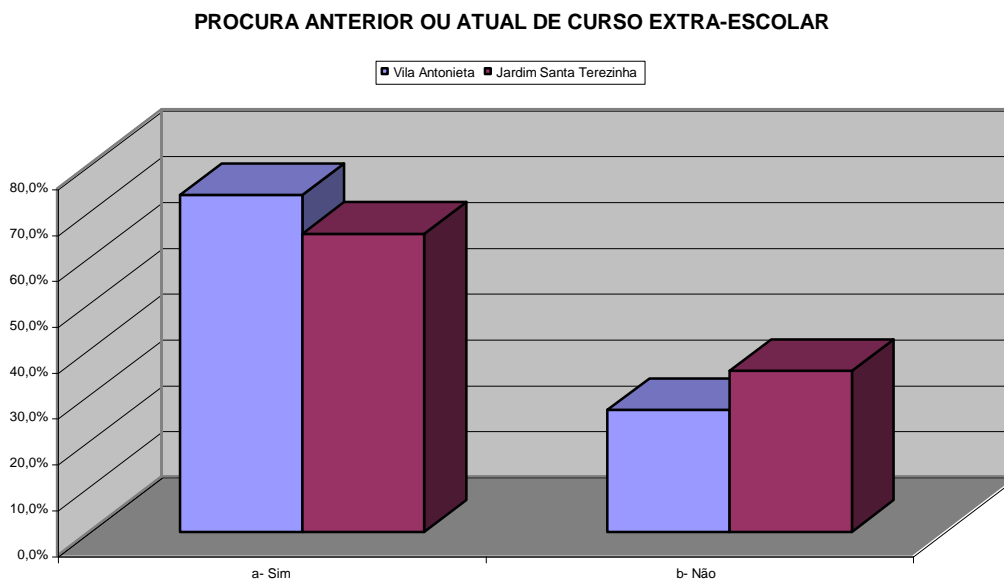


Santa Terezinha e 13,8% na Vila Antonieta; “promovendo atividades que ajudem os alunos a identificar suas aptidões” teve 14,4% no primeiro bairro e 17,3% no segundo. Conforme o gráfico *Aspectos em que a escola poderia melhorar para ajudar na colocação no mercado de trabalho*, a opção “outros” não foi escolhida no Jardim Santa Terezinha e teve apenas 0,5% das respostas na Vila Antonieta, o que mostra que as expectativas quanto às possibilidades de ajuda da escola na inclusão no mercado de trabalho estão bem definidas nas alternativas anteriores.



Além da escolarização de nível médio, outras formas de instrução aparecem nas respostas do novo talento como complemento da formação educacional. A maioria dos jovens pesquisados – 71,7% – respondeu que estava fazendo ou já havia feito algum curso fora da escola.

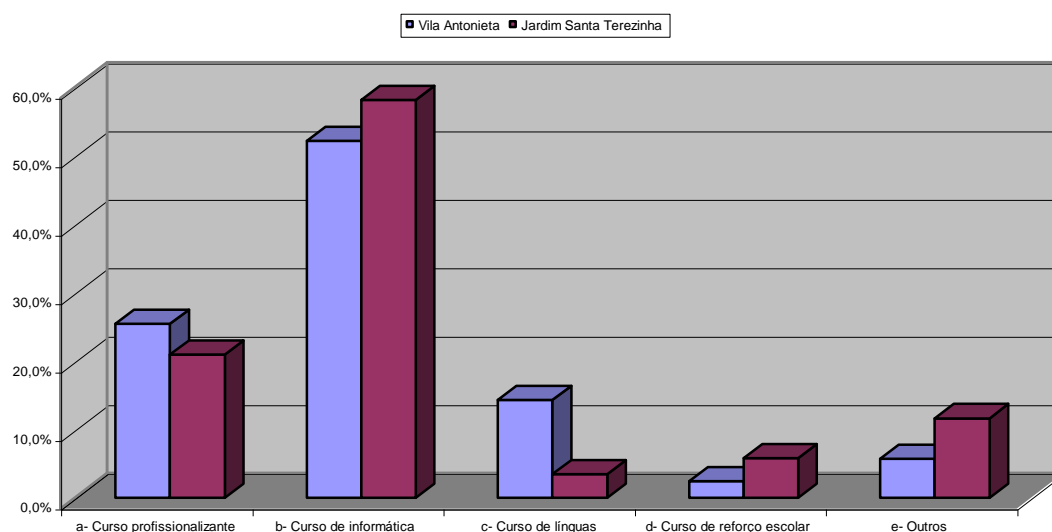
O gráfico *Procura anterior ou atual de curso extra-escolar* mostra que, no Jardim Santa Terezinha, esse percentual cai para 64,9% e, na Vila Antonieta, é de 73,4%. O maior percentual de pesquisados do Jardim Santa Terezinha que estavam trabalhando na época da pesquisa talvez explique essa diferença entre os resultados. Como nesse bairro uma parte maior conciliava trabalho e escola, provavelmente dispunha de menos tempo para cursos extra-escolares do que os jovens da Vila Antonieta.



Na questão sobre o tipo de curso feito fora da escola, os pesquisados podiam escolher quantas alternativas quisessem. 53,3% das respostas foram para “curso de informática”. O confronto desse percentual com os 20,5% que preencheram o campo “e-mail” da identificação e com os 12,9% que apontaram a opção “internet” como meio de busca por emprego mostra que, apesar da consciência do novo talento de que o domínio da informática é um dos atributos normalmente exigidos de quem tenta se inserir no mercado de trabalho – o que se confirma pela alta procura de cursos de informática – o que falta provavelmente são meios de acesso regular à comunicação eletrônica.

Conforme o gráfico *Tipos de curso extra-escolar*, no Jardim Santa Terezinha e na Vila Antonieta, os percentuais das alternativas de respostas a essa pergunta foram, respectivamente, 58,1% e 52,2% para “curso de informática”; 20,9% e 25,4% para “curso profissionalizante”; 3,5% e 14,3% para “curso de línguas”; 5,8% e 2,4% para “curso de reforço escolar” e 11,6% e 5,7% para “outros”. Esta última opção provavelmente engloba cursos pré-vestibulares.

## TIPOS DE CURSO EXTRA-ESCOLAR

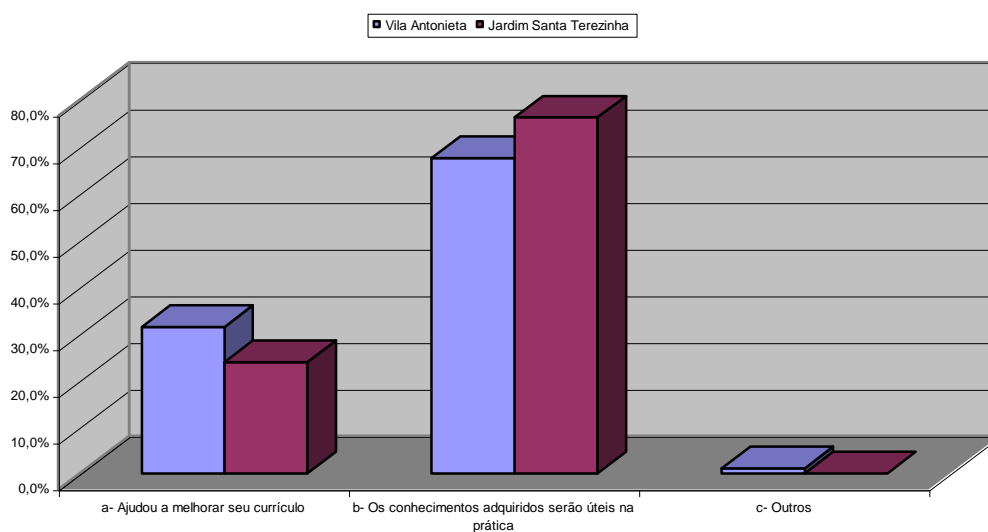


Entre as exigências para a inserção no mercado de trabalho, algumas das mais importantes são “uma boa base escolar, inglês fluente, conhecimento de informática, experiências em empresas juniores e atividades extracurriculares”<sup>94</sup>. Mesmo considerando que as vagas com esse tipo de exigência sejam comumente abertas para candidatos que já estão num curso superior – o que excluiria o novo talento –, importa saber que, além do conhecimento de informática, é praxe exigir uma segunda língua para uma boa colocação profissional. Apesar de o currículo de nível médio incluir o inglês, o aperfeiçoamento extra-escolar é importante para os alunos da escola pública. Esse aperfeiçoamento parece ser mais viável na Vila Antonieta (14,3%) que no Jardim Santa Terezinha, onde apenas 3,5% das respostas foram para a alternativa “curso de línguas”.

Na questão sobre o proveito do curso para a busca de emprego, 69,2% afirmaram que os conhecimentos adquiridos serão úteis na prática: 76,2% no Jardim Santa Terezinha, e 67,5% da Vila Antonieta. Pelo gráfico *Utilidade do curso extra-escolar na busca por emprego*, a opção “ajudou a melhorar seu currículo” teve 23,8% das respostas no Jardim Santa Terezinha e 31,4% na Vila Antonieta. A opção “outros” não foi assinalada no primeiro bairro, e teve 1,1% no segundo.

<sup>94</sup> Idem.

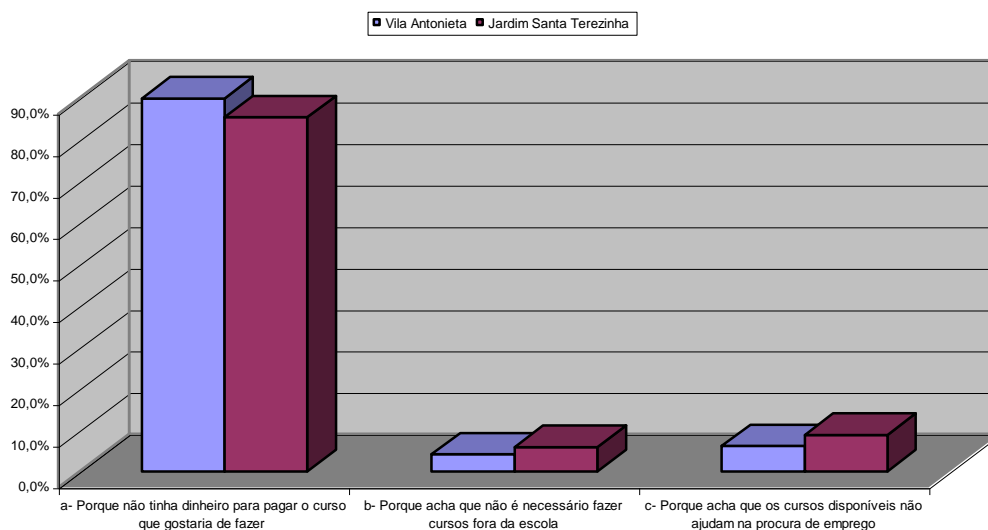
### UTILIDADE DO CURSO EXTRA-ESCOLAR NA BUSCA POR EMPREGO



A importância dos cursos extra-escolares é evidente na visão do novo talento. Entre os 28,3% que não tinham feito cursos fora da escola, 88,6% justificaram-se com “porque não tinha dinheiro para pagar o curso que gostaria de fazer”. Assim, a falta desses cursos deve-se antes à impossibilidade financeira que à mera opção.

Conforme o gráfico *Motivo da não opção por cursos extra-escolares*, 85,3% dos pesquisados do Jardim Santa Terezinha que não tinham freqüentado cursos fora da escola alegaram falta de recursos financeiros; na Vila Antonieta, esse percentual foi 89,8%. A opção “porque acha que não é necessário fazer cursos fora da escola” teve 5,9% das respostas no primeiro bairro e 4,1% no segundo, e “porque acha que os cursos disponíveis não ajudam na procura de emprego” teve 8,8% e 6,1% respectivamente.

### MOTIVO DA NÃO OPÇÃO POR CURSOS EXTRA-ESCOLARES



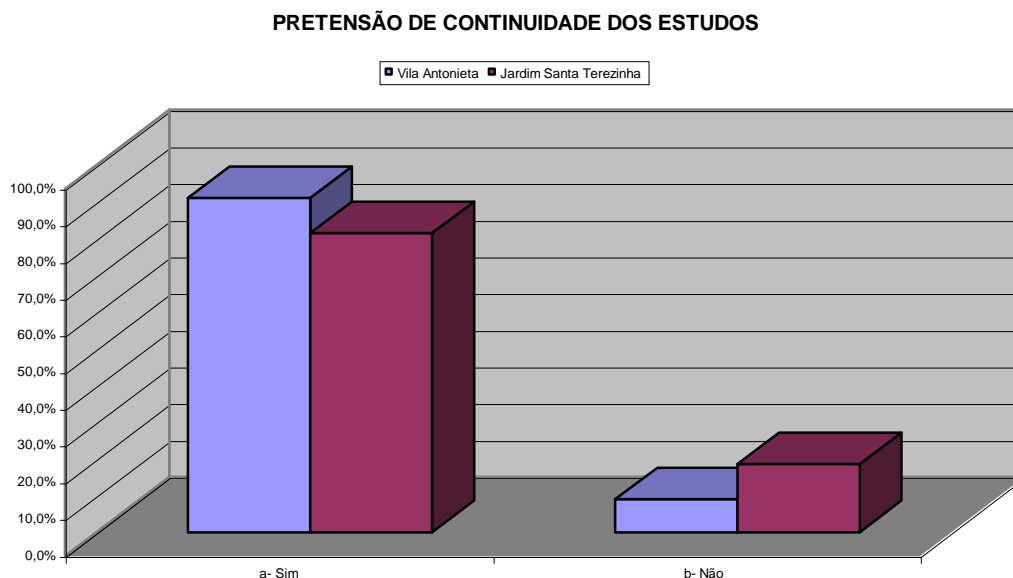
Segundo Schultz, “o valor da instrução, para os estudantes, depende, em grande parte, do esforço que dediquem ao aprendizado”. (SCHULTZ, 1973b, p. 55) Além dessa dedicação, a instrução do novo talento depende também de recursos financeiros para pagar a formação educacional extra-escolar que considera adequada. Na realidade social estudada, a escolaridade de nível médio deve servir como alavanca para a continuidade da formação do jovem.

### **6.3- A escolaridade como alavanca para a continuidade dos estudos do novo talento**

Na teoria do capital humano, o capital formado pela educação, além do retorno pessoal de melhoria do padrão de vida derivado do aumento da renda, levaria a ganhos sociais no país, pois “a instrução e o progresso no conhecimento constituem importantes fontes de crescimento econômico”. (SCHULTZ, 1973b, p. 63). Portanto, de acordo com essa teoria, a importância da continuidade dos estudos no novo talento não se resume nos interesses individuais, mas atinge os interesses da sociedade brasileira.

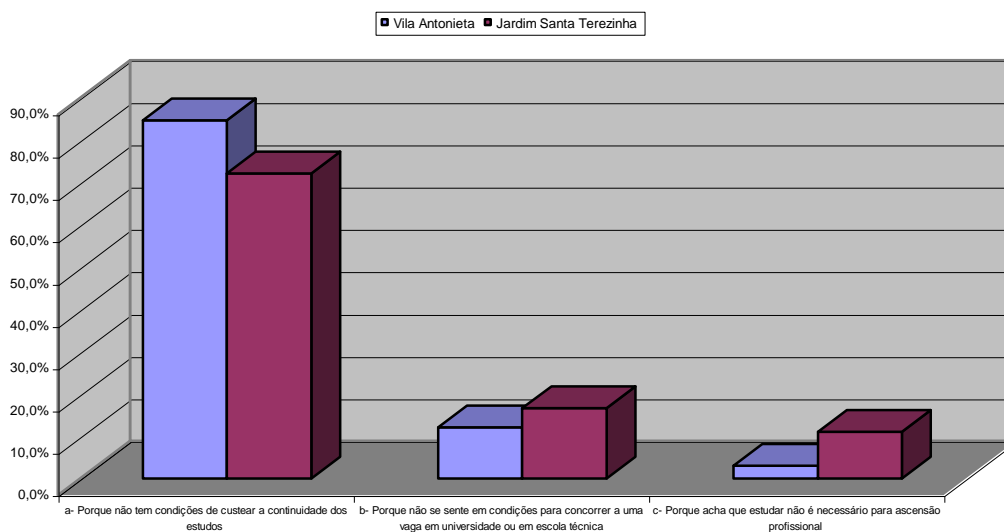
Quando perguntados sobre a intenção de prosseguir seus estudos, 89,1% dos pesquisados responderam afirmativamente. Na Vila Antonieta esse

percentual sobe para 91,1% e no Jardim Santa Terezinha cai para 81,4%, conforme o gráfico *Pretensão de continuidade dos estudos*.



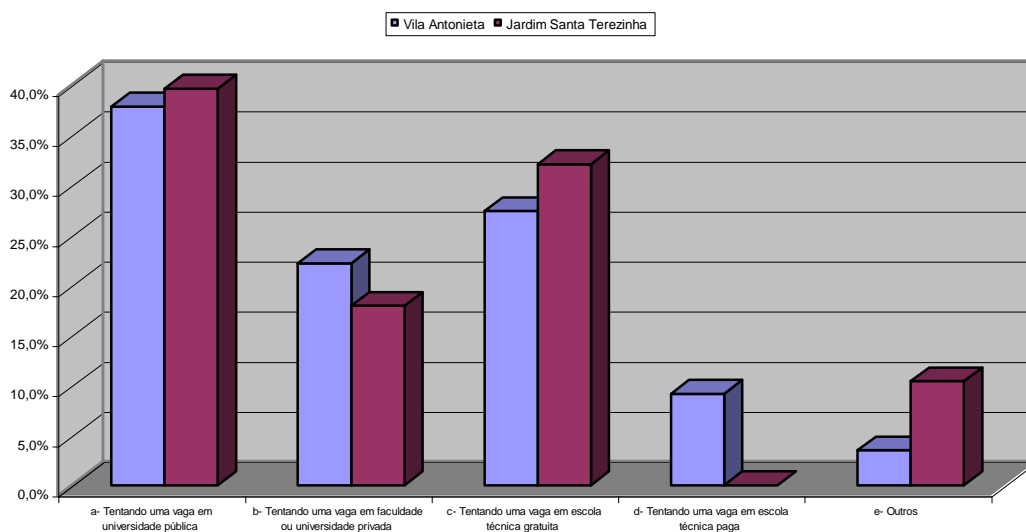
Tal como na questão sobre os cursos extra-escolares – em que a maior parte dos que não fizeram cursos fora da escola apontou a falta de recursos como motivo –, entre os 10,9% que não pretendiam continuar estudando, 80,4% justificaram-se com “porque não tem condições de custear a continuidade dos estudos”. Conforme o gráfico *Motivo da não continuidade dos estudos*, entre os 8,9% que responderam negativamente na Vila Antonieta 84,8% apontaram essa justificativa; no Jardim Santa Terezinha, 72,2% de 18,6%. A alternativa “porque não se sente em condições de concorrer a uma vaga em universidade ou escola técnica” teve 12,1% das respostas no primeiro bairro e 16,7% no segundo, enquanto a alternativa “porque acha que estudar não é necessário para ascensão profissional” teve respectivamente 3% e 11,1%.

### MOTIVO DA NÃO CONTINUIDADE DOS ESTUDOS

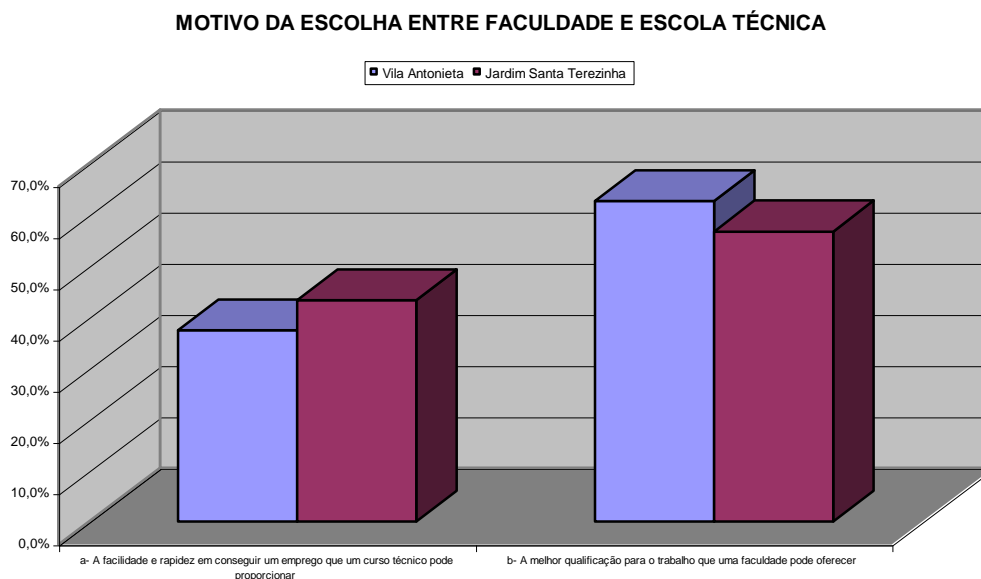


Aos que admitiram a possibilidade de continuar os estudos, perguntou-se de que forma pretendiam fazê-lo, com quantas alternativas quisessem. A resposta mais assinalada foi “tentando uma vaga na universidade pública”, com 38,2% das escolhas: 39,6% no Jardim Santa Terezinha e 37,8% na Vila Antonieta. “Tentando uma vaga em faculdade ou universidade privada” teve 17,9% no primeiro bairro e 22,2% no segundo. “Tentando uma vaga em escola técnica gratuita”, 32,1% e 27,4% na Vila Antonieta. “Tentando uma vaga em uma escola técnica paga” não teve respostas no primeiro bairro e 9,1% no segundo. A alternativa “outros” teve 10,4% e 3,5%, conforme o gráfico *Forma de continuidade dos estudos*.

### FORMA DE CONTINUIDADE DOS ESTUDOS



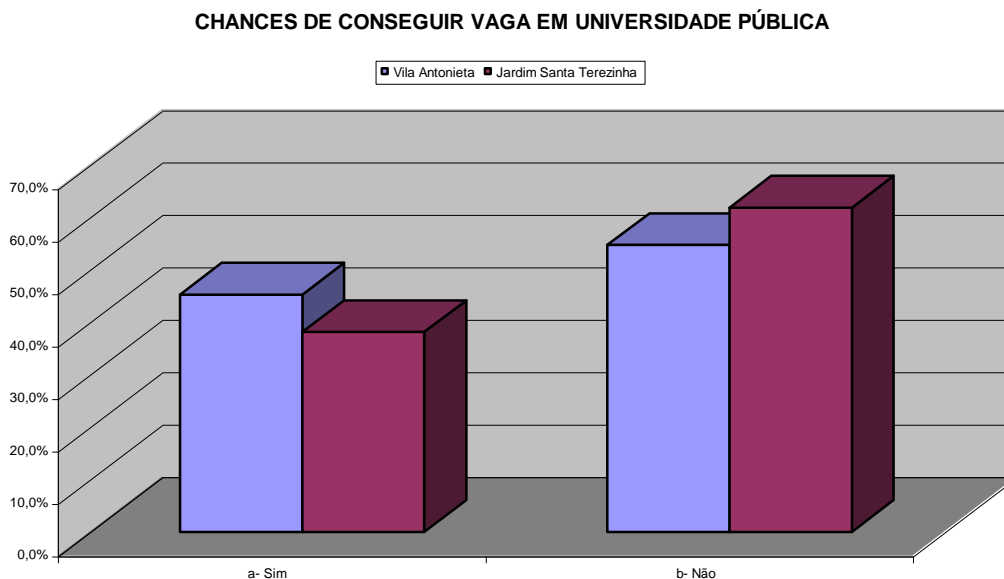
Sobre o motivo da escolha entre uma faculdade e uma escola técnica, 61,4% dos pesquisados optariam por uma faculdade pela melhor qualificação para o trabalho. Na Vila Antonieta, 62,6% assinalaram essa resposta. A opção “a facilidade e rapidez em conseguir um emprego que um curso técnico pode proporcionar”, como justificativa para a preferência por uma escola técnica, teve 37,4% das respostas nesse bairro, conforme o gráfico *Motivo da escolha entre faculdade e escola técnica*.



No Jardim Santa Terezinha, para 43,3% dos pesquisados, a suposta rapidez em conseguir um emprego que um curso técnico poderia oferecer é decisiva na opção entre uma escola técnica e uma faculdade, mas, para 56,7%, a preferência recai sobre uma faculdade, pela melhor qualificação para o trabalho. Mais uma vez, a renda familiar mais baixa e a conseqüente maior necessidade de trabalhar podem ser a justificativa para o maior percentual de escolhas por curso técnico nesse bairro do que na Vila Antonieta (37,4%).

Na proposta de Gramsci, a escola unitária seria articulada à universidade. No Brasil, o acesso à universidade pública é restrito aos mais preparados para a seleção do vestibular. A maioria dos pesquisados – 56,2% – não acreditava ter chances reais de conseguir uma vaga em uma dessas universidades. No Jardim Santa Terezinha, esse percentual sobe para 61,9% e, na Vila Antonieta é de 54,7%, conforme o gráfico *Chances de conseguir vaga em universidade pública*.



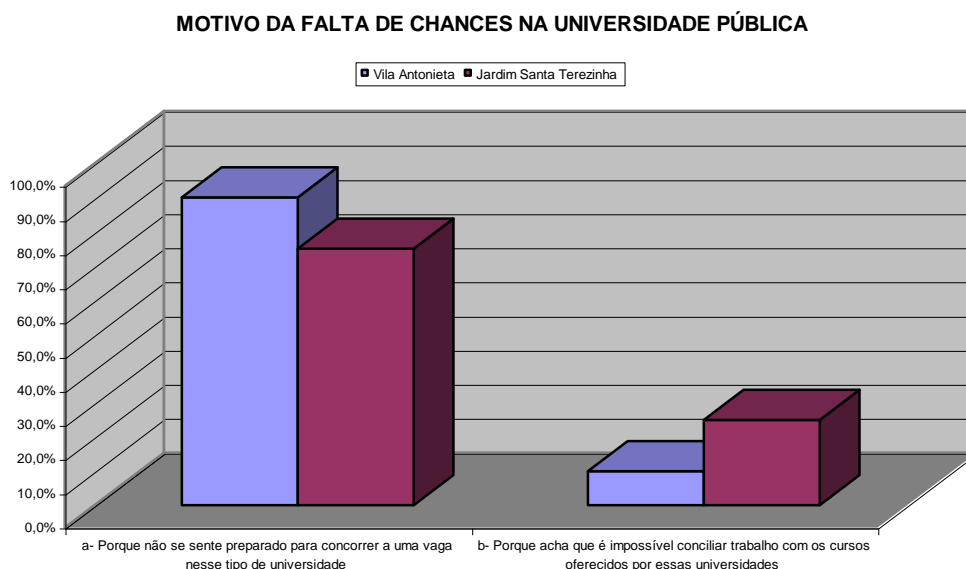


A visão do novo talento aqui pesquisado sobre suas chances de conseguir uma vaga em universidade pública não desmente a realidade dessa instituição. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001, de cada 10 alunos da universidade pública, 6 pertencem à camada mais rica da população. Isso significa que a renda familiar *per capita* de 59,9% dos alunos das instituições públicas os coloca entre os 20% mais ricos.<sup>95</sup> Quando consideradas também as instituições privadas, o elitismo permanece: “Segundo a PNAD de 1999, os 20% mais ricos ocupavam 71% do total de vagas de instituições públicas e privadas”<sup>96</sup>.

Entre os 56,2% que responderam não acreditar ter chances de conseguir uma vaga em universidade pública, 86,6% justificaram-se com a alternativa “porque não se sente preparado para concorrer a uma vaga nesse tipo de universidade”. Na Vila Antonieta, esse percentual sobe para 90,1%; no Jardim Santa Terezinha, cai para 75%. A alternativa referente à impossibilidade de conciliar trabalho com os cursos oferecidos por universidades públicas teve 25% das respostas no Jardim Santa Terezinha, percentual significativamente maior que o da Vila Antonieta: 9,9%, conforme o gráfico *Motivo da falta de chances na universidade pública*.

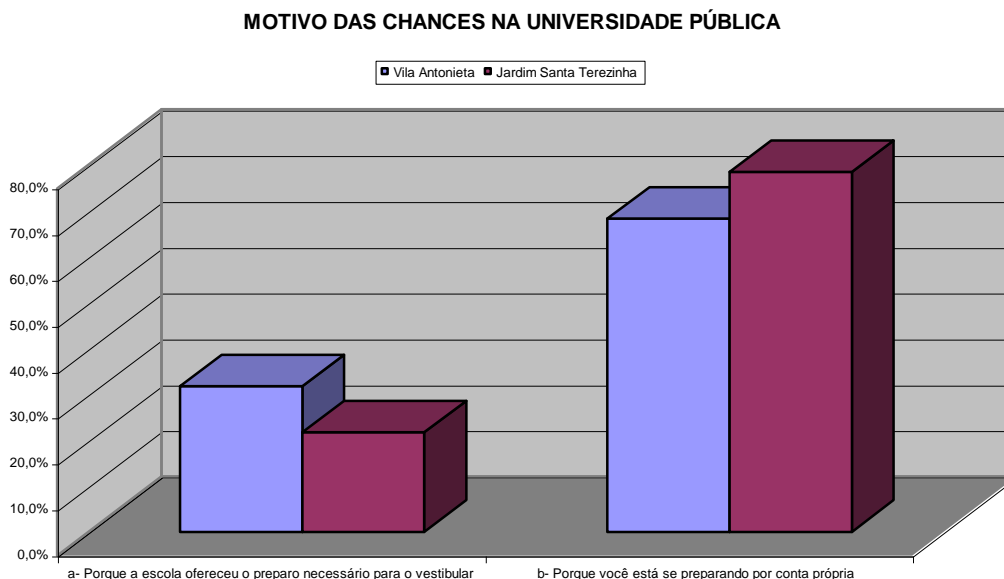
<sup>95</sup> “Número de faculdades privadas cresce 45%.” *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-1, 3 de agosto de 2003.

<sup>96</sup> *Idem*.



A preocupação com a necessidade de trabalhar é notoriamente maior no Jardim Santa Terezinha que na Vila Antonieta. O percentual de jovens que não se sentem preparados para o vestibular, porém, é significativo nos dois bairros, o que mostra a importância do despreparo como óbice ao ingresso do novo talento na universidade pública. Entre os 43,8% dos pesquisados que acreditam ter chances de entrar em uma, 86,6% afirmaram estar se preparando por conta própria.

Conforme o gráfico *Motivo das chances na universidade pública*, no Jardim Santa Terezinha, 21,6% dos pesquisados que acreditam tê-las responderam que a escola ofereceu o preparo necessário para o vestibular. Na Vila Antonieta, esse percentual sobe para 31,7%.



Apesar de a Vila Antonieta apresentar uma proporção maior de alunos que consideram seu preparo escolar suficiente para enfrentar o vestibular, o percentual de pesquisados que vêm nesse preparo uma vantagem competitiva na disputa por uma vaga na universidade pública é baixo nos dois bairros. Assim, para o novo talento, o vestibular deve estar entre as prioridades da escola de nível médio.

Bueno apresenta o depoimento de uma das responsáveis pela direção de uma escola particular de uma cidade média sobre o objetivo da instituição escolar de nível médio. Nessa escola, onde o objetivo central é o exame vestibular, se desenvolvem metodologias de:

“(…) características construtivistas, o currículo sendo cumprido através de material apostilado, os conteúdos desenvolvidos por meio de aulas expositivas, utilizando também recursos audiovisuais na resolução de exercícios em sala de aula, bem como de tarefas complementares e livros de apoio para o estudo em casa.” (BUENO, 2002, p. 193)

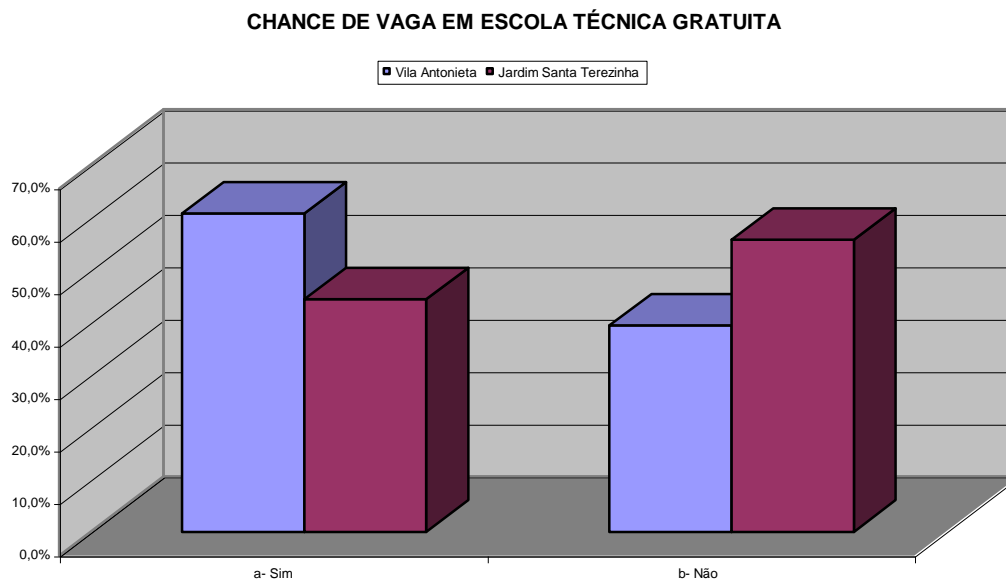
Esse testemunho contrasta com o da vice-diretora de uma escola pública da periferia da mesma cidade, que entende que o principal objetivo da escola é a inserção dos alunos mercado de trabalho (BUENO, 2002, p. 193). Mas tanto o vestibular quanto a inserção no mercado de trabalho são importantes para o novo talento. O problema maior desse contraste – entre o objetivo da escola pública e da particular – está no que Gramsci identificou como a “predeterminação do destino do aluno”. (GRAMSCI, 1968, p. 118) Se a escola pública não for

instrumento para a continuidade dos estudos do alunado, a desvantagem na construção da carreira concorrerá para que sua atividade futura seja mais precária que a dos alunos das escolas particulares.

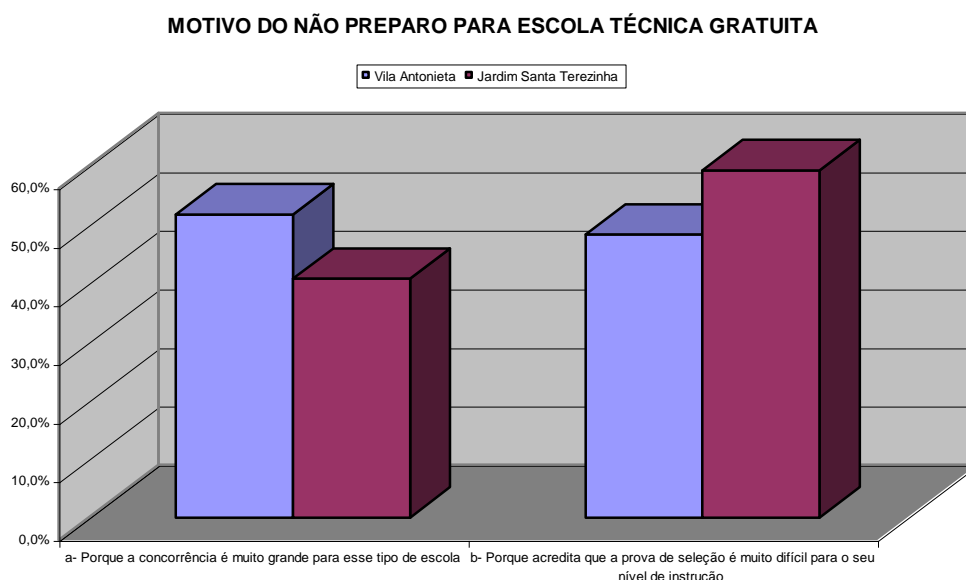
A crítica de Gramsci à predeterminação da futura atividade do aluno dirige-se às escolas profissionais especializadas italianas. (GRAMSCI, 1968, p. 118) Para ele, “a divisão fundamental da escola em clássica e profissional era um esquema racional: a escola profissional destinava-se às classes instrumentais, ao passo que a clássica destinava-se às classes dominantes e aos intelectuais”. (GRAMSCI, 1968, p. 118) Após o desenvolvimento da base industrial, ao lado da escola clássica, surgiu a escola técnica, que era profissional, mas não manual. Na proposta de Gramsci, a orientação deveria ser a “escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa”. (GRAMSCI, 1968, p. 118)

No Brasil, o ensino técnico derivou das escolas de artes e ofícios, cuja finalidade era “educar, pelo trabalho, os órfãos, pobres e desvalidos da sorte, retirando-os da rua”. (KUENZER, 2000, p. 27) A predestinação do aluno, de que fala Gramsci, é identificada por Kuenzer na “dualidade estrutural” (KUENZER, 2000, p. 28) do ensino médio brasileiro. E a superação dessa dualidade, que prepara alguns para as funções de dirigente e outros para o mundo do trabalho (KUENZER, 2000, p. 29), tem sido alvo das novas determinações, “que mudariam radicalmente o eixo da educação média e profissional, caso ela fosse assegurada para todos”. (KUENZER, 2000, p. 32)

O ensino técnico de nível médio é hoje uma das opções do novo talento para a continuidade dos estudos. Na pergunta sobre a preparação para a concorrência por uma vaga em uma escola técnica gratuita, 57,3% dos pesquisados responderam sentir-se preparados. Pelo gráfico *Chance de vaga em escola técnica gratuita*, esse percentual cai para 44,3% no Jardim Santa Terezinha e sobe para 60,7% na Vila Antonieta.

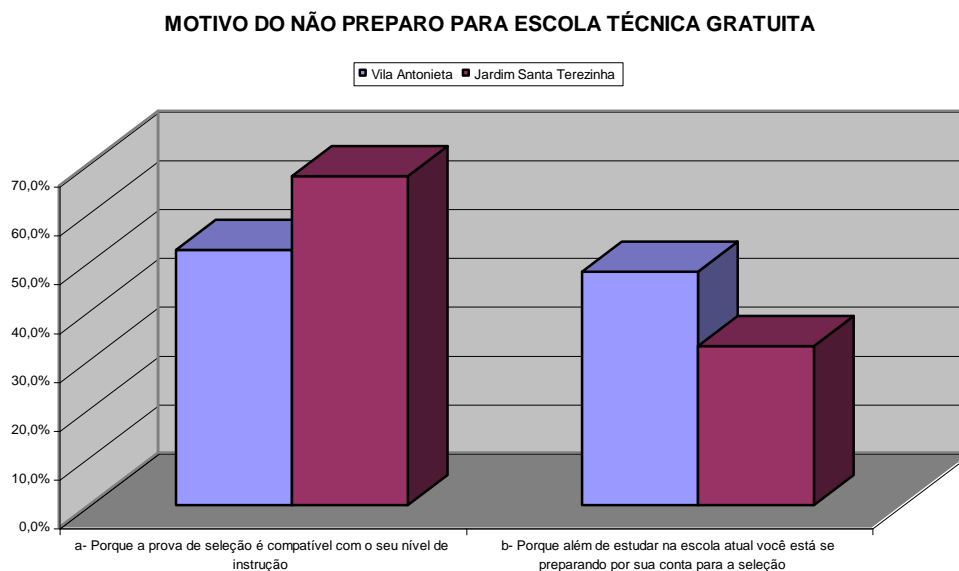


No Jardim Santa Terezinha, entre os 55,7% que não se sentiam preparados para concorrer a uma vaga nessas escolas, 59,3% justificaram-se com “porque acredita que a prova de seleção é muito difícil para o seu nível de instrução” e 40,7% com “porque a concorrência é muito grande para esse tipo de escola”. Na Vila Antonieta, dos 39,3% que responderam não estar preparados, respectivamente 48,3% e 51,7% assinalaram essas justificativas, de acordo com o gráfico *Motivo do não preparo para escola técnica gratuita*.



Entre os 44,3% do Jardim Santa Terezinha que se sentiam preparados para concorrer a uma vaga em uma escola técnica gratuita, 67,4% afirmaram

acreditar que a prova é compatível com seu nível de instrução e 32,6% alegaram estar se preparando para a seleção por conta própria. Na Vila Antonieta, entre os 60,7% que se sentiam preparados, respectivamente 52,2% e 47,8% assinalaram essas opções, conforme o gráfico *Motivo do não preparo para escola técnica gratuita*.

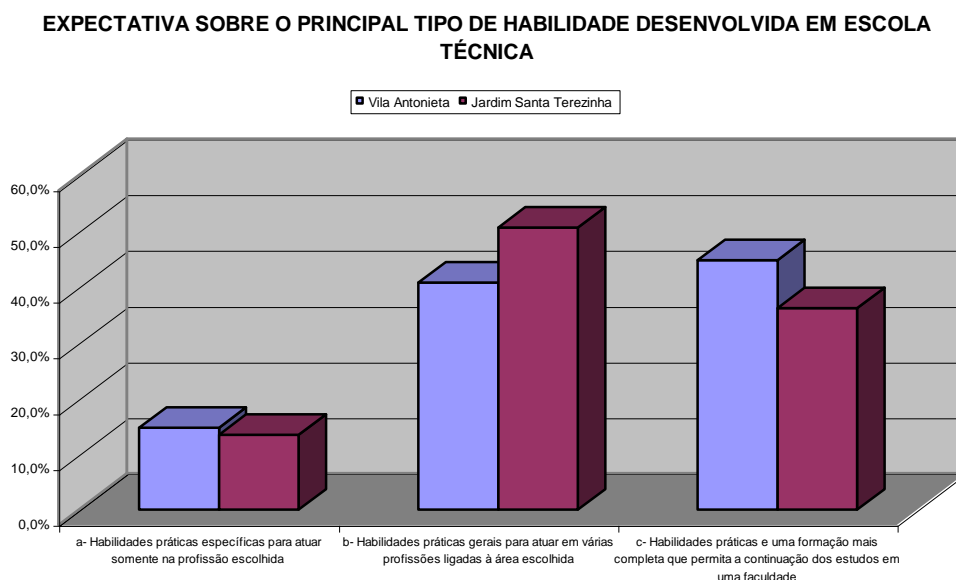


As respostas às questões sobre a seleção em escolas técnicas gratuitas revelam que – tal como a universidade pública – esse tipo de educação não é acessível a todos os pesquisados: 42,7% deles não se sentem preparados para enfrentar a concorrência por vagas nessas escolas e, entre os 57,3% que se sentem aptos, 45,3% estão se preparando por conta própria. Assim, para boa parte dos pesquisados, a formação oferecida pela escola média regular não garante a continuidade dos estudos em escola técnica gratuita.

Para o novo talento, a opção por uma escola técnica não necessariamente exclui a possibilidade de continuidade dos estudos numa faculdade: 42,9% dos pesquisados responderam que, no caso da opção por uma dessas escolas, esperavam desenvolver, além de habilidades práticas, uma formação mais completa, que lhes permitisse prosseguir os estudos em uma faculdade. Esses percentuais são 36,1% no Jardim Santa Terezinha e 44,7% na Vila Antonieta.

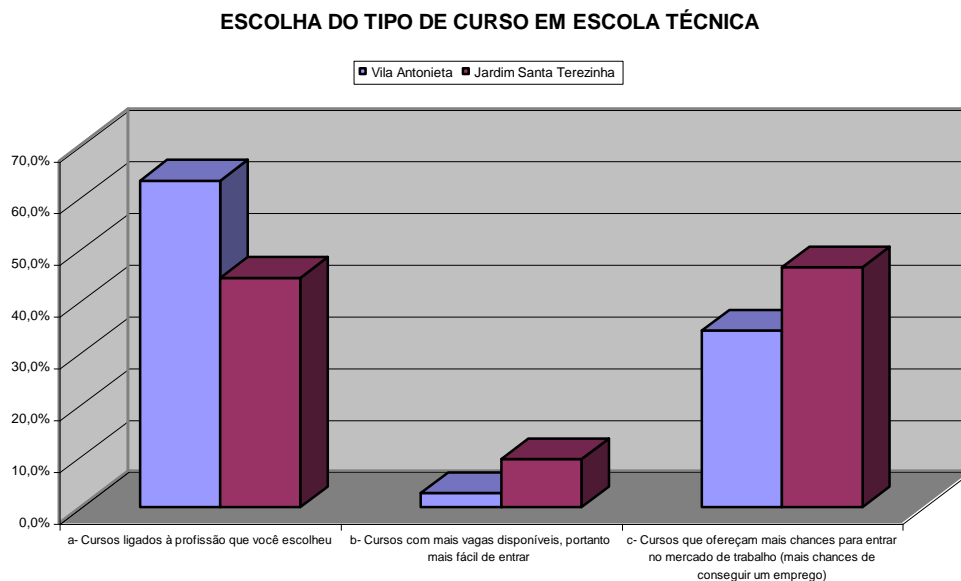
No Jardim Santa Terezinha, a maior preocupação com a profissionalização aparece na resposta sobre as expectativas de habilidades a serem desenvolvidas na escola técnica: 50,5% esperam desenvolver “habilidades práticas gerais para

atuar em várias profissões da área escolhida”. Na Vila Antonieta, essa alternativa foi escolhida por 40,7%. A opção “habilidades práticas específicas para atuar somente na profissão escolhida” teve 14,6% das respostas na Vila Antonieta e 13,4% no Jardim Santa Terezinha, conforme o gráfico *Expectativa sobre o principal tipo de habilidade desenvolvida em escola técnica*.



Essa questão mostra que, para boa parte dos pesquisados, a escola técnica seria uma forma de viabilizar a continuidade dos estudos em faculdade, mas a urgência da profissionalização faz com que procurem formas mais imediatas de viabilizar a atuação na profissão escolhida. Quando perguntados sobre o tipo de curso que escolheriam numa escola técnica, 59,2% optaram por “cursos ligados à profissão que você escolheu”. Na Vila Antonieta, esse percentual sobe para 63,1% e, no Jardim Santa Terezinha, cai para 44,3%.

No Jardim Santa Terezinha, 46,4% das respostas foram para “cursos que ofereçam mais chances para entrar no mercado de trabalho”, opção de 34,1% dos jovens da Vila Antonieta. A alternativa menos assinalada nos dois bairros foi a correspondente a cursos com mais vagas disponíveis, portanto, mais fáceis de entrar: 2,7% na Vila Antonieta e 9,3% no Jardim Santa Terezinha, conforme o gráfico *Escolha do tipo de curso em escola técnica*.

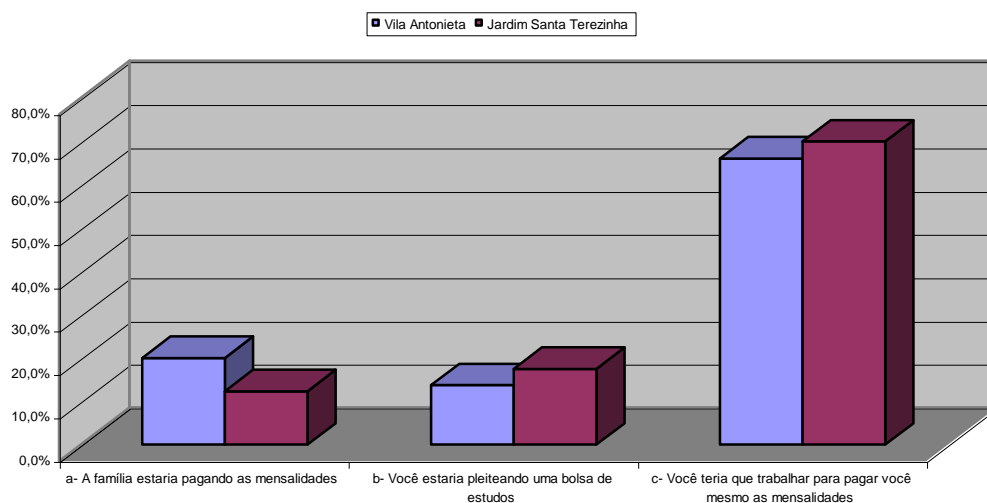


As respostas do novo talento sobre a continuidade dos estudos mostram que suas escolhas consideram, além das aptidões, a necessidade de trabalhar. Pelas várias razões que impedem parte dos pesquisados de procurar a universidade pública ou uma escola técnica gratuita, as faculdades, universidades e cursos técnicos particulares aparecem como possíveis soluções. No entanto, a baixa renda familiar faz com que a maioria dos jovens conte apenas com a renda do próprio trabalho para pagar instituições privadas de ensino.

No caso da opção por essas instituições, 67% dos pesquisados responderam que pagariam os estudos com o dinheiro do próprio trabalho. Essa alternativa foi assinalada por 70,1% no Jardim Santa Terezinha e 66,1% na Vila Antonieta. A resposta “a família pagaria as mensalidades” teve apenas 12,4% no primeiro bairro e 20,1% no segundo. “Você pleitearia uma bolsa de estudos” teve respectivamente 17,5% e 13,8%, conforme o gráfico *Recursos financeiros para cursar uma universidade privada ou curso técnico pago*.



**RECURSOS FINANCEIROS PARA CURSAR UMA UNIVERSIDADE PRIVADA OU CURSO TÉCNICO PAGO**



Considerando a oferta de vagas, a continuidade dos estudos do novo talento é mais viável numa instituição privada de ensino superior do que numa pública. Entre 1993 e 2001, as vagas nas universidades públicas cresceram 44%, contra 122% nas privadas<sup>97</sup>. Por outro lado, os recursos financeiros tornam a reverter essa expectativa. Em todo o país, registram-se crescentes índices de evasão e inadimplência nessas instituições. Há casos em que a inadimplência subiu de 15% para 30% do segundo semestre de 2002 para o primeiro de 2003<sup>98</sup>.

De acordo com os resultados da pesquisa, a continuidade do investimento em educação do novo talento é severamente crítica. Mesmo com a clara intenção de continuar estudando, a realidade mostra que boa parte dos pesquisados enfrenta sérias dificuldades para concretizá-la. Além da baixa renda familiar, é notória a falta de confiança de boa parte desses jovens na preparação obtida no nível educacional médio, o que provavelmente influi na avaliação que fazem da escola.

<sup>97</sup> Fontes: MEC/Inep/Semesp/Hoper Consultoria. "Dívidas e evasão crescem na rede privada". *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-1, 23 de agosto de 2003.

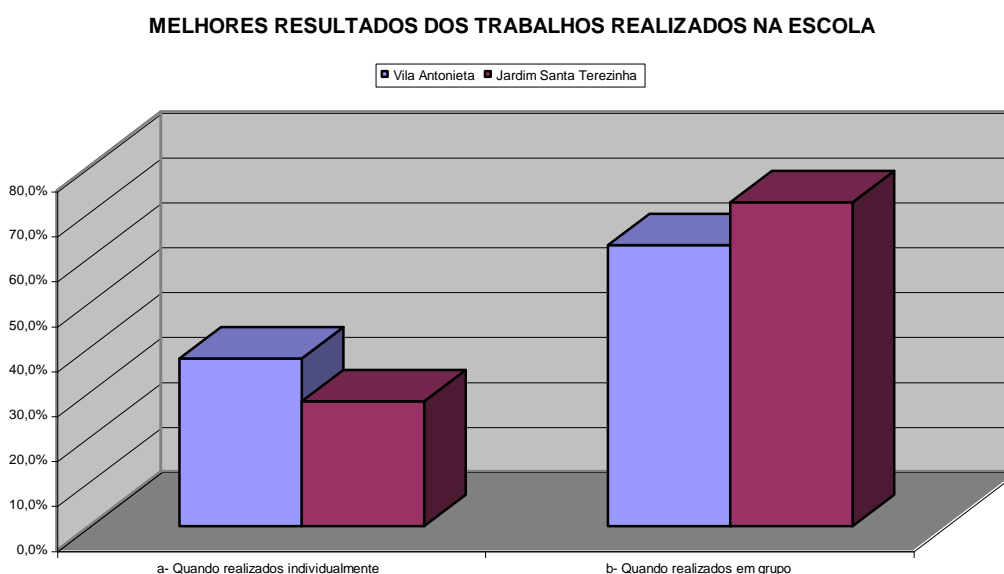
<sup>98</sup> "Dívidas e evasão crescem na rede privada". *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-1, de 23 de agosto de 2003.

#### 6.4- Avaliação da escola pelo novo talento

A capacidade trabalhar em equipe certamente está entre as que devem ser desenvolvidas para facilitar a colocação no mercado, pois nas atuais formas de organização “tem havido uma ênfase renovada no trabalho de equipe e na flexibilidade do trabalho e das tarefas”. (CARLSON e APPLE, 2000, p. 19)

O novo talento da Zona Leste parece aceitar bem o trabalho em equipe proposto em atividades escolares. 64,6% das respostas sobre os melhores resultados de trabalhos realizados na escola foram para “quando realizados em grupo”. O alto percentual dessa opção é muito importante, pois, “se uma das funções da escola é preparar para o mercado de trabalho, a formação do aluno deve prever não apenas conteúdo mas também atitudes”<sup>99</sup>.

Conforme o gráfico *Melhores resultados dos trabalhos realizados na escola*, o percentual de alunos no Jardim Santa Terezinha que reputa os trabalhos individuais melhores que os coletivos é 27,8%. Na Vila Antonieta esse percentual sobe para 37,4%.



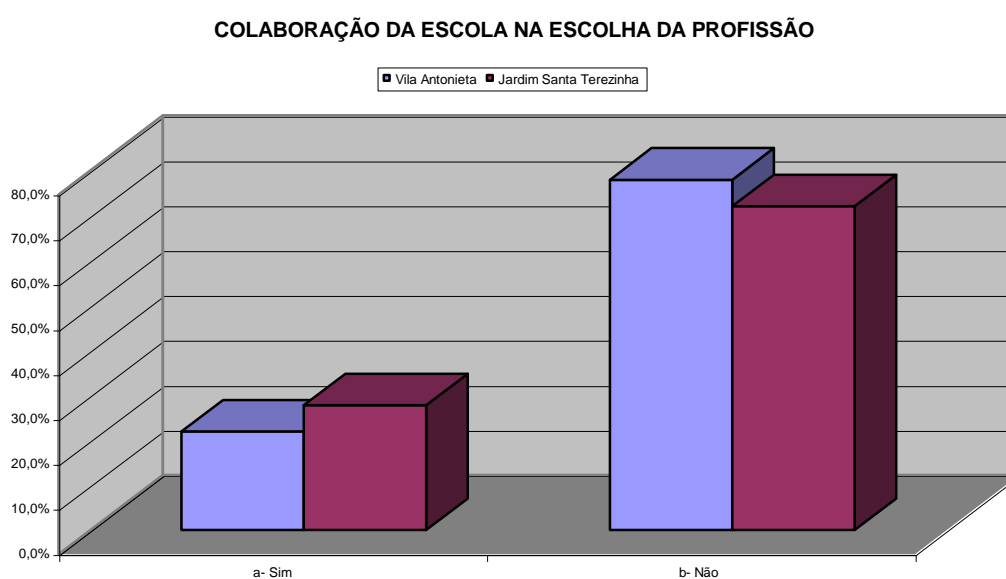
No Jardim Santa Terezinha, o percentual de pesquisados que avalia os trabalhos realizados em grupo como mais eficientes é maior que na Vila Antonieta: 72,2% contra 62,6%. Essa preferência talvez tenha explicação no

<sup>99</sup> Gilberto Dimenstein – “180 mil jovens não conseguiram ocupar 872 empregos”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-10, 6 de julho de 2003.

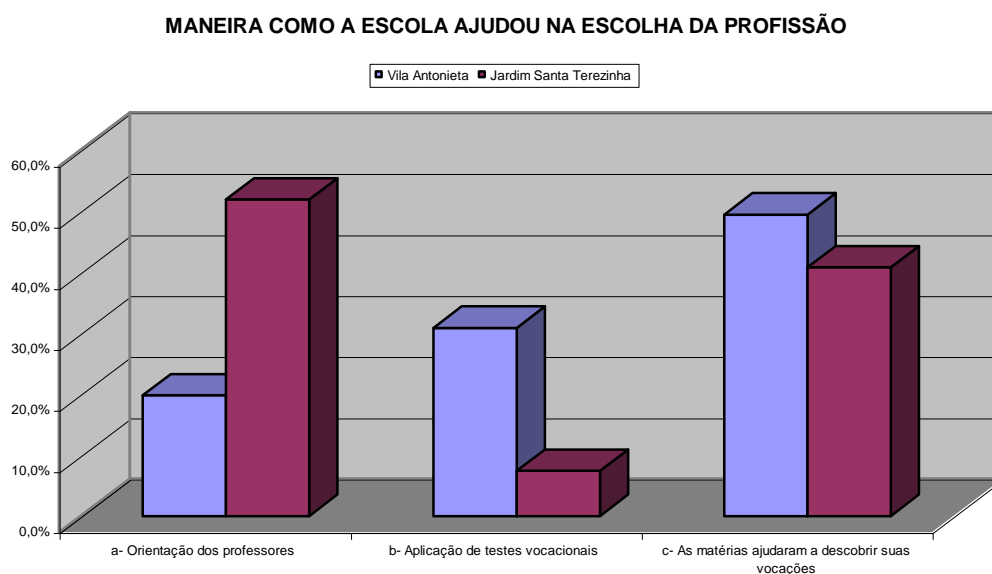
“fundamento do trabalho, da atividade teórico-prática do homem” (GRAMSCI, 1968, p. 130), capaz de criar elementos educacionais, que podem ser considerados mais acessíveis ao novo talento do Jardim Santa Terezinha, em função do maior número de pesquisados que estavam trabalhando na época da pesquisa.

Para Gramsci, o trabalho é um dos instrumentos do processo educativo. Aceitando a “fábrica como modelo de organização ‘eficiente’” (CARLSON e APPLE, 2000, p. 18), Gramsci via a produção industrial como um elemento educativo e entendia que “o conceito e o fato do trabalho (da atividade teórico-prática) é o princípio educativo imanente à escola elementar”. (GRAMSCI, 1968, p. 130).

Sem desconsiderar a contribuição do trabalho no processo educativo, a escola tem importância fundamental nas escolhas profissionais dos alunos. No projeto de escola unitária, “através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo”. (GRAMSCI, 1968, p. 118) Na visão da maior parte dos jovens pesquisados, a orientação profissional proposta por Gramsci não acontece efetivamente na escola pública. Quando perguntados sobre a ajuda da escola na escolha da profissão, 76,8% negaram-na: 72,2% do Jardim Santa Terezinha e 78% na Vila Antonieta, conforme o gráfico *Colaboração da escola na escolha da profissão*.



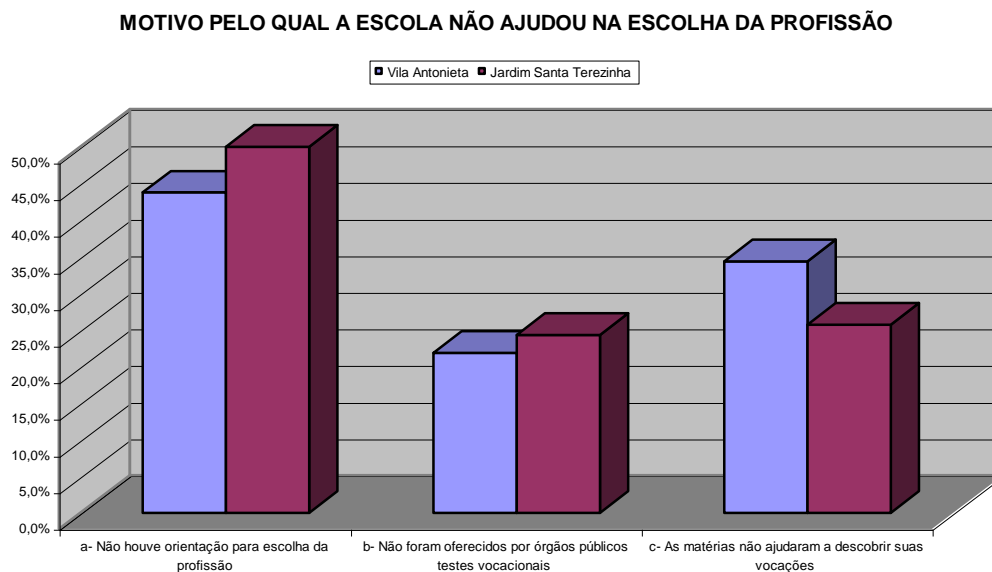
No Jardim Santa Terezinha, entre os 27,8% que admitiram que a escola ajudou na escolha da profissão, a maioria – 51,9% – identificou a ajuda na “orientação dos professores”. Na Vila Antonieta, essa relação é de 19,8% entre 22% para a mesma alternativa. A “aplicação de testes vocacionais” teve 30,9% das escolhas na Vila Antonieta, e apenas 7,4% no Jardim Santa Terezinha. Para “as matérias ajudaram a descobrir suas vocações”, respectivamente 49,4% e 40,7%, conforme o gráfico *Maneira como a escola ajudou na escolha da profissão*.



Essa pergunta mostra que o uso de testes vocacionais na orientação profissional no Jardim Santa Terezinha é muito mais restrita que na Vila Antonieta. Por outro lado, a orientação dos professores é inversamente significativa, o que pode ter importância fundamental para o novo talento. Para Gramsci, é preciso existir “unidade entre escola e vida”, o que leva à unidade entre “instrução e educação”. Na escola, “o nexu instrução-educação só pode ser representado pelo trabalho vivo do professor”. (GRAMSCI, 1968, p. 131)

Entre os 72,2% do Jardim Santa Terezinha que acreditam que a escola não tenha ajudado na escolha da profissão, 50% afirmaram que “não houve orientação para a escolha da profissão”; na Vila Antonieta, 43,8% de 78% responderam da mesma forma. No primeiro bairro, a opção “não foram oferecidos por órgãos públicos testes vocacionais” teve 24,3% das escolhas; no segundo, 21,9%. A opção “as matérias não ajudaram a descobrir suas vocações” teve

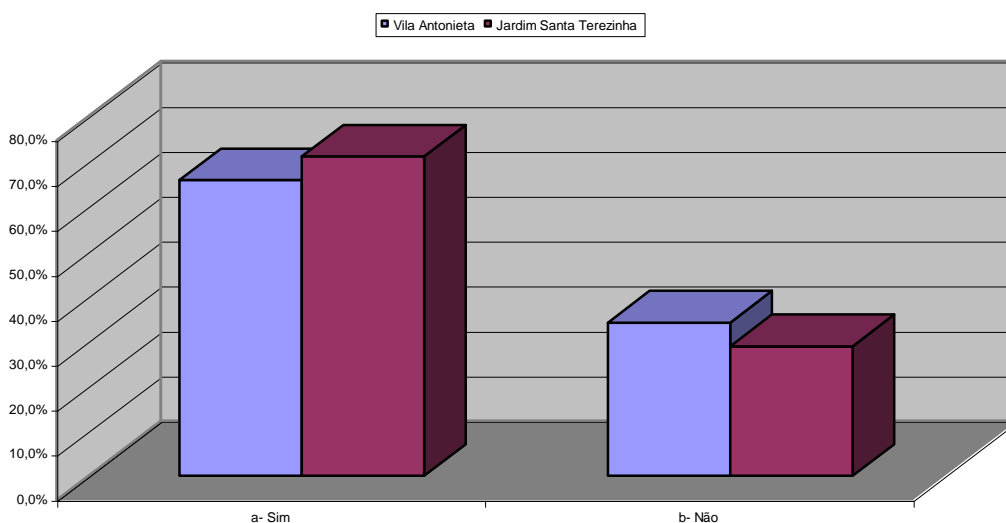
25,7% das respostas no Jardim Santa Terezinha e 34,4% na Vila Antonieta, conforme o gráfico *Motivo pelo qual a escola não ajudou na escolha da profissão*.



Além da necessidade de orientação quanto às escolhas profissionais, as escolas pesquisadas lidam com várias outras expectativas dos alunos referentes à qualidade da educação. Essa suposta qualidade cobrada das escolas poderia estar comprometida, entre outros fatores, pelo contexto onde uma quantidade considerável de alunos enfrenta o desafio de conciliar os estudos com o trabalho: 44% dos pesquisados estavam trabalhando na época da pesquisa. Por outro lado, 67% acreditam ser possível exercer essas duas atividades sem perda de qualidade em nenhuma delas.

De acordo com o gráfico *Possibilidade de conciliar estudo e trabalho sem perda de qualidade*, o percentual de respostas afirmativas à questão sobre a viabilidade de estudar e trabalhar sem comprometer a qualidade de nenhuma dessas atividades foi de 71,1% no Jardim Santa Terezinha e 65,9% na Vila Antonieta. A negativa foi escolhida por 28,9% dos jovens do primeiro bairro e 34,1% do segundo.

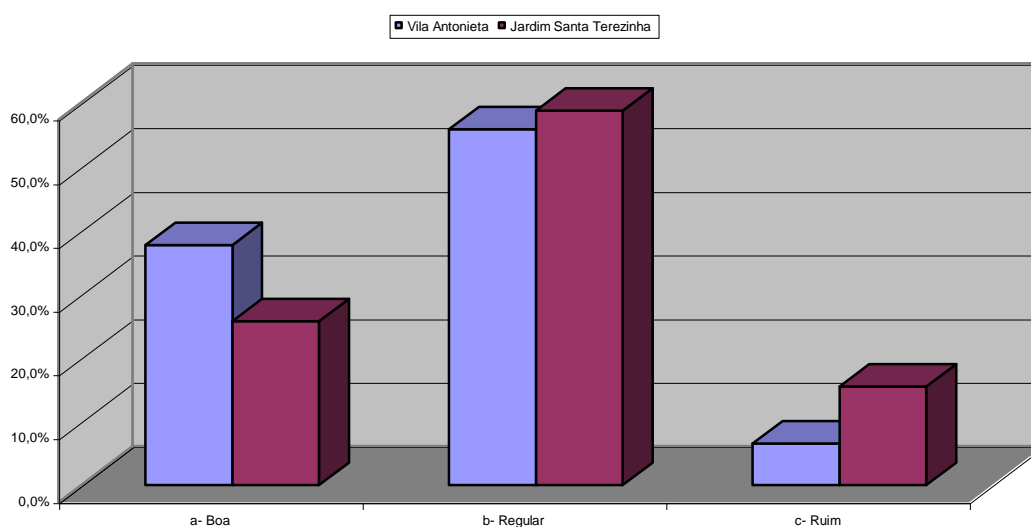
### POSSIBILIDADE DE CONCILIAR ESTUDO E TRABALHO SEM PERDA DE QUALIDADE



Portanto, na avaliação do novo talento, os problemas relacionados à qualidade da educação escolar não seriam resultado da simultaneidade entre trabalho e escola, o que depende do esforço pessoal do aluno. Ao avaliar a escola de modo geral, a maioria – 56,4% – escolheu a alternativa “regular”.

Conforme o gráfico *Avaliação da escola*, 25,8% dos pesquisados do Jardim Santa Terezinha e 37,7% da Vila Antonieta reputaram-na “boa”. As alternativas “regular” e “ruim” foram assinaladas respectivamente por 58,8% e 15,5% no primeiro bairro, e 55,8% e 6,5% no segundo.

### AVALIAÇÃO DA ESCOLA



Nessa avaliação, os dois bairros apresentaram percentuais próximos na alternativa intermediária. Embora em ambos a proporção de respostas “ruim” seja baixa, uma parte maior de jovens do Jardim Santa Terezinha avalia sua escola de forma negativa, e na Vila Antonieta, uma parte maior a avalia de forma positiva.

O novo talento do Jardim Santa Terezinha tem uma imagem mais pessimista da escola que o da Vila Antonieta. A imagem que o aluno tem da escola provavelmente influi no seu aproveitamento dos recursos oferecidos pela instituição. O trecho do depoimento escrito de um concluinte de uma escola pública é ilustrativo:

“Já é um condicionamento considerar o ensino fraco e direcionar o sucesso para cursinhos e fazer a necessidade do dinheiro. O que falta é confiança em si mesmo. O que falta é coragem nos jovens para fazer com que eles se arrependam de colocar bibliotecas a nosso dispor...”  
(sic) (BUENO, 2002, p. 194)

Esse depoimento revela o que Bueno chama de “ceticismo”. (BUENO, 2002, p. 194) Para os estudantes de escolas públicas, não é fácil ser otimista em relação à escola, devido à imagem que a própria sociedade tem desse tipo de instituição. Entre os próprios professores essa imagem nem sempre é otimista. “Se pudessem, 69,9% dos docentes da rede municipal e 58,9% da estadual escolheriam escolas particulares” para matricular seus filhos.<sup>100</sup> Dessa forma, para o novo talento, o enfrentamento dos problemas da educação depende, além da dedicação aos estudos, da formação de uma visão de mundo que lhe permita aproveitar as oportunidades oferecidas pela escola. Essa visão provavelmente reflete a imagem que o novo talento tem de si mesmo e do próprio futuro.

### **6.5- A imagem do futuro do novo talento**

A conclusão do ensino médio e a entrada no mundo do trabalho poderiam ser símbolos da passagem do jovem para a condição social de adulto. Para o novo talento da Zona Leste, porém, talvez seja mais sensato considerar que

---

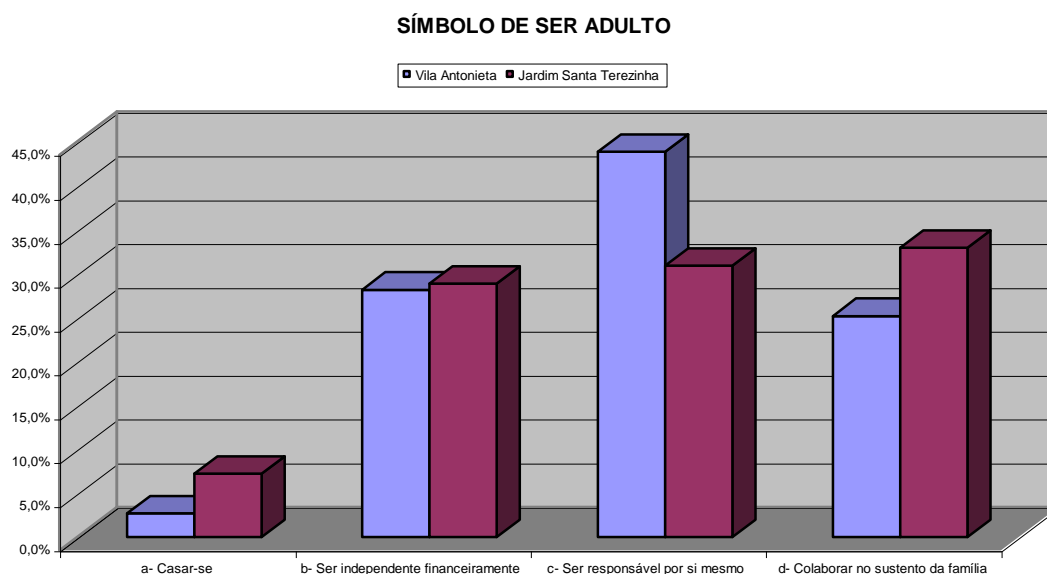
<sup>100</sup> Fonte: João Batista Filho e Simon Schwartzman. “Professor prefere filho na rede privada”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, p. C-3, 30 de março de 2002.

existem “modalidades de entrada na vida adulta”. (MACHADO PAIS, 1996, p. 262)

Sobre o que representa ser ou tornar-se adulto, a alternativa mais escolhida (33%) no Jardim Santa Terezinha foi “colaborar no sustento da família”, que teve o percentual de 25,2% das respostas na Vila Antonieta. “Ser responsável por si mesmo” foi resposta mais freqüente na Vila Antonieta (43,9%), com 30,9% das escolhas no Jardim Santa Terezinha.

Essa diferença entre os percentuais mostra que, para grande parte dos pesquisados do Jardim Santa Terezinha, ser adulto se relaciona diretamente com a participação na renda familiar. Embora na Vila Antonieta o percentual dessa resposta também seja significativo, o símbolo maior da transição para a vida adulta para os jovens desse bairro é a responsabilidade por si mesmos.

A resposta relativa à independência financeira foi assinalada por 28,2% dos pesquisados da Vila Antonieta e 28,9% do Jardim Santa Terezinha. “Casar-se” teve respectivamente 2,7% e 7,2% das respostas, conforme o gráfico *Símbolo de ser adulto*.

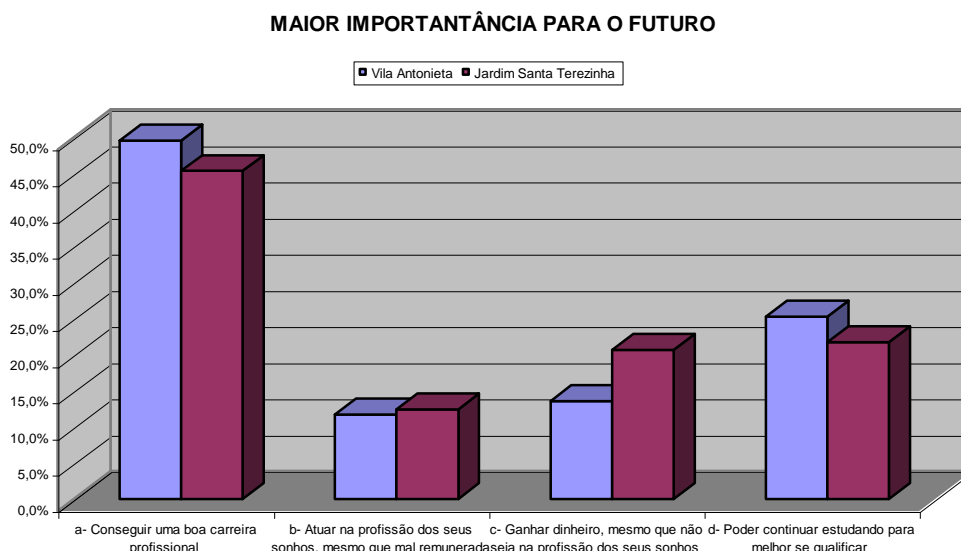


A grande variação das respostas à questão acima ilustra as inúmeras representações do novo talento sobre o que significa ser adulto. A alternativa menos assinalada – “casar-se” – pode ser um símbolo das “rupturas bruscas em diferentes culturas e modos de pensar que atingem a juventude, implicando



predomínio da incerteza e insegurança no cumprimento tanto da condição de vida atual quanto de projetos futuros”. (POCHMANN, 2000, p. 11)

Entre os projetos futuros, 48,7% dos pesquisados elegeram como o mais importante “conseguir uma boa carreira profissional”. Essa opção foi assinalada por 45,4% no Jardim Santa Terezinha e 49,6% na Vila Antonieta, pelo gráfico *Maior importância para o futuro*.



A segunda alternativa mais assinalada nos dois bairros foi “poder continuar estudando para melhor se qualificar”, com 21,6% das escolhas no Jardim Santa Terezinha e 25,2% na Vila Antonieta. “Atuar na profissão dos seus sonhos mesmo que mal remunerada” teve respectivamente 12,4% e 11,7% das respostas.

O contraste maior sobre o que é mais importante para o futuro do novo talento aparece na opção “ganhar dinheiro, mesmo que não seja na profissão dos seus sonhos”. Enquanto na Vila Antonieta essa alternativa teve apenas 13,6% das respostas, no Jardim Santa Terezinha esse percentual sobe para 20,6%.

Pode-se considerar que, “em parte, a perspectiva dos jovens hoje reflete as condições gerais em que se encontram as famílias”. (POCHMANN, 2000, p. 11) O contraste acima provavelmente é reflexo das diferentes condições econômicas das famílias dos pesquisados dos dois bairros. Assim, na expectativa do futuro, o trabalho é uma perspectiva de viabilização dos projetos do novo talento.

## 7- Considerações finais

### Formação pré-empresa, escolhas profissionais e visão de mundo

O estudo da *formação pré-empresa* sob a perspectiva do ensino médio concorre para a consolidação da importância dessa etapa da formação básica, não apenas para as empresas. Os efeitos da *formação para o trabalho e possibilidade de continuidade dos estudos* contidos na proposta de *formação geral* desse nível de ensino são de extrema relevância para o novo talento da Zona Leste de São Paulo.

Neste trabalho, foi possível perceber que essa relevância – da formação geral – tem reflexos também na produtividade das organizações, afinal, calcula-se que, no Brasil, as “perdas invisíveis” provocadas pela queda na produtividade do trabalho decorrente do analfabetismo funcional cheguem US\$ 6 bilhões<sup>101</sup>. Portanto, a excelência da formação pré-empresa teria efeitos sobre dois eixos da sociedade. De um lado, as empresas, que precisam dela para garantir a parte da sua produtividade decorrente da formação educacional do seu capital humano e, de outro, o novo talento, que depende dessa excelência para compor a parte do seu próprio capital formada pela educação, pois, “os valores produtivos da instrução constituem, de imediato, um investimento em futuras capacidades de criar e receber rendimentos”. (SCHULTZ, 1973b, p. 54)

O investimento do novo talento da Zona Leste em “futuras capacidades” concentra-se principalmente na escola pública de ensino médio. Segundo a hipótese aqui levantada, esse tipo de educação concorreria para a visão da sociedade e dos próprios alunos de que as vagas em universidades públicas e nos trabalhos mais promissores seriam restritas às camadas privilegiadas da população. De acordo com essa hipótese, a escola pública contribuiria com a formação de um estigma social que restringiria as opções dos alunos na busca de acesso a essas vagas. Entretanto, a complexidade do contexto analisado mostra que confirmar ou negar essa hipótese seria simplificador e arriscado.

A realidade social estudada revelou diferenças substantivas entre dois bairros que são praticamente vizinhos, e entre escolas que teoricamente atendem

---

<sup>101</sup> “As ‘perdas invisíveis’ provocadas pelo analfabetismo funcional nas empresas.” Jornal *Valor Econômico*, 23 de abril de 2002.

o mesmo público – alunos de classe média-baixa. E os resultados da pesquisa revelaram o risco de se tratar os jovens pesquisados como um grupo homogêneo. Há fortes nuances, sensíveis diferenças, entre os bairros pesquisados. A diversidade de ambições profissionais é um exemplo inequívoco desse contraste: os cargos ligados à administração, que correspondem ao tipo de cargo mais procurado pelos jovens da Vila Antonieta, teriam 10% a mais de candidatos nesse bairro do que no Jardim Santa Terezinha; já os ligados à produção industrial teriam 13,6% a menos.

Na análise isolada de cada uma das escolas essas nuances também apareceriam, mesmo que sutilmente, indicando contrastes no interior dos próprios bairros. Na Vila Antonieta, a renda familiar, o tipo de trabalho dos pesquisados – na indústria, no comércio ou na prestação de serviços – indicam dessemelhanças. A faixa de renda dos alunos da escola Caramuru é mais baixa que a dos alunos da Moacyr Campos. O tipo de trabalho, tanto o atual quanto o anterior, apontaria um percentual maior de pesquisados da Caramuru trabalhando na indústria e no comércio e, na Moacyr Campos, na prestação de serviços.

Entretanto, os resultados apresentam pistas que permitem, se não confirmar ou negar, verificar a validade da hipótese. Sobre a possibilidade de procurar emprego em empresas promissoras, por exemplo, os 88,4% de respostas positivas apontariam para negação da hipótese, que pressupõe que os jovens pesquisados não se arriscariam nessa busca. A pergunta seguinte, porém, poderia sugerir sua confirmação, pois 51,5% dos que procurariam esse tipo de emprego acham que vale a pena tentar, mesmo sem chances de êxito, ou seja, sentem-se estigmatizados no momento de concretizar a procura.

O mesmo acontece com a vaga na universidade pública. Entre os 89,1% que pretendiam continuar estudando, 38,2% assinalaram “tentando uma vaga na universidade pública” – resposta mais freqüente. Por outro lado, à pergunta sobre as chances reais de conseguir uma vaga nesse tipo de universidade, 54,7% responderam “não”.

A parte da hipótese que sugere que a escola, em certas circunstâncias, contribui para a baixa auto-estima dos alunos, reforçando sua situação de pobreza e exclusão social, também deve ser tratada com certo cuidado, pois, ao mesmo tempo em que 76,2% dos pesquisados entende que a escola não os ajudou na escolha da profissão, 86,9% responderam que o fato de estar

estudando aumentava as suas chances de encontrar trabalho. Entre eles, 48,1% acreditam que a escola ajuda a preparar o aluno para enfrentar a concorrência no mercado de trabalho.

Mesmo sem a definitiva confirmação ou negação da hipótese levantada, a pesquisa traz subsídios que reforçam a importância da formação pré-empresa do novo talento da Zona Leste para a consecução de suas *escolhas profissionais*. Os dados acima mostram que essa importância é real na visão de boa parte dos pesquisados, que entendem que a escola ajuda a preparar o aluno para o mercado de trabalho. Nesse aspecto, a visão do novo talento converge com a de Gramsci: a escola deveria ter “a tarefa de inserir os jovens na atividade social”. (GRAMSCI, 1968, p. 121) Na concretização das escolhas profissionais, o domínio de certos códigos importantes para o mercado de trabalho é essencial para o novo talento.

Entre esses códigos, está a própria língua. Um ensino que qualificasse o “manejo correto dos códigos da língua materna” (FILMUS, 2002, p. 151) seria uma grande contribuição, e acrescentaria vantagem competitiva na busca de colocação no mercado, pois 24,1% dos pesquisados que já haviam participado de algum processo de seleção identificaram aí a principal barreira.

Outro desses códigos poderia ser a informática. Facilitar a busca de trabalho através da internet também seria importante, uma vez que apenas 12,9% das respostas sobre a forma de busca de trabalho apontaram o uso desse meio. Se não resultasse em vantagem competitiva, o acesso à rede na escola possibilitaria ao menos a igualdade de condições frente aos que dispõem desse recurso.

Boa parte dos pesquisados parece ter consciência da importância do domínio da informática, que responde por 53,3% das respostas sobre os cursos extra-escolares freqüentados pelos pesquisados. Outro desses códigos seria o domínio de “uma língua estrangeira” (FILMUS, 2002, p. 151), cujo aperfeiçoamento fora da escola, entretanto, parece não ser tão comum quanto o da informática, pois apenas 12,3% das escolhas foram para essa opção de curso extra-escolar.

Na formação pré-empresa, além da concretização das escolhas profissionais, é preciso que se consolide para o novo talento uma *visão de mundo* de que uma boa formação profissional não é meramente técnica, mas

principalmente intelectual. Entre os 70,6% que responderam “sim” à possibilidade de utilização prática das matérias estudadas, 33,7% associam-na a situações em que precisassem demonstrar maior desenvolvimento intelectual. A associação com situações práticas de trabalho aparece em apenas 16,1% das respostas. Isso permite a inferência de que boa parte dos pesquisados não relaciona a necessidade de demonstrar maior desenvolvimento intelectual a situações de trabalho. Nesse ponto, há que se voltar à proposta de Gramsci, construindo “uma concepção nova na qual se estabeleça a unidade entre a teoria e a prática”. (GRUPPI, 1978, p. 69)

Neste estudo, em que a visão dos jovens de classe média-baixa serviu de base para a reflexão sobre a relação educação/trabalho, foi possível perceber que, apesar de todos os problemas apresentados sobre a escola pública e o mercado de trabalho dos jovens, a vivência escolar tem grande importância para o novo talento, seja na sua *formação pré-empresa*, seja na constituição de uma *visão de mundo* que oriente a concretização das suas *escolhas profissionais*. A unidade de propósito entre a escola e o mundo do trabalho, preconizada por Gramsci, e que faz com que o “princípio unitário” tenha reflexo “em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo” (GRAMSCI, 1968, p. 125), é de certa forma um fato na vida do novo talento da Zona Leste de São Paulo. Apesar de todas as críticas e carências da educação pública que lhes é oferecida.

## 8- Referências bibliográficas

ALMEIDA, E. P. e PEREIRA, R. S. “Críticas à teoria do capital humano (uma contribuição à análise de políticas públicas em educação)”. In *Revista de Educação Pública Online*. Revista V.00, nº 15, jun/dez-2000. Publicação do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso. <[www.ufmt.br/revista/arquivo/rev15/AlmeidaPereira.html](http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev15/AlmeidaPereira.html)>

AMORIM, Maria Cristina Sanches. “Aprendizagem e conhecimento no mundo do trabalho”. In DOWBOR, Ladislau et al. (orgs.). *Desafios do Trabalho*. Petrópolis, RJ, Vozes (no prelo).

AVANCINI, Marta. “Alunos formados no período noturno são maioria”. *Jornal O Estado de S. Paulo*. <[www.estado.estadao.com.br](http://www.estado.estadao.com.br)>

ASSIS, Marisa de. “A educação e a formação profissional na encruzilhada das velhas e novas tecnologias”. In FERRETTI, Celso João et al. (orgs.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: Um debate multidisciplinar*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1984.

BÊRNI, Duílio de Ávila (org.). *Técnicas de pesquisa em economia: transformando curiosidade em conhecimento*. São Paulo, Saraiva, 2002.

BIONDI, Antônio e FREIRE, Rita. “Gestão Marcovitch – Quatro anos de isolamento e o mesmo modo de decidir”. In *Revista Adusp*, set. 2001. <[http://www.adusp.org.br/revista/23/r23\\_04a.PDF](http://www.adusp.org.br/revista/23/r23_04a.PDF)>

BLASS, Leila M. S. *A formação multicultural do trabalhador assalariado brasileiro: o invisível pertinente*. IV Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Porto, 2000.

BUENO, Maria Sylvia Simões. “Políticas inclusivas, diretrizes e práticas excludentes: o ensino médio na perspectiva da educação básica”. In ZIBAS, Dagmar; AGUIAR, Márcia; BUENO, Maria S. (orgs.) *O ensino médio e a reforma da educação básica*. Brasília, Plano Editora, 2002.

CALLIGARI, C. “A tirania da experiência”. *Jornal Folha de São Paulo*, 7 de março de 2002.

CAMPOS, Stela. “As ‘perdas invisíveis’ provocadas pelo analfabetismo funcional nas empresas”. *Jornal Valor Econômico*, 23 de abril de 2002.

CARLSON, Dennis e APPEL, Michael W. “Teoria educacional crítica em tempos incertos”. In HYPOLITO, A. M. e GANDIN, L. A. (orgs.). *Educação em Tempos de Incertezas*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

CARVALHO, Denise. “Desemprego Volta a Bater Recorde em São Paulo”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Dinheiro, 29 de janeiro de 2003.

CASE, Thomas A. e SCHER, Renato M. Castro. *O desempregado brasileiro – Edição 2003. Resultados de uma pesquisa de janeiro de 2003 com 13.607 respondentes*. São Paulo, Grupo Catho, 2003.

CEPAL. “El debate internacional sobre la educación y la formación de los recursos humanos”. In CEPAL. *Educación y conocimiento: eje de la transformación productiva con equidad*. Santiago do Chile, Cepal, 1992.

COLLUCCI, Cláudia. “Escolas privadas têm sobra de vagas em SP”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, 6 de julho de 2003.

CONSTANTINO, Luciana. “Pesquisa da Unesco quantifica desigualdade”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, 30 de abril de 2003.

CONSTANTINO, Luciana e GOIS, Antônio. “Número de faculdades privadas cresce 45%”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, 3 de agosto de 2003.

CORRÊA, Sílvia e COTES, Paloma. “Adolescentes chefiam 16,5 mil casas em SP”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, 16 de julho de 2002.

CURY, Carlos Roberto Jamil. “Políticas atuais para o ensino médio e a educação de nível técnico: problemas e perspectivas”. In ZIBAS, Dagmar; AGUIAR, Márcia; BUENO, Maria S. (orgs.). *O ensino médio e a reforma da educação básica*. Brasília, Plano Editora, 2002.

DEMO, Pedro. *Complexidade e aprendizagem. A dinâmica não linear do conhecimento*. São Paulo, Atlas, 2002.

DIEESE. *A situação do trabalho no Brasil*. São Paulo, DIEESE, 2001.

DIEESE. “A situação do jovem no mercado de trabalho”. In *Anuário dos Trabalhadores – Maio de 1997*. <<http://www.dieese.org.br/bol/anu/anumai97.html>>

DIEESE. Boletim DIEESE Maio de 1997 – A situação do jovem no mercado de trabalho. <<http://www.dieese.org.br>>

DIMENSTEIN, Gilberto. “180 mil jovens não conseguiram ocupar 872 empregos”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, 6 de julho de 2003.

DOWBOR, Ladislau. *O mosaico partido: a economia além das equações*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

DOWBOR, Ladislau. *O que acontece com o trabalho?* São Paulo, Senac, 2002.

FARID, Jacqueline. “Em um ano, comércio registra perda de 76,4 mil empregos”. *Jornal O Estado de S. Paulo*, 26 de julho de 2003. <[www.estado.com.br](http://www.estado.com.br)>



FERNANDES, Fátima e ROLLI, Claudia. “Cooperativa disfarça crise do desemprego”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Dinheiro, 7 de abril de 2002.

FERNANDES, Fátima e BILLI, Marcelo. “Carteira de trabalho agora rebaixa salário”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Dinheiro, 28 de abril de 2002.

FILMUS, Daniel. “A educação média diante do mercado de trabalho: cada vez mais necessária, cada vez mais insuficiente”. In BRASLAVSKY, Cecília (org.) *Educação secundária: Mudança ou Imutabilidade?* Brasília, Unesco, 2002.

FREITAS, Dirce Nei Teixeira de. “Voltando a Gramsci: indicativos para pensar a escola pública brasileira contemporânea”. *Revista Intermeio – Revista do Mestrado em Educação da UFMG*, vol. 2, nº 3, 1996.

<<http://svr1.ceud.ufms.br/grm/textos/VGramsci.rtf>>

FREITAS, M. E. *Cultura Organizacional, Identidade, Sedução e Carisma*. São Paulo, FGV, 2000.

GOIS, Antonio. “Aluno da rede pública foge do vestibular”. Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, 18 de agosto de 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1992.

IBGE. *Censo Demográfico 2000*. Domicílios Particulares e Permanentes e Moradores, Rendimento Médio Mensal da Pessoa Responsável – Município de São Paulo, Regiões e Distritos Municipais, 2000. Elaboração: Secretaria Municipal de Planejamento Urbano / Sempla – Departamento de informações / Deinfo.

IBGE teen. *Dúvidas – ainda há muitos analfabetos no Brasil?*

<<http://www1/duvidas/analfabetos.html>>

IBGE. Censo Demográfico 2000 - Primeiros Resultados da Amostra. Rio de Janeiro, IBGE, 2001.

KORMANN, Alessandra. “Etiqueta do desemprego”. *Jornal Folha de São Paulo*. Revista da Folha, 29 de julho de 2003.

KOTLER, Philip. “Mapeando o mercado do futuro” In *Repensando o futuro*. São Paulo, Makron Books, 1998.

KUENZER, Acácia Zeneida (org.). *Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. São Paulo, Cortez, 2002.

LAGO, Paula. “Metade dos desempregados são jovens”. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Classificados Empregos, 27 de abril de 2003.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, Atlas, 1996.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. *A difícil transição: análise das trajetórias ocupacionais de jovens operários metalúrgicos*. Artigo apresentado em reunião do grupo de estudos “Economia Mundial”, coordenado por Ladislau Dowbor, na PUC-SP, em 29 de junho de 2001.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. “O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador: conhecimento e participação”. *Tempo social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 13(2): 61-87, novembro de 2001.

MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte, UFMG, 2001.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. "O pensamento pedagógico de Gramsci".

*Revista Histedbr On-Line*, nº 9, mar.2003.

<[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art4\\_9.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art4_9.html)>

NISKIER, Arnaldo. "Droga na escola". *Jornal Folha de São Paulo*. Coluna Tendências e Debates, 28 de setembro de 2001.

NORONHA, Olinda Maria. *Políticas neoliberais, conhecimento e educação*. Campinas, Editora Alínea, 2002.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1996.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates: jovens trabalho e futuro*. Porto, Editora Âmbar, 2001.

PEREIRA, Armand F. (em colaboração com Elizeu de Oliveira Chaves Júnior). "Educação, formação e empregabilidade: algumas questões e opções para combater o desemprego juvenil". In Organização Internacional do Trabalho (org.). *Desemprego juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais*. Brasília, OIT, 1999.

POCHMANN, Marcio. *A batalha pelo primeiro emprego*. São Paulo, Publisher Brasil, 2000.

PRUSSAK L. e DAVENPORT T. *Conhecimento empresarial – Como as organizações gerenciam o seu capital intelectual*. Rio de Janeiro, Campus, 1998.

REHDER, Marcelo. "Desemprego e queda na renda são recordes em SP". *Jornal O Estado de S. Paulo*. Caderno de Economia, 29 de maio de 2003.  
<[www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/05/29/eco028.html](http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/05/29/eco028.html)>

ROSEMBAUM, Yudith. *Emprego, vocação e trabalho*. In IEA – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo – Curso educar na sociedade da informação – Dia-a-dia – Projeto Cidade do Conhecimento.

<[www.usp.br/iea/cidade/educar/dia-a-dia-mod4ses4.html](http://www.usp.br/iea/cidade/educar/dia-a-dia-mod4ses4.html)>

SANTOS FILHO, Nelson Gomes dos. *O poder nas organizações: vertentes de análise*. <[www.frb.br/ciente/docente](http://www.frb.br/ciente/docente)>

SENNET, Richard. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

SCHIRATO, Maria Aparecida Rhein. *O feitiço das organizações: sistemas imaginários*. São Paulo, Atlas, 2000.

SILVA, Mariléia Maria da. “Programa de Trainee: uma questão de currículo”. *Boletim Técnico do Senac*. <<http://www.senac-nacional.br>>

SILVA FILHO, Horácio Penteado de Faria e. “O empresariado e a educação”. In FERRETI, Celso João et al. (orgs.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

SEADE – Taxas de Desemprego Segundo Atributos – Região Metropolitana de São Paulo. <[www.seade.gov.br/titabpv98/tbl/PED/tbl00002.htm](http://www.seade.gov.br/titabpv98/tbl/PED/tbl00002.htm)>

SEADE – Taxas de Participação Segundo Atributos Pessoais – Região Metropolitana de São Paulo. <[www.seade.gov.br/cgi-bin/hpseade/topo\\_geral.ksh?prod=PED](http://www.seade.gov.br/cgi-bin/hpseade/topo_geral.ksh?prod=PED)>

SCHULTZ, Theodore W. *O capital humano: investimentos em educação e pesquisa*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973a.

SCHULTZ, Theodore W. *O valor econômico da educação*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973b.

SOARES, Pedro. "Governo Lula gera 443 mil desempregados". Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Dinheiro, 24 de julho de 2003.

SOARES, Pedro. "Crise do desemprego se agrava na gestão Lula". Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Brasil, 27 de julho de 2003.

SOARES, Pedro. "No Brasil, apenas 12,5% têm computador". Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, 11 de abril de 2003.

STRAUSS, Luis Renato. "Dívidas e evasão crescem na rede privada". Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Cotidiano, 23 de agosto de 2003.

SVEIBY, Karl Erik. *A nova riqueza das organizações: gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento*. Rio de Janeiro, Campus, 1998.

TERRA, J. C. C. *Gestão do conhecimento: o grande desafio empresarial*. São Paulo, Negócio, 2001.

TOLEDO, José Roberto de. "Desemprego triplica; emprego bom cai 35%". Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Trabalho, 24 de março de 2002.

TOURAINÉ, Alain. *O pós-socialismo*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

TREVISAN, Leonardo Nelmi. "Jovens, mentiras e desemprego – algumas incertezas sobre a oferta educacional como receita de felicidade". In DOWBOR, Ladislau et al. (org.), *Desafios do trabalho*. Petrópolis, RJ, Vozes (no prelo).

UNICEF - Os adolescentes brasileiros. <[www.unicef.org](http://www.unicef.org)>

WERNECK, Guilherme. "Cadê o meu emprego? – Trabalho árduo". Jornal *Folha de São Paulo*. Caderno Folhateen, 29 de abril de 2002.

WERNECK, Guilherme. "Retrato falado – Sonhos não muito distantes". Jornal *Folha de São Paulo*, Caderno Folhateen, 5 de agosto de 2002.

Periódicos

*Jornal Folha de São Paulo*

“Cooperativa tira espaço de terceirizada”. Caderno Folha Dinheiro, 7 de abril de 2003.

“Em busca de rumo”. Caderno Folha Classificados Empregos, 27 de abril de 2003.

“Ensino pago não garante qualidade”. Caderno Folha Cotidiano, 6 de julho de 2003.

“Estágio encurta busca, mas falta vaga”. Caderno Folha Classificados Empregos, 27 de abril de 2003.

“Estudar virou prioridade entre os mais jovens”. Caderno Folha Dinheiro, 13 de janeiro de 2002. <<http://www1.folha.uol.com.br>>

“Professor prefere filho na rede privada”. Caderno Folha Cotidiano, 30 de março de 2002.

“Taxa de escolarização cresceu: 15,5% são beneficiados por programa social”. Caderno Folha Brasil, 17 de abril de 2003.

“Trabalho em farrapos – Na Rua do Trabalho, o emprego virou sonho”. Caderno Folha Brasil, 27 de julho de 2003.

“Trabalho infantil no Brasil cai para 12,7%”. Caderno Folha Brasil, 17 de abril de 2003.

*Revista Veja*

Edição 1.768, ano 35, nº 36, 11 de setembro de 2002.

“Profissão”. Edição Especial nº 24, “Jovens”, Agosto de 2003.

### *Sites*

Assessoria de Imprensa da Sub-Prefeitura Aricanduva.  
<[http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spaf/dados/aspectos\\_demograficos/0001/](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spaf/dados/aspectos_demograficos/0001/)>

Assessoria de Imprensa da Sub-Prefeitura Itaquera.  
<[http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spiq/dados/aspectos\\_demograficos/001/](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spiq/dados/aspectos_demograficos/001/)>

Constituição Federal – Art. 6º. <[www.service-cont.com.br](http://www.service-cont.com.br)>

Fórum para o desenvolvimento da Zona Leste. <[www.forumzonaleste.org.br](http://www.forumzonaleste.org.br)>

Gestión del conocimiento. <[www.gestiondelconocimiento.com](http://www.gestiondelconocimiento.com)>

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394/1996 Art. 2º, Art.4º. Art. 5º. <[www.diariooficial.hpg.ig.com.br](http://www.diariooficial.hpg.ig.com.br)>

MEC – Ministério da Educação / INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <[www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)>

Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio. <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)>

PNE - Plano Nacional de Educação. <[www.consed.org.br/pne\\_integra\\_2asp](http://www.consed.org.br/pne_integra_2asp)>

Prefeitura do Município de São Paulo.

<[www.prefeitura.sp.gov.br/orgaosmunicipais/subprefeituras](http://www.prefeitura.sp.gov.br/orgaosmunicipais/subprefeituras)>